



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
CAMPUS AVANÇADO DE PAU DOS FERROS
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS
CURSO DE LETRAS LÍNGUA INGLESA E RESPECTIVAS LITERATURAS

JHONNYS FERREIRA DO NASCIMENTO

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORAS
APOSENTADAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

PAU DOS FERROS

2022

JHONNYS FERREIRA DO NASCIMENTO

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORAS
APOSENTADAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Inglesa e Respectivas Literaturas.

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Maria Eliete de Queiroz

PAU DOS FERROS

2022

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

N244r Nascimento, Jhonnys Ferreira do
Representações Discursivas em narrativas de vida de professoras aposentadas da Educação do Campo. / Jhonnys Ferreira do Nascimento. - Pau dos Ferros (Rio Grande do Norte), 2022.
79p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Eliete de Queiroz.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Análise Textual dos Discursos. 2. Representações Discursivas. 3. Narrativas de Vida. 4. Educação do Campo. I. Queiroz, Maria Eliete de. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

JHONNYS FERREIRA DO NASCIMENTO

TERMO DE APROVAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS EM NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORAS
APOSENTADAS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Monografia apresentada ao curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa, do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE), do Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras Língua Inglesa.

Aprovado em: 29/04/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Maria Eliete de Queiroz
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
Orientadora

Jose Cezinaldo Rocha Assinado de forma digital por Jose
Cezinaldo Rocha
Bessa:04424312445 Bessa:04424312445
Dados: 2022.05.23 10:10:50 -03'00'

Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
1º Examinador



Prof. Dr. Josinaldo Pereira de Paula
Secretaria Municipal de Educação de Pau dos
Ferros/RN
2º Examinador

Dedico esta monografia à espiritualidade superior que sempre esteve ao meu lado

AGRADECIMENTOS

Agradeço à espiritualidade superior, de Exú a Oxalá, por todo amparo no decorrer dos anos. Certamente não estaria aqui se não fosse pelo auxílio nos momentos de dificuldades. Com todo respeito e amor que há em mim.

À minha mãe, pelo apoio e preocupação em alguns momentos desses últimos anos.

À Mirian, pela amizade, carinho, respeito e cumplicidade das últimas décadas. Obrigado por se preocupar comigo, por estar ao meu lado, e pela sensação de amparo. Com todo amor que há em mim.

À Lidyanne, grande amiga da última década. Essa nossa irmandade que ora nos aproxima, ora nos afasta um pouco. Esse movimento que é característico das grandes amizades. E que os próximos anos sejam de alegria.

Ao meu pai Leonardo, ou somente Leo, que apareceu na minha vida em um dos piores momentos, e me mostrou que ainda havia esperanças. E que os orixás sempre nos abraçam quando gritamos por socorro. Sua benção, meu pai.

Aos meus irmãos do Ile Osaala, obrigado por me mostrar como é ter uma família. Amo vocês.

A Alex, meu amigo-cúmplice durante toda a graduação. Obrigado por ser aquele que faz rir, que ajuda, e que fala o que precisa quando necessário.

Aos professores do DLE que foram responsáveis pela minha formação no decorrer desses quatro anos. À professora Eliete, orientadora dessa pesquisa, que logo no 3º período me fez gostar da Linguística Textual. E, também, aos professores Cezinaldo e Josinaldo, que prontamente aceitaram o convite para a banca.

Às professoras Maria José, Marta Bessa, Zilda Torres e Maria Alves por aceitar participar dessa pesquisa. Foi muito gratificante ouvir cada uma de vocês. E, pelo ouvir, aprender. Muito obrigado!

“O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo, e a narrativa alcança sua significação plenária quando se torna uma condição da existência temporal”

(Paul Ricoeur)

RESUMO

O presente trabalho objetivou analisar as representações discursivas que professoras aposentadas da educação do campo do município de São Miguel, localizado no Alto-oeste do estado do Rio Grande do Norte, constroem sobre si mesmas e sobre o tema profissão docente. Fundamentamos, teórica e metodologicamente, em pressupostos da Análise Textual dos Discursos, em seu nível 06, o das representações discursivas (ADAM, 2011; 2017; 2019). Entrevistamos quatro professoras que lecionaram do início da década de 1980 até 2014/2015. Após as entrevistas, realizamos a transcrição e obtivemos as narrativas de vida que serviram como *corpora* para as análises. Foram analisados quarenta e nove fragmentos das narrativas, através das categorias semânticas da referenciação, predicação, modificação e localização espacial e temporal. Esse percurso metodológico atrela o estudo à abordagem qualitativa de pesquisa, tal como expõe Minayo (2015). Ao final das análises, foram construídas as seguintes representações discursivas sobre si mesmas: professora estudiosa, trabalhadora na agricultura, aluna esforçada, porém perseguida, maltratada na escola, dedicada, gostava da profissão, criativa, persistente, feliz em ter sido professora do campo, apta à profissão, inteligente, ótima professora do/no campo, professoras responsáveis, humilde, perseguida politicamente, desvalorizada pelos políticos, incapaz, excluída, sem competência para o ofício, humilhada, grata por ser professora, professor com exemplo, professora que se doou à profissão, professora competente. Pelas categorias semânticas, construiu-se as seguintes Rd sobre o tema profissão docente: alfabetizadoras contratadas pelos pais dos alunos, meninos do campo iam menos à escola, professoras leigas na profissão docente, apadrinhamento político para o ingresso na docência, melhoria das situações econômicas e profissão para além do pedagógico.

Palavras-chave: Análise Textual dos Discursos. Representações Discursivas. Narrativas de Vida. Educação do Campo.

ABSTRACT

The present work aimed to analyze the discursive representations that retired teachers of the countryside education of the municipality of São Miguel, located in the high west of Rio Grande do Norte, build on themselves and the theme teaching profession. We are theoretically and methodologically based on assumptions of the Discourse Textual Analysis, at its level 06, that of discursive representations (ADAM, 2011; 2017; 2019). We interviewed four teachers who taught from the early 1980s to 2014/2015. After the interviews, we conducted the transcription and obtained the life narratives that served as a *corpora* for the analysis. Forty -nine fragments of narratives were analyzed through the semantic categories of reference, predication, modification, and spatial and temporal location. This methodological path is attached to the study to the qualitative research, as shown by Minayo (2015). At the end of the analyzes, the following discursive representations about themselves were built: a studious teacher, worker in agriculture, a hardworking but persecuted student, mistreated at school, dedicated, liked the profession, creative, persistent, happy to have been a field teacher, Apt to the profession, intelligent, great teacher of the countryside, responsible teachers, humble, politically persecuted, devalued by politicians, unable, excluded, without competence for the craft, humiliated, grateful for being a teacher, teacher with an example, a teacher who donated to the profession, competent teacher. Under the semantic categories, the following DR on the theme teaching profession was built literacy teachers hired by the parents of the students, the rural boys went less to school, lay teachers in the teaching profession, political sponsorship for teaching, improving economic situations and profession beyond the pedagogical.

Keywords: Discourse Textual Analysis. Discursive Representations. Life Narratives. Countryside Education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01:** (Esquema 03) Determinações Textuais “Ascendentes” e Regulações “Descendentes”.....página 25
- Figura 02:** (Esquema 4) Níveis/Planos do Texto e do Discurso.....página 26
- Figura 03:** As três Dimensões da Proposição Enunciada.....página 29

LISTA DE QUADROS

- Quadro 01:** Dados Pessoais das Partícipes.....página 41
- Quadro 02:** Categorias Semânticas de Análise das Rd.....página 42
- Quadro 03:** Organização dos Blocos Temáticos de Rd de Si e Quantidade de Fragmentos.....página 43
- Quadro 04:** Organização dos Blocos Temáticos de Rd do tema e Quantidade de Fragmentos.....página 44

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

AD – Análise do Discurso

ATD – Análise Textual dos Discursos

CAPF – Campus Avançado de Pau dos Ferros

LT – Linguística Textual

RD – Representao/es Discursiva/s

UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

1 INICIANDO A CAMINHADA	14
2 LINGUÍSTICA TEXTUAL, ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	20
2.1 Linguística Textual e o conceito de texto.....	20
2.2 Análise Textual dos Discursos (ATD)	24
2.3 Representação discursiva (Rd)	28
3 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DA PROFISSÃO DOCENTE E DA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO	33
3.1 Aspectos Históricos da Profissão Docente	33
3.2 Educação Rural e Educação do Campo	38
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	40
5 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE SI E DO TEMA PROFISSÃO DOCENTE: ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA	45
5.1 Representações Discursivas de Si.....	45
5.2 Representações Discursivas do Tema “Profissão Docente”	62
6 PAUSA NA CAMINHADA: POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	76

1 INICIANDO A CAMINHADA

A Linguística Textual (LT), desde a década de 1960, busca construir um conceito de texto que abarque os fenômenos co(n)textuais, ou seja, um conceito que reflita as questões internas e externas de produção e recepção de enunciados (KOCK, 2018). Ao longo das últimas décadas, na evidência de que o objeto dessa ciência é o texto, autores se dedicaram, e se dedicam, na construção da concepção de texto. Entre esses autores, temos a contribuição de Adam (2011).

Adam (2011) tem contribuído ao longo das últimas três décadas para as reflexões sobre o texto e suas interconexões com a Teoria da Enunciação, Argumentação, Linguística Textual, Análise do Discurso entre outros domínios do saber, influenciando pesquisadores do mundo inteiro. Sua teoria sobre os tipos e protótipos textuais é amplamente utilizada no meio acadêmico e escolar (ADAM, 2019).

Para além dessa discussão sobre as questões prototípicas dos textos, Adam (2011, p.23) elaborou a teoria da Análise Textual dos Discurso, doravante ATD. Pelo próprio título, podemos inferir que se trata da tentativa de analisar texto e discurso. Para o autor, a “[...]a linguística textual é [...] uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos”.

No decorrer desta monografia, quando estivermos a discutir as questões teóricas da ATD, observaremos que se trata de uma teoria que eleva a LT no quadro mais amplo da Análise do Discurso (AD). O papel da Linguística Textual (LT), nesse aspecto, é fornecer “[...]instrumentos de leitura das produções discursivas humanas” (ADAM, 2011, p. 25). O autor advoga uma LT que não se oriente pelos pressupostos das gramáticas de texto, e uma AD emancipada da análise de discurso francesa.

Orientando sua teoria para uma análise de enunciados concretos, a LT é alçada aos domínios mais amplos da AD, nesse sentido, Adam (2011, 2019) cria um campo de estudo profícuo em possibilidades. A ATD, ao tomar o texto em seus aspectos internos e externos, ou seja, co(n)textuais, indica caminhos para o desenvolvimento de possíveis pesquisas que visem o aprofundamento do campo teórico e metodológico. Em outras palavras, em Adam (2011) temos o delineamento da teoria, coube a outros teóricos, além do próprio Adam, o aprofundamento de categorias, conceitos, e questões metodológicas da ATD.

Categorias como responsabilidade enunciativa e estruturação sequencial-composicional (RODRIGUES, PASSEGGI e SILVA NETO, 2010), plano de texto (textura) (PAULA, 2021), e representações discursivas (RAMOS, 2011, QUEIROZ, 2013, DIAS, 2013, PAULA, 2021), estão entre as aprofundadas no decorrer da última década por vários autores, alguns citados nesse estudo. Na ATD temos três níveis ou planos de análise do discurso, e cinco planos ou níveis de análise do texto, e em cada um deles estudiosos buscam aprofundamento. Tomando a proposição enunciada como unidade mínima de análise, Adam (2011) observa que cada uma delas constrói uma representação discursiva (RD) do locutor, do alocutário, do outro ou dos temas tratados.

Ao longo da última década, estudiosos da UFRN e da UERN, em seus respectivos centros de pós-graduação, se dedicaram ao aprofundamento das questões metodológicas/teóricas que envolvem as representações discursivas. Para isso, utilizaram-se de textos das esferas jurídicas, jornalísticas, religiosas, entre outras. A conexão entre texto e discurso, para Adam (2011), é feita por um gênero, por isso a escolha de textos em esferas distintas em pesquisas de mestrado e doutorado na área da Rd. Observar como a Rd é construída em cada texto, dentro de cada esfera, através de categorias semânticas específicas, são questões que envolvem as pesquisas sobre Rd.

Entre 2011 e 2021, tanto na UFRN quanto na UERN, encontramos inúmeras pesquisas de mestrado e doutoramento que se dedicam às Rd. Ramos (2011) analisou as Rd dos verbos ficar e namorar em textos de vestibulandos e pré-vestibulandos. Dias (2013), em tese de doutoramento defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), se debruçou sobre o mito de Cora Coralina, partindo da obra poética da autora, assim como de textos da crítica literária e midiática que envolvem o nome de Cora.

Entre os pesquisadores que tomaram o discurso político, temos: Queiroz (2013), que analisa as Rd do locutor e dos alocutários no discurso de renúncia de Antônio Carlos Magalhães (ACM); Oliveira (2014), Rd no discurso de posse do primeiro mandato de Dilma Rousseff; Neta (2018), Rd de Dilma Rousseff no discurso de defesa do impeachment; Alves (2018), Rd do tema impeachment no discurso político de senadores; Santana (2019), Rd de Lula no interrogatório do caso tríplice; Paula (2021), Rd de Eduardo Cunha e Dilma Rousseff no processo de impeachment no discurso de defesa da presidenta.

No campo do discurso jurídico, temos os estudos de: Lopes (2014), que analisa as Rd de vítima e do réu no gênero sentença judicial; Santos (2016), Rd de vítima e de agressor em inquéritos policiais. Na esfera jornalística/literária: Andrade (2014), Rd de Câmara Cascudo por Mário de

Andrade nas cartas trocadas entre os autores; Aquino (2015), Rd de Lula nas capas das revistas Veja e Época; Nóbrega (2016), Rd do Nordeste nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade; Oliveira (2017), Rd da figura feminina em textos do jornal O Porvir (Currais Novos/Rio Grande do Norte – 1926/1929). Campo religioso: Lopes (2017), Rd na homilia do Papa Francisco na missa pela evangelização dos povos. Paula (2017), se dedica a analisar as Rd em narrativas de remanescentes quilombolas publicadas no livro “A fala de remanescentes quilombolas de Portalegre do Brasil”.

É perceptível nas indicações acima, que as pesquisas que tomam as Rd de si, do alocutário ou dos temas são profícuas nos referidos centros de pesquisa. Através de gêneros que pertençam aos discursos políticos, jurídicos, jornalísticos ou literários, os citados autores buscaram ampliar o arcabouço teórico da ATD, contribuindo para desvelar as questões teóricas e metodológicas das Rd.

Partindo de todo esse conhecimento construído, o presente estudo tomou o nível semântico das Rd como objeto de pesquisa. O *corpus* é constituído por quatro narrativas de vida de professoras aposentadas das comunidades rurais do município de São Miguel, localizado na região do Alto-Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. No primeiro momento, encontramos as professoras que desejaram contar suas histórias e, logo após, selecionamos aquelas que trabalharam entre o final da década de 1970 e 2015, resultando nas quatro partícipes. Realizamos as entrevistas, transcrevemos, e iniciamos o processo de categorizar por períodos da vida que fossem comuns a elas. Logo após, começamos a analisar os dados. Percebemos, assim, que a pesquisa é orientada por uma perspectiva qualitativa de ciência, utilizando como instrumento de construção de dados a entrevista narrativa.

Um dos argumentos que temos para a escolha desse *corpus* de pesquisa, as histórias de vida das professoras aposentadas da zona rural, é dar voz a estas mulheres que tanto contribuíram com a educação do município. Em tempos de negação política e social de realidades, por causa do advento conservador-fascista, populações que historicamente tiveram seus direitos básicos negados, estão sendo cada vez mais silenciadas. É preciso, dentro de cada possibilidade, dar voz a essas pessoas.

Além disso, há uma ligação entre histórias de vida e nosso percurso na universidade. Iniciamos a primeira graduação, em Pedagogia, no *Campus* Avançado de Pau dos Ferros (CAPF)/ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), no semestre de 2010.1 e concluímos em 2013.2. Durante todo o curso estivemos inseridos em projetos de pesquisa e extensão cujas

temáticas sempre estiveram orientadas para questões da educação do campo e relações de gênero. Essa experiência culminou em nosso primeiro Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): “Percorrendo o caminho das águas: A escolha profissional dos(as) alunos(as)-professores(as) do Curso de Pedagogia do PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN” (NASCIMENTO, 2014). O objetivo era compreender quais os fatores que levaram esses sujeitos a escolherem a docência como profissão.

A escolha profissional, a profissionalização do ensino no Alto-Oeste Potiguar, e a identidade docente, sempre foram questões caras em nossos estudos (NASCIMENTO 2013a; 2013b; 2014; 2015a; 2015b) com publicações em eventos ou periódicos, buscamos entender como nos tornamos professores; qual a nossa identidade. Para isso, alicerçamos essas indagações com a pesquisa em histórias de vida, principalmente de professoras oriundas da zona rural. No TCC da graduação em Pedagogia, utilizamos os memoriais de formação como *corpus* para a construção dos dados, tendo em vista que é um gênero acadêmico autobiográfico.

Na especialização, mais uma vez, nos detivemos às questões identitárias: “A identidade profissional de professoras do AEE: entre o saber-ser e o saber-fazer (auto)biográfico” (NASCIMENTO, 2017). Através de entrevistas narrativas, tivemos como objetivo analisar a identidade profissional das professoras do AEE, focalizando os saberes mobilizados e o ser docente. Nesse sentido, tivemos uma trajetória acadêmica envolta na busca pelo entendimento sobre o que é ser professor, sua identidade, através das histórias de vida. E isso não poderia ser posto à margem nesse momento de construção de mais uma pesquisa monográfica. Dessa vez, há a necessidade de compreender outros aspectos que envolvem as histórias de vida de professoras – da zona rural.

Em Nascimento *et al* (2019a) nos aproximamos a Linguística Textual, através da análise dos processos de produção de textos em livros didáticos de língua inglesa. Já em Nascimento *et al* (2019b), refletimos sobre a intolerância religiosa no discurso do tráfico, utilizando como perspectiva teórica a Análise do Discurso. Essas reflexões sobre texto/discurso nos aproximaram do arcabouço teórico da Análise Textual dos Discursos (ATD), culminando com publicações de Nascimento e Queiroz (2020a; 2020b), em que analisamos as representações discursivas (RD) de professoras da zona rural no gênero memorial de formação e, mais uma vez, questões interligadas ao racismo religioso. Partimos dessa trajetória pessoal e acadêmica para dar base a este estudo

monográfico intitulado: “Representações discursivas em narrativas de vida de professoras aposentadas da educação no campo”.

Orientados pelos pressupostos teóricos e metodológicos da ATD, e o nível semântico das Rd (ADAM, 2011), tomando como *corpus* as narrativas de vida das professoras aposentadas da zona rural, o trabalho buscou responder à seguinte problemática de pesquisa: quais são as representações discursivas que as professoras aposentadas da educação do campo do município de São Miguel/RN constroem sobre si mesmas e sobre a profissão docente?

O objetivo geral deste trabalho é investigar representações discursivas que as professoras aposentadas da educação do campo do município de São Miguel/RN constroem de si mesmas e da profissão docente. Dele, desdobraram-se três específicos: i) analisar representações discursivas que as professoras constroem de si e da profissão docente; ii) descrever e interpretar as categorias semânticas que constroem as representações de si e do tema tratado; iii) analisar aspectos históricos, culturais e econômicos da vida docente que constroem as Rd de si e do tema profissão professor.

Partindo dessa problemática e dos objetivos, o trabalho contribuiu para ampliar as pesquisas sobre Rd por meio das narrativas de vida que foram construídas através de entrevistas. Através da ATD, conseguimos compreender como as partícipes se tornaram professoras, suas identidades e quais fatores sociais, econômicos e culturais tiveram maior destaque em suas vidas. Aprender uma Rd como um universo semântico que representa não somente um aspecto singular, ou seja, de uma história de vida, mas sim de várias: o movimento que chamamos de singular-plural (NÓVOA, 2007).

Esta monografia está dividida em cinco capítulos. Na introdução, situamos o campo da pesquisa, realizamos um breve estado da arte, indicamos o *corpus*, as questões metodológicas, justificativa e objetivos de pesquisa. Os capítulos dois e três dedicamos às questões teóricas: o primeiro debate a LT, o conceito de texto, a ATD, a proposição enunciado e a Rd; o terceiro se dedica à exposição sobre profissionalização do ensino e educação do campo, tendo em vista que são questões levantadas pelas professoras nas entrevistas. O quarto capítulo é dedicado aos aspectos metodológicos, apresenta os dados e sua organização, categorias de análise das Rd e organização das análises. No quinto capítulo, trazemos a análise dos dados da pesquisa: primeiro as representações de si, que foram categorizadas em períodos de vida, tais como infância, primeiras escolas, experiências profissionais, entre outras; logo após, no mesmo capítulo, falamos sobre as

Rd do tema profissão docente. Por último algumas considerações finais, retomamos os objetivos e problemática, indicando quais as respostas que o estudo conseguiu alcançar.

2 LINGUÍSTICA TEXTUAL, ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo estaremos a discutir os pressupostos teóricos que alicerçaram este estudo. Na primeira seção, com base nos estudos de Bentes (2001), Koch (2018) e Marcuschi (2012), entre outros, refletiremos acerca da Linguística Textual (LT) e o conceito de texto. Na seção seguinte, abordaremos a perspectiva teórica-metodológica da Análise Textual dos Discursos (ATD) e o nível semântico do texto, o da representação discursiva, com base em Adam (2011).

2.1 Linguística Textual e o conceito de texto

Koch (2018) observa que é de certa obviedade afirmar que o objeto de estudo da LT é o texto. Como campo de estudo da Linguística, a LT surge no contexto europeu, especificamente na Alemanha, em meados da década de 1960, com Harald Weinrich, que advoga toda Linguística, necessariamente, ser Linguística de Texto (BENTES, 2001). Nesses quase sessenta anos de constituição do campo de estudo que compreendemos como LT, a discussão não foi em relação ao objeto, que evidentemente é o texto, mas sim ao conceito de texto que subjaz cada momento.

Em território brasileiro, segundo Fávero (2012), três são as obras que na década de 1980 iniciam as reflexões sobre LT no Brasil: 1º) Por uma gramática textual, artigo do Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis, publicado na revista Letras Hoje (PUCRS), em 1981; 2º) Linguística de texto: o que é e como se faz, do Prof. Luíz Antônio Marcuschi, em 1983; 3º) Linguística Textual: introdução, de Leonor Fávero e Ingedore Villaça Koch, também em 1983. Certamente que as produções foram orientadas por estudos realizados, principalmente, nos países europeus; com destaque para a Alemanha (FÁVERO, 2012).

O primeiro momento da LT foi o das análises transfrásticas e o segundo foi o das gramáticas de texto, com forte base gerativista, por isso, no artigo do Prof. Dr. Ignácio Antônio Neis a defesa era de que a comunicação não se efetuasse por frases, mas sim por textos, pois uma frase isolada não conseguiria dar conta dos processos de construção de sentido. Para este autor, as gramáticas textuais começam a ser elaboradas para teorizar os aspectos de coerência do texto, como parte da construção da textualidade (FÁVERO, 2012).

O livro das professoras Leonor Fávero e Ingedore Villaça Koch também é de 1983. O objetivo da obra era apresentar as discussões que estavam sendo feitas internacionalmente, tanto que as autoras não realizam críticas das teorias expostas. Abarcam as obras de Halliday, Ducrot, Weinrich, que refletem sobre questões específicas dos textos; e Isenberg, Dressler, Petöfi, Van Dijk, com os modelos de gramáticas textuais (FÁVERO, 2012).

Citando Van Dijk, as referidas autoras afirmam que a gramática gerativo-transformacional foi a que melhor teorizou os aspectos da comunicação, pois não esteve somente interessada no que até então era discutido na gramática gerativa, como pressuposição, tema/rema, mundos possíveis, mas sustentou que uma gramática frasal não conseguiria descrever o fenômeno texto. Segundo Van Dijk, a linguística geral teria um conjunto de procedimentos metodológicos de descrições empíricas que dariam sólida base para a elevação de uma gramática frasal para uma gramática textual.

Marcuschi, na obra de 1983, cita inúmeros autores europeus, entre eles Beaugrande e Dressler (1981 *apud* FÁVERO, 2012, p. 231), que tomam o texto como “[...]o resultado atual das operações que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa”. Temos, dessa forma, uma LT que mesmo refletindo sobre o cotexto (aspectos internos da textualidade), só pode sintetizar sentidos se observar as situações de comunicação (contexto).

O teórico nos lembra que antes da década de 1960 os estudos linguísticos se limitavam à frase, seja nos aspectos fonológicos, morfológicos ou mesmo da sintaxe frasal, relegando à margem as questões semânticas e contextuais das diferentes situações de comunicação. Desde sua origem, mesmo sem definir os contornos de seu objeto de estudo, a LT sempre teve um “[...]dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto”.

Em síntese, abarcando algumas nuances da LT, podemos indicar três grandes momentos na evolução do objeto de estudo texto: i) as pesquisas que buscavam compreender as relações interfrasais e transfrasais; ii) o surgimento das gramáticas de texto, advogando que todo falante é competente linguisticamente para produzir e reconhecer textos coerentes; iii) nesse período a LT começa a se ocupar dos fatores de produção, recepção e interpretação dos textos (MARCUSCHI, 2012).

Seguindo o pensamento teórico de Marcuschi (2012, p. 22), temos duas possibilidades básicas para a definição de texto:

- (a) partindo de critérios internos ao texto (olhando-o do ponto de vista imanente ao sistema linguístico) e
- (b) partindo de critérios temáticos ou transcendentais ao sistema (considerando o texto como uma unidade de uso ou unidade comunicativa).

No primeiro aspecto, temos o texto como uma sequência coerente de sentenças. Aqui, há três termos que ancoram essa perspectiva: i) sequência, como um conjunto linear (é problemática na medida em que alguns enunciados não são formados por uma sequência, mas por uma só palavra); ii) sentença, conceito quase ignorado pelos linguistas de texto, mas bem discutido nas gramáticas de frase; iii) coerência, “[...]aspecto da natureza fundamental da sequência e da relação entre sentenças” (MARCUSCHI, 2012, p. 23). Segundo o supracitado autor, essa categoria é pouco útil e difusa, haja vista que as perspectivas que abordam o texto no nível do sistema linguístico tentam criar gramáticas de texto, onde se predominam as questões sintáticas, relegando à margem o nível cognitivo-conceitual e pragmático.

Entre vários autores que se inserem nas discussões sobre as questões linguísticas do texto, Weinrich contribui de forma inovadora, pois advoga que toda linguística é de texto, e o tratamento das formas gramaticais “[...]é um tratamento textual dos artigos, dos pronomes, dos verbos e todos os fenômenos gramaticais” (MARCUSCHI, 2012, p. 26). Como veremos mais adiante, essa perspectiva converge, em alguns aspectos, para o que a Análise Textual dos Discursos (ATD) compreende como questões cotextuais de enunciados concretos.

Marcuschi (2012, p.30) traz uma (quase)definição de texto como a síntese das operações “[...]que controlam e regulam as unidades morfológicas, as sentenças e os sentidos durante o emprego do sistema linguístico numa ocorrência comunicativa”. Isso implica uma LT que não se atenha apenas a aspectos externos ou internos ao texto, de forma isolada, mas que leve em conta as questões morfossintáticas dentro de um contexto real de comunicação. Em resumo, a análise de textos deve proceder os elementos cotextuais e contextuais.

Para o autor, a LT deve ser compreendida “[...]como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção, funcionamento e recepção de textos escritos ou orais” (MARCUSCHI, 2012, p. 33). No nível linguístico, abarca a coesão superficial; no nível semântico, a coerência conceitual, com implicações diretas para a construção de sentidos. Assim, o texto é visto como um ato de comunicação complexo dentro do campo das ações humanas.

Atualmente a LT e o conceito de texto, são discutidos com base em reflexões teóricas que atraem outros campos do conhecimento, como o da teoria da enunciação, o do discurso, o da argumentação e da análise da conversão. Tal como nos faz pensar Cavalcante *et al.* (2010), os possíveis diálogos entre as abordagens do texto e do discurso são mediados pela noção de enunciação, nos moldes de Charaudeau e Maingueneau como um acontecimento, dentro de um contexto com muitas facetas sociais e psicológicas. Nesse processo de enunciação ocorrem os enunciados, e estes podem, ou não, corresponder a textos completos. É dela que se originam os textos: “[...]e os interlocutores [são] sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos” (KOCH, 2004, p. 32-33 *apud* CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 226).

Hoje, a LT é compreendida como uma teoria transdisciplinar, haja vista que o fenômeno texto é tratado por áreas diferentes da linguagem, como as que citamos no parágrafo anterior, cada uma com um objetivo diferente acerca do citado objeto. “[...]o texto é a unidade funcional que não somente permite a interação, como também viabiliza diversas formas de representar o mundo[...]” (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 228). Essa compreensão é baseada nos pressupostos teóricos que alicerçam as discussões de Cavalcante *et al.* (2020) sobre a referenciação, a dêixis, a argumentação, o discurso. Dessa forma,

Acreditamos que nossas postulações vão ao encontro da proposta teórica de Adam (2008), no interior da qual texto e discurso são pensados de forma contextualizada, articulada. O autor situa a Linguística Textual como subdomínio da área mais ampla da análise das práticas discursivas, argumentando, ao mesmo tempo, em favor de uma separação e de uma complementariedade nas suas relações mútuas e nas ligações com outras áreas do saber (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 228).

Adam (2011) reconhece em suas discussões o texto em consonância com as práticas discursivas, aloca a LT em um quadro mais amplo dessas práticas. LT como um subdomínio do discurso, não é apenas microestrutural ascendente, das menores unidades para as maiores; mas também descendente, abarcando as macroestruturas do texto, tais como sequências e gêneros do discurso, como “Disciplina auxiliar da análise do discurso, a linguística textual apresenta um corpo de conceitos próprios[...]” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 307).

Assim, o texto é definido como “[...]uma sequência significativa (considerada coerente) de signos entre duas interrupções marcadas da comunicação” (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 467). Há, nessa definição de texto construída por Adam no Dicionário de Análise do

Discurso, uma simbiose entre os aspectos micro e macro textuais, os aspectos internos e externos da comunicação oral ou escrita, numa relação co(n)textual de sentido.

Em outra obra, Adam (2017, p. 46) amplia a concepção de texto e o indica como “objeto singular resultante de uma ação sociodiscursiva e de um ato de enunciação”. Texto, como processo de uma interação social, materializa semioticamente uma ação sócio-histórica de discurso. O autor nos fala do duplo sentido de texto: ao mesmo tempo em que é produto de uma singularidade, também expressa questões discursivas que estão postas em um contexto macrosocial.

Koch (2018) observa que a partir de meados da década de 1980, principalmente com os estudos de Van Dijk, a tendência sociocognitivista ganha espaço nos estudos sobre o processamento do texto. Entre os autores que se interessam por esse campo de estudo, a autora cita os trabalhos de Adam, que debateremos no próximo subitem o campo da ATD.

2.2 Análise Textual dos Discursos (ATD)

Para pensarmos a ATD, trazemos Adam (2011, p. 23) com a definição de que “[...]a linguística textual é, em contrapartida, uma teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos”, a LT vista no quadro mais amplo da Análise do Discurso (AD), envolve texto, gênero e discurso, pressupostos que alicerçam o campo da ATD.

Como nos faz refletir Queiroz (2013), a ATD é um campo do conhecimento de natureza teórica, metodológica, descritiva e interpretativista, que busca elevar texto e discurso a novas categorias, que são complementares e se condicionam. Dessa forma, a ATD delimita novos aspectos teóricos para a LT e para a AD, ao mesmo tempo que indica novas categorias metodológicas para a análise de enunciados concretos, sendo essas categorias de caráter descritiva e interpretativista.

Para Adam (2011, p. 63), o papel da LT dentro do campo das práticas discursivas, é “[...]teorizar e descrever os encadeamentos de enunciados elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto”. Para ele, texto é uma rede de determinações, e cabe a LT o trabalho de detalhar as relações de interdependência que há nessa rede.

Nesse sentido, a tarefa da LT é tanto “[...]à descrição e à definição das diferentes unidades como às operações, em todos os níveis de complexidade, que são realizadas sobre os enunciados”. Da palavra ao plano de texto, é papel da LT realizar o detalhamento das relações que interligam

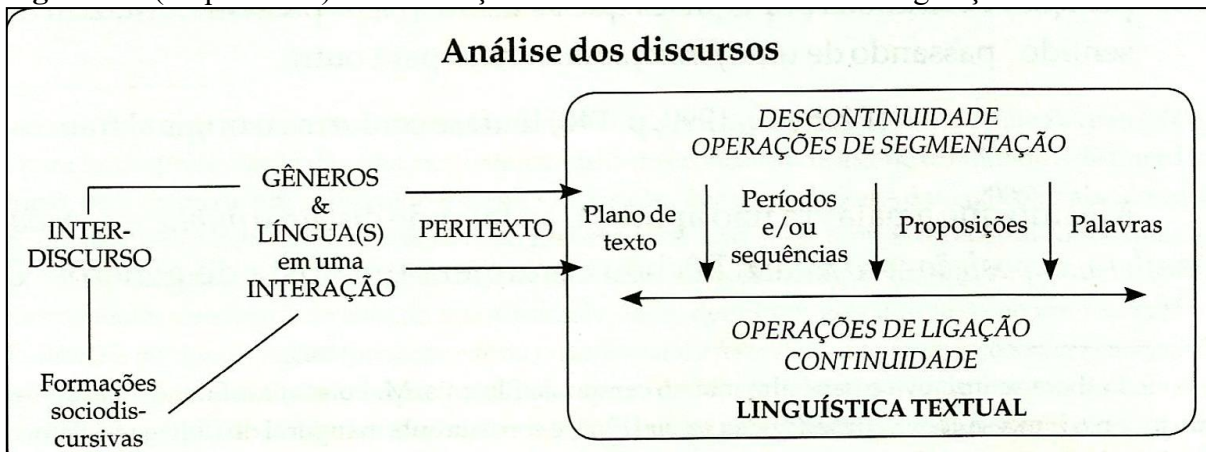
essas unidades, observando os aspectos discursivos que ali estão postos. O discurso não é vislumbrado como algo transcendente, mas como material concreto, que foi textualizado em determinado gênero.

Mesmo com essas definições, Adam (2011) reconhece que o texto é um objeto muito complexo, síntese da empiria, e que sua descrição necessitar-se-ia de diferentes teorias, mas, para ele, é preciso situar texto no domínio do discurso e, assim, surge a ATD como novo quadro dentro das ciências da linguagem. Como afirmamos anteriormente, cabe a LT fornecer os instrumentos para a leitura das produções discursivas humanas, haja vista que na ATD a textualidade é vista como “[...]conjunto de operações que levam um sujeito a considerar, na produção e/ou na leitura/audição, que uma sucessão de enunciados forma um todo significante” (ADAM, 2011, p. 25), ampliando que é na enunciação que se produz enunciados, os quais podem ou não corresponder a textos completos (CAVALCANTE *et al.*, 2010).

O tratamento discursivo dado por Adam ao texto, reflete às novas bases teóricas que desvencilha a LT das gramáticas de texto e se emancipa dos pressupostos da AD francesa. A referência da AD para Adam é o trabalho de Maingueneau (1991a, 1995 *apud* ADAM, 2011, p. 43).

O esquema abaixo é utilizado por Adam para explicar as intersecções entre LT e AD.

Figura 01: (Esquema 03) Determinações Textuais “Ascendentes” e Regulações “Descendentes”.



Fonte: Adam (2011).

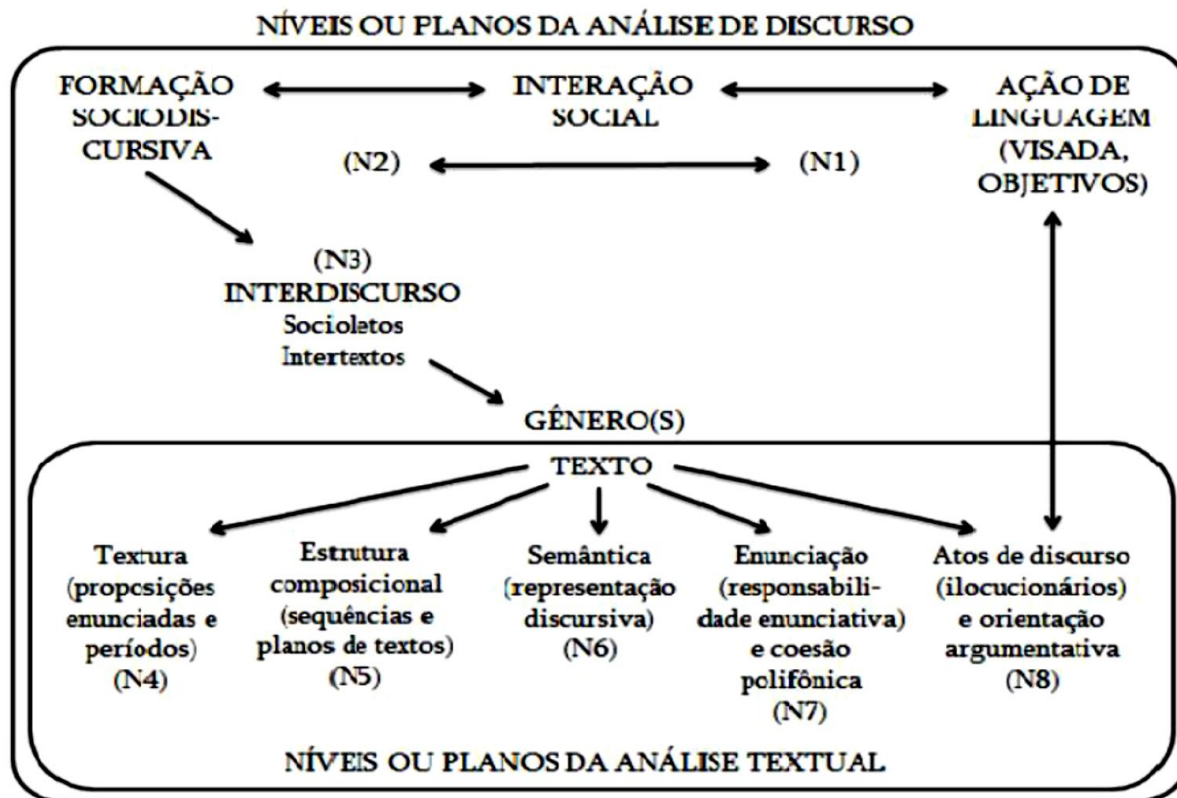
Pela leitura do esquema, a LT se encontra como subdomínio da AD, conforme já afirmamos. Da direita para a esquerda, as determinações textuais ascendentes, iniciando de

unidades menores, como as palavras, indo até o plano de texto, do menor grau de complexidade da língua para o maior grau na construção do texto.

Da esquerda para a direita, temos as regulações descendentes, que envolvem as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos gêneros de cada enunciado, na construção das práticas discursivas. Segundo Queiroz (2013, p. 25), os elementos “[...]que se encarregam de situar o texto no contexto das formações discursivas, ou seja, o que é dito pelo enunciador no seu contexto aparece sob a forma de um gênero[...]”.

Na Figura 02, temos os níveis de análise textual dentro do arcabouço da ATD, na interligação texto, gênero e discurso.

Figura 02: (Esquema 4) Níveis/Planos do Texto e do Discurso



Fonte: Adam (2011, p. 61).

Pela leitura do esquema 4, o nível 1 (N1) do discurso compreende o sujeito em movimento dentro de uma ação de linguagem, orientando argumentativamente o texto, tendo em vista uma intenção comunicativa, em um processo de interação, determinado pelo contexto de comunicação (N2) e as formações discursivas (N3) “[...]que vão especificar o que vai ser dito por esse sujeito na

sua ação de linguagem e de que maneira o texto deve ser construído e corporificado em um gênero textual” (QUEIROZ, 2013, p. 36).

A sequencialidade textual está presente nos níveis 04 e 05 do texto, as proposições enunciadas, os períodos, sequências e planos de texto remetem à textura e a sua composição. Os níveis 06, 07 e 08, que são da representação discursiva, responsabilidade enunciativa e valor ilocucionário, segundo Passeggi *et al.* (2010, p. 268), “[...]são dimensões constantes ao longo do texto, tanto em nível local como global, pois cada enunciado elementar do texto expressa, simultaneamente, um conteúdo semântico, um ponto de vista e um valor argumentativo.

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 152) fazem uma sucinta análise desses níveis: a) um nível sequencial-composicional, em que a proposição enunciada se organiza em períodos, sequências e, por fim, planos de texto; b) um nível enunciativo, da responsabilidade enunciativa, que são as vozes que emergem do texto; c) um nível semântico, apoiado na noção de representação discursiva; d) um nível argumentativo, atos de discurso que orientam o texto.

Se entre o discurso e o texto há os gêneros textuais, falemos agora sobre eles. Citado pelo próprio Adam (2017), Marcuschi (2008, p. 155) nos traz uma boa noção de gênero: “[...]refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes”. Só podemos nos comunicar verbalmente através de algum gênero, dessa forma, nos comunicamos por intermédio de textos. “Isso porque toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Em duas de suas obras, Adam (2017; 2019) cita os trabalhos da *Textlinguistik* alemã, que diferencia os *Texttypen*, tipos de texto, e *Textsorten*, gêneros de textos, acrescentando o conceito literário de *Gattung*, gêneros literários. Refutando essa separação clássica entre os gêneros literários, objeto da poética, dos demais gêneros do discurso comum, que são objetos de estudo das ciências da comunicação e da análise do discurso, Adam (2017; 2019) reúne *Gattung* e *Textsorten* sob o mesmo rótulo de gêneros de discurso.

Afirmando que: “o grande linguista brasileiro Luiz Antônio Marcuschi resumiu muito bem[...] a oposição de fundo entre *Texttypen* e *Textsorten*” (ADAM, 2019, p. 30), indica que os primeiros são: “1) construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas; 2) não são textos empíricos; 3) predomina a identificação de sequências linguísticas típicas; 4) conjunto limitado de categorias teóricas” (ADAM, 2017, p. 48). *Textsorten*, ou seja, gêneros textuais, possuem as seguintes características: “1) formas verbais de ação definidas por propriedades

sociocomunicativas; 2) textos empíricos; 3) predominam os critérios de ação sociocomunicativa; 4) conjunto aberto de designações concretas” (ADAM, 2017, p. 48).

Para referido autor, essas reflexões encerram as diferenças entre o conceito de texto e de discurso, tendo em vista que o primeiro é objeto de estudo da LT teórica, e o de gênero ao estudo dos textos empíricos (*Texttypen* e *Textsorten*, respectivamente). Realizando um percurso acerca do conceito de gênero em Volochinov e Bakhtin, principalmente sobre as esferas de comunicação e a construção de gêneros do discurso, estes como constructos relativamente estáveis do processo de enunciação, Adam (2017; 2019) indica que as questões culturais de uma determinada esfera de comunicação influencia na estabilidade, ou não, de um gênero.

Charaudeau e Maingueneau (2020), citando a teoria das sequências textuais de Adam, observam que para este último autor, há diferenças entre gênero e tipo/sequência textual (discussão muito profícua e aceita atualmente). Essa sequência estaria em um nível intermediário entre a frase e o texto: “As sequências são unidades composicionais um pouco mais complexas do que simples períodos com os quais elas se confundem algumas vezes” (ADAM, 1999, p. 82 *apud* CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 250). Esse propósito é chamado, por vários autores, de gêneros textos; tal como expõem Charaudeau e Maingueneau (2020).

Para nossas próximas discussões, no subitem a seguir, exploraremos o nível semântico (N6), o da representação discursiva.

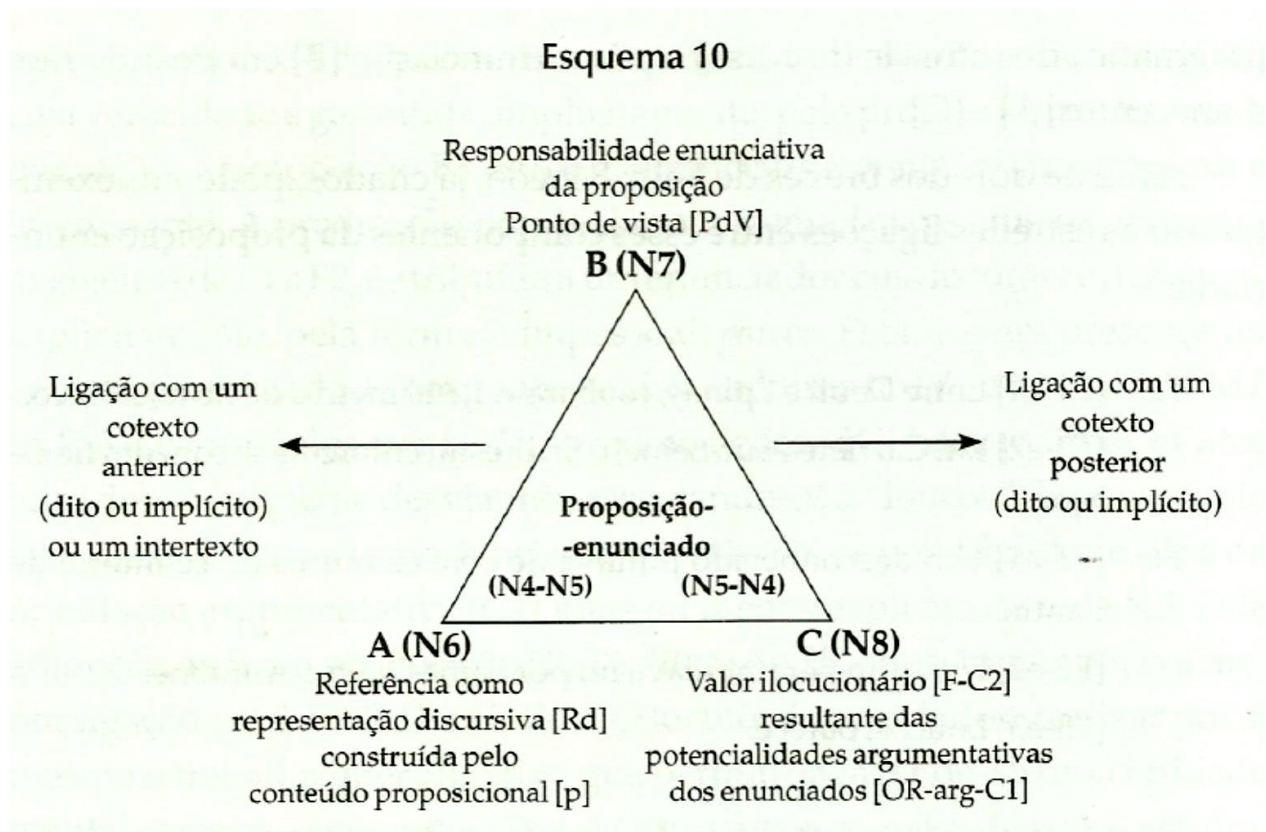
2.3 Representação discursiva (Rd)

Com base em Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p.173): “Todo texto constrói, com maior ou menor explicitação, uma representação discursiva do seu enunciador, do seu ouvinte ou leitor e dos temas ou assuntos que são tratados”. Essa conceituação articula as noções de texto e representação discursiva, dentro do arcabouço teórico da ATD. Em síntese, o conceito de Rd entende o texto como representação semântica, que envolve o locutor dos discursos, o alocutário e o tema tratado, dentro de um contexto de ação linguageira, onde há um processo de troca, compreensão e interpretação dos dizeres (QUEIROZ, 2013).

Para a análise textual, Adam (2011, p. 108), amparado na teoria da enunciação de Benveniste, propõe o que denomina de proposição-enunciado, indicando que esta “[...]é o produto de um ato de enunciação: ela é enunciada por um enunciador inseparável de um coenunciador”.

Temos, então, alguém que enuncia, seu parceiro no processo de comunicação, e um tema a ser tratado, em um processo permanente de interação verbal. O referido autor advoga que a proposição enunciada abarca três dimensões complementares. Vejamos o esquema abaixo construído por Adam (2011, p. 111):

Figura 03: As três Dimensões da Proposição Enunciada



Observando a figura acima percebemos que a proposição-enunciado apresenta a representação discursiva (nível 06), a responsabilidade enunciativa (nível 07) e o valor ilocucionário na orientação argumentativa (nível 08). Essas unidades textuais de base “[...]funcionam como parte de um processo de construção do texto e não como o texto em si” (AQUINO, 2015). Essas proposições interligam-se através de vários processos semânticos, tais como: correferência e anáforas; isotopias; colocações; elipses e implícitos; conectores (textuais e argumentativos).

Nesse sentido, a Rd é construída por enunciado mínimo, composto de nome, sintagma nominal, e verbo, sintagma verbal, “[...]até um grande bloco de microunidades representacionais, formado por períodos, parágrafos e sequências” (QUEIROZ, 2013, p. 49). O que é dito pelos teóricos é que toda proposição é um microuniverso semântico, que constitui uma representação discursiva mínima.

Rodrigues, Passeggi, Silva Neto (2010), Queiroz (2018) observam que Adam (2011) não se aprofundou nos procedimentos de análise da representação discursiva. Para isso, os autores que se detém a estudar as Rd, amparam-se nas reflexões da lógica natural de Grize, principalmente no seu conceito de esquematização. Jean-Blaise Grize buscou compreender como os sentidos que damos as coisas são operados cognitivamente, seu conceito de lógica natural é uma alternativa à lógica proposta por Piaget, teórico da epistemologia, haja vista que está mais interligada aos sentidos construídos pela linguagem (CAMPOS, 2014).

A lógica de Grize, segundo Campos (2014), está associada a um modelo de comunicação com cinco postulados: dialogismo, situação de interlocução, da representação, a ideia de pré-construído cultural (toda representação é moldada historicamente), e que todo objeto de construção são processos da comunicação e, também, resultados. Percebemos, nesta perspectiva, que a “[...] comunicação como atividade simbólica implicaria a construção psicossocial de imagens do mundo” e que as “[...] representações que temos do mundo e de seus sujeitos seriam moldadas historicamente através das línguas” (CAMPOS, 2014, p. 975). Dessa forma, Queiroz (2018) observa que a comunicação discursiva só se efetiva se os interlocutores compartilharem conhecimentos culturais/históricos que tenham uma mesma base.

Campos (2014, p. 975) define esquematizações como “[...] processos situados de comunicação baseados em imagens do mundo (representações individuais e sociais)”. Por isso a importância de Grize para a categoria semântica das representações discursivas, pois este autor inova ao integrar os conceitos de objetos e operações aos sujeitos da comunicação, buscando “[...] representar a maneira pela qual os sujeitos co-raciocinam pela comunicação” (CAMPOS, 2014, p. 975).

Aprofundando o que expusemos acima, trazemos o pensamento de Philippe Lane (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 211), afirmando que Grize desenvolveu sua teoria da esquematização no Centro de pesquisas semiológicas da universidade suíça de Neuchâtel. Tal como afirmamos no parágrafo anterior, a lógica natural de Grize formula cinco pressupostos

básicos: i) dialogismo, tal como expõe Bakhtin – circunstâncias da troca e da enunciação; ii) situação de interação – apresentando dimensões concretas e teóricas do discurso; iii) representações: “As três representações elementares são aquelas que o locutor A tem de si mesmo, aquela que ele tem do ouvinte B e aquela que ele tem daquilo sobre o que se fala (tema abordado)”; iv) os pré-construídos culturais; v) construção de objetos (de discurso), onde temos os processos referenciais.

Segundo Philippe Lane (CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2020, p. 212), Adam insere essas discussões no quadro da linguística textual e da análise do discurso, abarcando quatro aspectos da noção de esquematização: i) uma esquematização é, ao mesmo tempo, operação e resultado; ii) toda representação discursiva é esquemática; iii) toda representação é uma coconstrução; iv) toda esquematização é uma proposição de imagens.

Neste estudo, estamos a (re)construir, através das categorias semânticas que serão expostas ainda nesse item, as Rd de si e do tema profissão docente nas narrativas de vida. Dessa forma, o conceito de imagem de si na Rd é semelhante ao de *ethos*, tão caro às teorias da Argumentação: todo discurso indica o *ethos* do locutor, qual imagem que ele busca transmitir ao seu auditório em busca do convencimento; o *páthos*, a tentativa de convencer pela emoção; e o *logos*, a busca por convencer pela razão.

Nesse percurso, Amossy (2016, p. 09) afirma que: “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”. Assim, uma representação discursiva do locutor pode ser vista, na teoria na argumentação, como o *ethos* desse orador, ou seja, das imagens que se utiliza para convencer um auditório. De forma deliberada ou não, todo sujeito em um processo de comunicação constrói uma imagem de si e do outro, e vice-versa.

Essa imagem de si, que na ATD denominamos de Rd, agrega toda a carga histórica, social, política, de crenças, enfim, a identidade do sujeito que toma a fala. Sintetizando: “[...]a imagem que eles fazem de si mesmos, do outro e a que imaginam que o outro faz deles” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 20 *apud* AMOSSY, 2016, p. 11). A própria Amossy (2016, p. 24) afirma que Adam só utilizava a noção de *ethos* indiretamente em seus estudos de LT, mas que “[...]agora a integra plenamente em sua reflexão teórica”.

Retomando Amossy (2016), Adam (2016, p. 95) diz que “o conceito-chave de lógica natural [...] é o de **esquematização, portanto, de representação discursiva**” (grifos do autor). Para o autor, “uma esquematização tem por função fazer alguém ver alguma coisa, mais precisamente, é

uma representação discursiva orientada para um destinatário sobre como seu autor concebe ou imagina uma determinada realidade” (ADAM, 2016, p. 105). Ou seja, uma esquematização precisa, no processo dialógico, ser reconstruída, (re)interpretada por seu destinatário ou, em nosso caso, pelo pesquisador. No quadro teórico da ATD, as Rd são sintetizadas e analisadas partindo de categorias semânticas de análises, tais como referenciação, predicação, localização espacial e temporal, modificação, entre outras.

Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010) as seguintes semânticas de análise da Rd: i) referência (referenciação): toda entidade ou objeto que é nomeado/introduzido/retomado no texto; ii) predicação: processos verbais e relações predicativas dos enunciados (o que se diz do referente; iii) aspectualização: atributos dos referentes e dos processos verbais; iv) relação: assimilação analógica e figuras de linguagem que articulam os enunciados; v) localização: circunstâncias de tempo e espaço.

Queiroz (2013) retoma: referenciação; predicação e traz a modificação dos referentes e das predicações (no lugar da aspectualização). Traz a comparação; conexão e localização (espacial e temporal). Para análise de nosso objeto, nesta pesquisa, fazemos uso das categorias da referenciação, predicação, modificação e localização espacial e temporal. A referenciação como atividade discursiva é entendida como forma de nomear, renomear, (re)categorizar um referente. A categoria semântica da localização, temporal e/ou espacial, é muito importante, pois indica as circunstâncias em que as ações dos participantes ocorreram (PAULA, 2020; QUEIROZ, 2013).

A modificação apresenta as qualidades, atributos dos referentes, nomes adjetivos e expressões equivalentes; e do processo da predicação, marcado principalmente por advérbios ou locuções adverbiais.

A predicação refere-se aos processos verbais e nominais que se interligam ao referente dizendo algo sobre ele. Pode ser uma ação (verbal), ou um estado. A modificação é vista por Queiroz (2013, p. 98) como “[...]aquela que apresenta as propriedades ou qualidades tanto dos referentes como das predicações, por isso ela pode ser subdividida em modificação da referenciação e modificação da predicação”.

No próximo capítulo, brevemente, apresentaremos, o contexto histórico e social da profissão docente, da educação do campo e das questões que envolvem memória.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS DA PROFISSÃO DOCENTE E DA EDUCAÇÃO DO/NO CAMPO

Dois aspectos, entre tantos outros que poderiam ser citados aqui, nos levaram a escrever esse capítulo: i) “Uma esquematização é sempre situada e exige, pois, que o analista disponha de conhecimentos que a ultrapassem” (ADAM, 2016, p. 106); ii) “É impossível separar o *eu* profissional do *eu* pessoal” (NÓVOA, 2007, p. 17, grifos do autor). Conforme discutimos no capítulo anterior, ao analista cabe (re)construir a Rd, para isso, ele precisa, conforme afirmou Adam, ter conhecimento amplo sobre a temática. São nas histórias de vida, textualizadas nas narrativas, que compreenderemos a Rd que as professoras aposentadas têm de si mesmas e da docência. Precisamos, também, saber de onde partindo quando falamos em profissão docente e educação do campo, com isso, defendemos a noção de profissionalização do ensino e educação do/no campo.

3.1 Aspectos Históricos da Profissão Docente

Antes de iniciarmos nossas discussões sobre profissão docente, destacamos que a docência sempre ficou em uma posição Estado *versus* esperança de ascensão social das camadas mais pobres da população. O Estado sempre buscou se utilizar da educação formal para perpetuar a estratificação/reprodução social (NÓVOA, 2008).

Para além dessas discussões, nos encontramos com a posição de Adorno (1969, p. 118) quando este afirma que “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser possível nem necessário justificá-la”. O contexto político, social e cultural que precedeu os terrores do nazismo nunca esteve tão presente como atualmente. No momento de escrita dessa monografia, o conservadorismo de ultradireita se infiltrou no governo brasileiro de tal forma que defender setores da sociedade que foram historicamente segregados, como os povos nativos, quilombolas, as mulheres, homossexuais, entre outros, é crível de ser taxado de comunista¹. São tempos difíceis.

¹ Para se ter uma ideia do que estamos a falar, uma notícia do dia 27 de fevereiro indica que o Brasil é o país onde o extremismo de direita mais avançou nos últimos anos. Educação e barbárie devem, cada vez mais, serem discutidas. Link: https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-o-pais-onde-extremismo-de-direita-mais-avanca-com-mais-de-530-celulas-25411436?utm_source=globo.com&utm_medium=oglobo

O contexto geopolítico mundial está em levante para uma guerra (nesse momento, a Rússia invade a Ucrânia). Citamos esses aspectos aqui, pois é impossível separar educação da profissão professor. Assim como não separamos a profissão da história dos professores. Cada professor é uma narrativa entrelaçada por suas crenças sobre o ensino, a profissão, e a sociedade. A educação, por muitos motivos de ordem econômica, social, cultural, política, não conseguiu evitar a barbárie, como estamos vendo atualmente.

Nesse interim, observamos que o magistério passa, há muitas décadas, por uma crise que se arrasta há décadas, e não observamos ações políticas e sociais que busquem remediá-la. Os baixos salários, insatisfação com o tratamento dado pelo Estado, as inúmeras dificuldades nas relações entre professores-alunos-pais, insegurança profissional por causa das mudanças sociais tão recorrentes, entre outras (NÓVOA, 2008; NASCIMENTO, 2014).

Nóvoa (1992, p. 12, grifos no original), nos leva a refletir: “os professores vivem tempos difíceis e paradoxais. Apesar das críticas e das desconfiças em relação as suas competências profissionais exige-se-lhes quase tudo. *Temos de ser capazes de pensar a nossa profissão*”. O *pensar a profissão* serviu de temática para inúmeras pesquisas de mestrado e doutorado no Brasil, nos programas de pós-graduação. Os pesquisadores começam, há algumas décadas, a se dedicar a vários fenômenos inerentes à docência, como: saberes docentes, história da profissão, currículo e Estado, desvalorização profissional, mal-estar docente, e tantos outros campos de estudo que foram sintetizados em Nascimento (2014).

Para este estudo, partimos de uma concepção histórica de profissão baseada na profissionalização do ensino.

A profissionalização é um processo do qual os trabalhadores melhoram o seu estatuto, elevam os seus rendimentos e aumentam o seu poder/autonomia. Ao invés, a proletarização provoca uma degradação do estatuto, dos rendimentos e do poder/ autonomia; é útil sublinhar quatro elementos deste último processo: a separação entre a concepção e a execução, a standardização das tarefas, a redução dos custos necessários à aquisição da força de trabalho e a intensificação das exigências em relação à atividade laboral (MARK GINSBURG, 1990, p. 335 apud NÓVOA, 1992, p. 24, grifos no original).

Se compararmos a docência com outras profissões socialmente privilegiadas, tal como as que envolvem o Direito, Medicina e Engenharias, compreendemos os conceitos de profissionalização e proletarização indicados por Mark Ginsburg. Os professores ainda não

conseguiram adquirir um *status* profissional/social/cultural das profissões citadas anteriormente, e isso por vários motivos: massificação das escolas e pouca formação profissional; o fenômeno da faminização do magistério; falta de um código de ética e associações (que se diferem de sindicatos); construção de um *corpus* de saberes profissionais de base, entre outros (NASCIMENTO, 2014).

Ao invés de nos utilizarmos do conceito de proletarização, preferimos, por questões de autoria, utilizar o de desprofissionalização, tal como o concebe Nóvoa (2008). Esse último autor é um dos pioneiros no estudo da história da profissão docente, na Europa, e que muito influenciou as pesquisas sobre a história aqui no Brasil. Quando falamos da massificação das escolas e da pouca formação, queremos indicar o movimento iniciado na década de 1970, e ampliado na de 1980, que ampliou a oferta de vagas nas escolas públicas². O que chamamos de democratização do acesso à escola. Porém, atrelado a isso, não foi oferecida formação adequada aos futuros professores, e nem equiparam as escolas para receber a enorme quantidade de discentes. Muitos docentes leigos³ foram convocados, de várias formas, principalmente pelo apadrinhamento político que já existia, para ensinar aos jovens alunos (VICENTINI e LUGLI, 2009; NASCIMENTO, 2014).

Nos últimos anos, temos desenvolvido pesquisas sobre a docência na região do Alto-Oeste Potiguar⁴. Mesmo que haja um marco histórico que delimite categorias que tornem um ofício até então exercido por sacerdotes em um ofício de Estado (NÓVOA, 2008), sempre devemos contextualizar essas categorias em um determinado espaço. Por exemplo, se em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, entre outras, o recrutamento de professores começou a ser realizado desde a década de 1980 através de provas, nos interiores ainda prevaleceu, durante muito tempo, as práticas coronelísticas da indicação política (VICENTINI e LUGLI, 2009; NASCIMENTO, 2014). E isso vale para a formação em nível superior, uso de palmatória, sindicalização, entre outros aspectos.

Partindo desse entendimento de que a história da docência deve ser compreendida macro e micro espacialmente, este estudo adotou, como já adiantamos acima, o pressuposto teórico de docência como processo de profissionalização, entendida como: “[...]a dinâmica do processo em

² As professoras partícipes desta pesquisa vão indicar, em suas narrativas, que já chegaram a trabalhar, de forma multisseriada, com 60 (sessenta) alunos em uma única sala; essa sem estrutura, carteiras, materiais didáticos, etc.

³ Nóvoa (2008) nos fala dos professores leigos como aqueles que não estavam mais ligados à Igreja Católica, tal como veremos mais a frente nesse subitem. Para nós, porém, professores leigos são aqueles que não possuem formação específica para atuar nas salas de aula. Aqui no Brasil, durante muitas décadas, professoras que eram apenas alfabetizadas foram apadrinhadas para atuarem nas escolas rurais (VICENTINI e LUGLI, 2009; NASCIMENTO, 2014).

⁴ Região do estado do Rio Grande do Norte, localizada na mesorregião do Oeste Potiguar, composta de 30 municípios.

que os professores passam a se constituir e se desenvolver enquanto uma categoria profissional” (VICENTINI e LUGLI, 2009, p. 11), tendo em vista que “[...]o processo histórico de profissionalização do professorado (passado) pode servir de base à compreensão dos problemas actuais da profissão docente (presente)” (NÓVOA, 2008, p. 14). Que ninguém acredite que os conflitos envolvidos na docência são atuais. Eles são síntese histórica de conflitos sociais. A valorização só passará por aqui, se os professores compreenderem sua história: de vida embricada na da profissão. Mesmo que não esteja em um objetivo específico, é importante que pesquisas que envolvem professores possam contribuir para, cada vez mais, profissionalizar o ensino.

Acerca da feminização do magistério, e sua influência na desprofissionalização, trazemos o pensamento de Louro (2000), que em um breve, porém profícuo histórico sobre a temática, observa que antes de meados do século XIX, a docência era exercida quase que exclusivamente por homens. Mas, com a industrialização do país após esse período, os homens começaram a ser direcionados à outras ocupações mais rentosas dentro do mercado de trabalho. Coube, então, às mulheres o ensino primário. O discurso da sociedade era que as mulheres tinham vocação para a função, pois nasceram para serem mães.

Destaca Louro (2000, p. 450-451) que o “O processo de feminização do magistério também pode ser compreendido como resultante de uma maior intervenção e controle do Estado sobre a docência”. Quanto mais o Estado intervém em uma profissão, menos *status* social ela adquire. Nas Escola Normais, nesse período, a maioria do público eram mulheres (quase totalidade), em busca de uma possibilidade de emprego. Mesmo sendo um aspecto do final do século XIX, demonstramos em Nascimento (2014) que a busca pelo emprego, como única possibilidade, ainda ocorria nas décadas de 1960 e 1970 do século XX em nossa região.

Ao longo das décadas, o magistério tornou-se uma profissão predominantemente feminina, principalmente os anos iniciais. Ora, se a vocação da mulher era educar os filhos, cuidar das crianças pequenas era uma questão quase óbvia. Dessa forma, nas salas de aula da zona rural, geralmente multisseriadas, a predominância era de educadoras. Por isso que as partícipes desta pesquisa são mulheres.

Não há, ao pesquisar sobre professores/docência, separarmos as questões relativas a gênero. Por exemplo, tanto em nosso primeiro estudo monográfico (NASCIMENTO, 2014), quanto nesta pesquisa, é perceptível que o grau de escolarização era maior entre as mulheres da zona rural. Mesmo com o trabalho na agricultura, as mulheres ainda eram incentivadas a aprender a ler e

escrever, talvez por isso que haja sempre tanto foco na questão da alfabetização entre as professoras partícipes. Já aos irmãos, os homens, era destinado o trabalho na roça, não sobrando tempo, ou disposição, para o aprendizado das primeiras letras.

Antes de concluirmos esse tópico sobre a profissionalização, queremos indicar uma questão relativa à desprofissionalização da docência nos últimos anos (no Brasil). Com base em todos os estudos de Nóvoa (2008), Vicentini e Lugli (2009), Louro (2000) e Nascimento (2014), entre outros, afirmamos que nunca na história da profissão, os professores tiveram sua imagem profissional tão distorcida, desgastada e maculada pelo Estado brasileiro. Desde o impeachment sofrido por Dilma Rousseff, em agosto de 2016, os docentes, da Educação Básica aos Universitários, vêm sofrendo ataques de ordem ideológica por setores da extrema direita⁵.

Para se ter um exemplo disso, em 05 de outubro de 2020, o ministro da educação disse: “hoje, ser um professor é ter quase que uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa”⁶. São ministros, o próprio presidente, pessoas ligadas a ele, enfim, que de forma direta ou indireta representam o poder executivo. Acerca dessa questão, cabe-nos indicar, em um estudo que lida com professores/profissão, três grandes ataques ao professorado e que muito contribuíram para distorcer a imagem social da profissão.

Primeiro: a feminização do magistério. As mulheres não foram as responsáveis por esse processo, mas sim a sociedade patriarcal. A forma como os homens viam às mulheres, como (apenas) mães e donas de casa, agregou uma imagem à docência como ocupação secundária, contribuindo para os baixíssimos salários. Não era preciso ganhar muito, pois as mulheres estavam cumprindo sua missão vocacional; o que interliga ainda mais questões religiosas à profissão. Segundo: a democratização do acesso, sem formação e seleção adequada dos professores, contribuíram para os resultados parcos na escolarização das crianças.

Nesse sentido, tanto os governantes, quanto setores da sociedade, colocaram a culpa disso nos professores, afirmando que esses não possuíam competências/saberes suficientes para a profissão. Terceiro: o ataque às questões éticas dos docentes. Mesmo com essa situação, os professores sempre foram vistos como esperança para a mudança da sociedade. Porém, desde 2016, com o levante extremista, começam a duvidar da ética profissional dos educadores. Termos como:

⁵ Queríamos, nesse momento do texto, indicar a situação pela qual passam os professores. Mesmo que pareça deslocado do restante do texto, veremos que questões de gênero, saberes e formação estarão presentes nas Rd das partícipes.

⁶ Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opiniao/2020/10/ministro-da-educacao-insulta-professores/> Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

ideologia de gênero e comunistas, e toda sua carga distorcida, são atribuídos aos professores. Sintetizando: temos três grandes ataques à profissão aqui no Brasil: ao *status*, aos saberes e a ética profissional. Veremos, nos dados da pesquisa, algumas dessas questões.

3.2 Educação Rural e Educação do Campo

No decorrer da história brasileira, a ocupação de terras sempre foi motivo de conflito. Pensando no século XX e no avanço do capitalismo e, mais atualmente, das políticas neoliberais, podemos indicar o conflito cidade x campo e agricultura familiar x agronegócio. É certo que o campo sempre foi visto como lugar de atraso por setores produtivos (PIRES, 2012).

A educação rural surge como uma “[...]ótica instrumental, assistencialista ou de ordenamento social[...]” (PIRES, 2012, p. 81). Era preciso instrumentalizar os povos da zona rural para o trabalho na agricultura, para evitar o intenso fluxo migratório campo-cidade. Quando muito, as questões assistencialistas entravam em cena advogando dar o mínimo de instrução aos filhos dos mais pobres que (sobre)viviam do/no campo.

Esse modelo de educação refletia os valores que os setores políticos e produtivos da zona urbana tinham, legando à margem às especificidades dos povos do campo. Se essa educação era baseada em assistencialismo, o mínimo era oferecido: salas de aulas superlotadas, turmas multisseriadas, currículo que atendia aos interesses da cidade, e não do campo, seleção de professores baseada no coronelismo e troca de favores, e formação precária para os professores, que em sua maioria eram leigos. Todas essas questões poderão ser vistas no momento de análise dos dados.

O termo educação do campo é político, é síntese de lutas históricas dos movimentos sociais que lutam por distribuição de terra e por uma educação que reflita os objetivos dos povos que vivem no campo. Por isso, falamos em uma educação *do* campo, ou seja, baseada nos pressupostos epistemológicos, didáticos, políticos, curriculares que envolva as pessoas camponesas; e, também, uma educação *no* campo: que a oferta dessa educação seja nas próprias terras, sem necessidade de deslocamentos (CALDART, 2011).

Até então, no município sede das participantes de nossa pesquisa, no período em que as professoras partícipes do estudo trabalharam, não se falava em educação do campo como

movimento político. O que tínhamos e temos é uma educação rural⁷. Na verdade, o que ainda resta dela, haja vista o número de escolas que foram fechadas no decorrer das últimas décadas. Não temos nem um documento (histórico) que fale sobre a educação rural no citado município, sejam livros, monografias, artigos etc. Por isso não temos como realizar um histórico de como se deu o processo de construção da educação rural nesse município.

⁷ Vamos nos utilizar, como título da monografia, do termo educação no campo, haja vista que adotamos uma posição política com relação à zona rural, à educação que ali foi oferecida, às professoras e demais moradores do campo. São pessoas que buscaram sobreviver e educar seus filhos com os valores que foram perpetuados por seus pais e avós (que viviam no campo).

4 PERCURSO METODOLÓGICO

O pesquisador das Ciências Humanas e Sociais é um colecionador/pesquisador de textos (NÓVOA, 2010). Agregue-se à afirmativa anterior que a ATD é uma abordagem teórica e metodológica, que busca descrever e interpretar enunciados concretos. Haja vista que nos utilizamos da entrevista semiestruturada para construir, com as partícipes do estudo, as narrativas de vida, a abordagem qualitativa de ciência alicerçou esta pesquisa.

Segundo Minayo (2015, p. 57), a abordagem qualitativa se adequa melhor a investigações “[...]de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos”. Esse tipo de abordagem metodológica permite ao investigador realizar um movimento dialético de idas e vindas da teoria para os dados, modificando e criando novos conceitos ou categorias no decorrer da investigação. Não são categorias inertes, fixas, em que os dados, tantas vezes, estão a serviço da teoria, buscando prová-la ou refutá-la.

Sabemos que, nas Ciências Sociais/Humanas, o objeto em estudo é sempre histórico, pois é situado em um determinado espaço social, tempo histórico e questões culturais específicas. Dessa forma, o pesquisador que adota essa abordagem deve “[...]registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si[...]” (MINAYO, 2015, p. 39). Além disso, a pesquisa nessas ciências nos leva a entender que tanto o pesquisador quanto seu objeto estão ligados por uma identidade de classe, de idade, religião, cultura etc. As reflexões indutivas e dedutivas que realizamos com o *corpus* dessa pesquisa baseou-se nos pressupostos acima: de que as professoras, ao narrar suas histórias de vida, situam-se em um contexto social marcado por contradições históricas, qual seja: o da zona rural.

Como já citado no capítulo teórico, Adam (2011), ao articular texto e discurso, indica que os gêneros textuais são as materializações das práticas discursivas. Por isso que na ATD o gênero textual, e sua esfera de circulação, são importantes para o pesquisador. Nesse sentido, nos utilizamos das entrevistas abertas para construir, em conjunto com as partícipes, as narrativas de vida, *corporas* da pesquisa.

Dentro da pesquisa científica há muitos tipos de entrevistas: a estruturada, a semiestruturada, focalizada, projetiva, dentre outras. A entrevista aberta estamos chamando de narrativa, tendo em vista que os sujeitos partícipes narraram seus percursos de vida, “[...]o

informante é convidado a falar livremente sobre um tema e as perguntas do investigador, quando são feitas, buscam dar mais profundidade às reflexões” (MINAYO, 2015, p. 262).

Realizamos a entrevista narrativa com 04 (quatro) professoras aposentadas, que lecionaram no decorrer de toda a sua carreira na zona rural do município de São Miguel, localizado na região do Alto-Oeste do Estado do Rio Grande do Norte. Algumas questões nortearam a entrevista, como infância, primeiros anos na escola, escolha pela profissão, primeiros anos de trabalho, dificuldades vivenciadas, formação, aposentadoria, entre outras que podem ser vistas no anexo desta monografia. Os critérios que utilizamos para a seleção das professoras é que elas tenham sido de comunidades rurais diferentes e que tenham lecionado entre o final da década de 1970 até meados da década de 1980.

Vejamos o quadro abaixo:

Quadro 01: Dados Pessoais das Partícipes

NOME	ANO DE INÍCIO	IDADE DE INÍCIO	ANO DA APOSENTADORIA	COMUNIDADE RURAL ONDE ATUOU
Maria José	1980	17 anos	2014/ 34 anos	Sítio Cidade
Zilda Torres	1985	19 anos	2015/ 30 anos	Sítio Timbaúba
Marta Bessa	1979	22 anos	2014/ 35 anos	Sítio Riacho Fundo
Maria Alves	1977	21 anos	2015/ 38 anos	Sítio Olhos D'água Dantas

O quadro síntese acima indica alguns dados: o tempo de carreira na docência está em torno de 30 (trinta) a 38 (trinta e oito) anos. O início de três delas se deu no final da década de 1970 e primeiro ano da década de 1980; e a outra participante em 1985. Uma questão que é importante abordar é que todas elas tiveram, dois ou três anos antes de se aposentar, ir para alguma escola da zona urbana, pois as escolas do campo onde lecionavam foram fechadas pela administração municipal. Falemos, brevemente, sobre as histórias de vida em educação e, anterior a isso, o método biográfico como contraponto aos métodos positivistas de inteligibilidade do real.

Ferrarotti (2010) observa que desde a década de 1980 o método biográfico atribui à subjetividade valor de conhecimento, sendo utilizado como instrumento de pesquisa pelas ciências sociais. Nas ciências da educação, partindo dos pressupostos epistêmicos das ciências sociais, é visto como possibilidade de pesquisa-formação. Ao falar de si, ao se colocar como narrador de si

mesmo, o sujeito estaria em um processo de autoformação, enquanto construção de dados importantes para o investigador. O sujeito narra a partir de uma experiência de vida, aquilo que o marca para lembrar. Ao pesquisador não cabe resgatar nada, pois as memórias não estão perdidas, mas sim esquecidas. E o esquecimento também é parte da memória.

Concordamos com o referido autor quando este afirma que “[...]se nós somos, se todo o indivíduo é a reapropriação **singular** do **universal social** e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTTI, 2010, p. 2010 – grifos no original). Assim, ao analisarmos uma história de vida podemos entender aspectos da sociedade e ao nos debruçarmos nas histórias de vida das professoras partícipes desse estudo, compreendemos, certamente, o funcionamento da educação rural do município de São Miguel.

Percebemos, na exposição acima, que há uma perspectiva teórica e metodológica de base qualitativa que subsidia esse estudo, através dos pressupostos da ATD, e um gênero textual que serviu como *corpus*, narrativas de vida, que se configuram como autobiográficas, construídas a partir do instrumento entrevista aberta. Dentro da ATD, no nível das representações discursivas, utilizamos as categorias da referenciação, da predicação, da modificação e da localização espacial e temporal, para a análise do *corpus* (QUEIROZ, 2018).

Quadro 02: Categorias Semânticas de Análise das Rd

CATEGORIA	DEFINIÇÃO ADOTADA
Referenciação	A referenciação compreendida como forma de nomear, renomear e (re)categorizar um determinado referente, enquanto objeto discursivo.
Predicação	A predicação com base em Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 175) “remete tanto à operação de seleção dos predicados, isto é, à designação dos processos, no sentido amplo (ações, estados, mudanças de estado etc.), como ao estabelecimento da relação predicativa no enunciado”.
Modificação	A modificação segundo Queiroz (2013, p.98), “[...]como aquela que apresenta as propriedades ou qualidades tanto dos referentes como das predicações, por isso ela pode ser subdividida em modificação da referenciação e modificação da predicação”.
Localização	A localização espacial/temporal, de acordo com Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, p. 176), “indica as circunstâncias espaço temporais nas quais se desenvolvem os processos e os participantes”.

Observemos, abaixo, os passos que seguimos para a construção, sistematização e análise dos dados desta pesquisa.

- ❖ Entrevista com 07 (sete) professoras aposentadas da zona rural do município de São Miguel/RN;
- ❖ Transcrição das entrevistas por empresa especializada (retirada de vícios de linguagem);
- ❖ Primeira análise das entrevistas: escolha por ano de ingresso na profissão (resultou em quatro professoras);
- ❖ Categorização do percurso das histórias de vida em blocos de Rd de si: infância, trabalho, escolarização, ingresso na profissão, imagens dos colegas da zona urbana;
- ❖ Categorização temática acerca das Rd sobre o tema profissão docente: escolha, seleção, formação etc.;
- ❖ Análise das Rd de si e da profissão docente e posterior escrita do capítulo cinco.

Ao estarmos com as narrativas em mãos, e no decorrer do processo de análise, necessitamos agrupar as Rd de si e da profissão no que estamos chamando de blocos, pois tínhamos quatro professoras, com histórias singulares, mas ao mesmo tempo retratavam questões históricas plurais. Em outras palavras: era preciso encontrar o que havia de comum nas histórias e, depois disso, construir as Rd, através das categorias semânticas. O quadro abaixo ilustra cada bloco temático e a quantidade de fragmentos que utilizamos em cada um deles.

Quadro 03: Organização dos Blocos Temáticos de Rd de Si e Quantidade de Fragmentos

BLOCO TEMÁTICO	NÚMERO DE FRAGMENTOS
1º Bloco de Rd: Infância, Trabalho e Escolarização	08
2º Bloco de Rd: Ingresso na Profissão	05
3º Bloco de Rd: Percurso Profissional	08
4º Bloco de Rd: Imagens dos Colegas da Zona Urbana	04
5º Bloco de Rd: Sobre Ser Professora	04
TOTAL DE FRAGMENTOS	29

Utilizamos, no processo de construção das Rd de si, vinte e nove fragmentos das quatro narrativas de vida. Como é observável no quadro acima, cada bloco temático agrupa aspectos

comuns à vida profissional de cada professora, como infância, trabalho, percurso profissional, e outros. No capítulo de análise dos dados, dispomos esses fragmentos em quadros denominados “Excertos”, ou seja, cada um desses quadros agrupa uma quantidade de fragmentos das falas das docentes. Cada um dos vinte e nove fragmentos estão com os nomes das professoras (Ex.: MARTA, ENTREVISTA, 2021). Se queremos dar voz a essas mulheres, elas precisam ser nomeadas.

O próximo quadro agrupa os blocos acerca das Rd do tema profissão docente nas narrativas de vida.

Quadro 04: Organização dos Blocos Temáticos de Rd do tema e Quantidade de Fragmentos

BLOCO TEMÁTICO	NÚMERO DE FRAGMENTOS
1º Bloco Temático: Falta de Escolas no Campo e Aspectos de Gênero na Escolarização	03
2º Bloco Temático: Professoras Leigas	03
3º Bloco Temático: Indicação Política/ Curral Eleitoral	05
4º Bloco Temático: A Escola Profissional/Identidade	02
5º Bloco Temático: Das Práticas Pedagógicas/Trabalho no Campo	03
TOTAL DE FRAGMENTOS	16

Quando fomos analisar as narrativas, na busca das Rd do tema profissão docente, encontramos menos fragmentos. Porém, como já explicitado nesse trabalho, ao falar sobre suas histórias de vida, as professoras narram a profissão professor. Ao todo, foram analisados quarenta e cinco fragmentos que emergiram das quatro narrativas. Certamente que essa forma de expor e analisar os dados, nos permitiu ter uma visão ampliada da profissão docente no contexto espacial e histórico vivido, assim como aspectos da vida individual que, ao mesmo tempo, se tornam coletivos, pois há pontos comuns. Infância e trabalho na agricultura, primeiras oportunidades profissionais, relação com o saber, formas de ingresso na docência, entre outras questões, são comuns nas narrativas.

5 REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE SI E DO TEMA PROFISSÃO DOCENTE: ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Para fins didáticos de organização, dividimos este capítulo em duas partes: a primeira engloba os blocos de Rd de si, construídos com base nas fases da vida das professoras; na segunda parte temos os blocos temáticos que se referem à docência e que constroem as Rd sobre a profissão. O objetivo desta primeira seção é expor e analisar os dados referentes às representações discursivas de si que as docentes constroem em suas narrativas.

5.1 Representações Discursivas de Si

1º Bloco de Rd: Infância, Trabalho e Escolarização

Dentro deste bloco de Rd, elencamos a fase da infância e todos os aspectos que a envolvem, como o trabalho na agricultura e os primeiros anos de escolarização, tal como foi observado nas narrativas de vida das participantes da pesquisa.

Excertos 01

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Eu amava estudar, até hoje eu ainda gosto, eu ainda estudo bastante. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 04)
02	A primeira professora que veio trabalhar foi uma boa alfabetizadora, eu não sei se era porque a gente tinha vontade de aprender, rapidinho a gente conseguiu ler as palavras, juntar as sílabas e formar palavra, ler, e não foi muito difícil. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 04)
03	Como eu estou te falando, eu sempre gostei de escrever, de estudar , e no sítio que eu morava não tinha ninguém que sabia ler, eu era a... as tardes na minha casa era cheia de mulher para escrever carta para os filhos em São Paulo, para os maridos que iam para São Paulo, ia tudo lá em casa, e aquilo me deixava feliz, orgulhosa , um orgulho sadio, eu sempre... eu tinha a intenção de um dia crescer, só que eu achava difícil, porque lá no sítio eu não via caminho, eu não via brecha para isso [...](ZILDA TORRES, 2021, p. 13-14).
04	É, o que a gente aprendeu com ela serve até hoje , porque o que a gente aprendeu, aprendeu mesmo. (MARTA BESSA, 2021, p. 07)

No **Excertos 01**, temos quatro recortes da fala de três professoras que demonstram aspectos relativos à infância e ao processo de escolarização. É perceptível que as participantes da pesquisa dão espaço, em suas narrativas, às trajetórias formativas de suas vidas. O sujeito que narra a si

mesmo, parte de uma experiência formativa, seja ela positiva ou não, tal como indicamos no capítulo anterior.

No fragmento 01, através das categorias da referenciação, predicação, modificação e localização, temos a construção da Rd de **estudiosa**. Nesse fragmento, a professora afirma seu gosto pelos estudos desde a sua infância, demonstrado pela predicação “eu amava estudar”, “eu ainda estudo bastante”, reafirmando a progressão no tempo pelo localizador temporal “até hoje” e pelo modificador “bastante”. Certamente que ao relatar as dificuldades que era ter acesso ao ensino formal nas comunidades rurais na década de 1960/1970, a docente buscava demonstrar que esse gosto foi despertado desde cedo e continuou até a atualidade. De certa forma, avaliamos a importância da educação para essa mulher no processo de sua formação pessoal e profissional.

No fragmento do recorte 02, reforçamos a construção dessa representação discursiva; ela é ampliada pela primeira formação escolar (alfabetização) dessas professoras. A categoria da referenciação indicada pelos referentes “primeira professora, alfabetizadora, a gente”, pela predicação “que veio trabalhar; tinha vontade de aprender; juntar sílabas e formar palavra”, da modificação “boa, não, rapidinho, muito difícil”. Essas marcas linguísticas e discursivas destacadas reafirmam a importância da alfabetização nesse contexto educacional na formação das professoras.

Ao recordar de sua primeira professora, aquela que lhe ensinou as primeiras letras, Maria José demonstra como esse momento foi importante para sua vida, um divisor de água, pois a partir desse momento percebeu que gostava de estudar e que, por esse gosto, rapidamente aprendia. Ao falar do processo de alfabetização, nos mostra que partia do aprendizado das letras, sílabas, formação de palavras e depois o texto. Além disso, temos a indicação, pela predicação “veio trabalhar”, que as primeiras professoras eram contratadas pelos pais dos alunos e moravam com a família, tal como veremos a seguir.

O fragmento 03 reforça a Rd apresentada acima por meio da predicação e da modificação “gostava de estudar” “orgulhosa por saber escrever”, no decorrer da infância e, dessa vez, o uso prático do aprendizado das primeiras letras na comunidade rural onde vivia (localizador espacial “sítio”). No seu percurso de vida, essa Rd é demonstrada por Zilda Torres quando enfatiza o seu prazer pela escrita e a prática de escrever as cartas para as mulheres que a procuravam, em busca de enviar notícias aos seus maridos que moravam no Estado de São Paulo, essa prática discursiva reforça um contexto enunciativo bem específico da formação cidadã dessas mulheres.

A predicação e seus modificadores “em as tardes na minha casa era cheia de mulher para escrever carta para os filhos em São Paulo” nos ajudam a compreender a questão do analfabetismo no período histórico-espacial e a importância dos estudos para o progresso social e econômico dessa professora, tal como deixa claro na predicação “eu tinha a intenção de um dia crescer, só que achava difícil[...]”. No sítio onde morava, não havia oportunidade para o crescimento profissional, assim afirma a professora. Mesmo com essa percepção da realidade, dedicou-se aos estudos, pois gostava e se sentia útil. Essa praticidade do conhecimento escolar, também é exposta na fala do fragmento 04.

A ênfase dada ao localizador “até hoje” indica que o saber escolar aprendido na infância perpassou esse período e mantém sua força até a atualidade, pois mostra a relação dessa professora com o saber⁸, o que nos permite compreender que a relação com o saber da alfabetização foi importante e reconhecido por essa mulher. Ao falar das primeiras professoras, do gosto pelos estudos, pelo uso que fazia com o que já aprendera, permite a compreensão que a realidade foi transformada graças à relação delas com o saber escolar⁹. Em comunidades rurais, o impacto da alfabetização e da praticidade do conhecimento tem ainda mais força do que em outros espaços. Nossas reflexões se encontram com teorias mais específicas sobre relação com o saber e sucesso de sujeitos em condições sociais e culturais limitadas.

Excertos 02

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Trabalhava na roça , porque era muita gente, todo mundo tinha que trabalhar , e as coisas naquela época eram muito difíceis , não é igual hoje, não tinha um Bolsa Família, não tinha nada (MARIA JOSÉ, 2022, p. 04)
02	Minha infância foi sofrida, trabalhada na roça, na zona rural , casei com 15. Primeiro, na casa do meu pai a gente trabalhava na roça, estudava aquela coisa, ia para a escola o dia que dava certo, na zona rural só tinha até a quarta série, não tinha como estudar na cidade, não tinha essa perturbação de carros para levar ninguém, se fosse para estudar na cidade tinha que morar na casa de alguém, de outra pessoa, e os pais na época não deixavam. (ZILDA TORRES, 2021, p. 04)

⁸ A discussão sobre a “relação com o saber” tem seu ápice com o livro do professor Bernard Charlot “Da relação com o saber: elementos para uma teoria”. “A **relação com o saber** é a **relação** com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender. [...] é o conjunto (organizado) das **relações** que um sujeito mantém com tudo quanto estiver relacionado com 'o aprender' e o **saber**” (Charlot, 2000, p. 80). Deixamos essa nota de rodapé para indicar que há profundas discussões sobre essa temática.

⁹ O francês Constantin Xypas, que há alguns anos foi professor visitante no CAPF/UERN, desenvolveu pesquisa na região do Alto-Oeste do RN sobre as condições sociológicas de sucesso escolar de alunos oriundos de camadas mais pobres da sociedade (“sucesso dos improváveis”). Um dos textos pode ser encontrado aqui: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/214/243>

03	Se fosse os alunos que ela gostava, gostava dos pais, aqueles que tinham mais condições, filhos de papaizinhos, aqueles alunos tiravam notas boas e a coitada que me esforçava, respondia tudo e vinha a nota e me rebaixava. (MARIA ALVES, 2021, p. 07)
04	Eu fui muito maltratada. Muito maltratada na escola. Lembro muito a primeira vez que eu fui para a escola, criei ódio de escola. Falei: "nunca mais vou para a escola". Era menina, menininha. (MARIA ALVES, 2021, p. 08)

No **Excertos 02**, temos 04 fragmentos, que correspondem às falas de três professoras. Se no quadro anterior tínhamos narrativas que davam conta da relação entre infância e saber escolar, temos nos enunciados acima, as relações entre infância e trabalho, escola e condições econômicas/sociais.

Por meio das categorias da referenciação, predicação e localizadores espaciais e temporais é desenhada a Rd **trabalhadora na agricultura**. Ao indicar pelo localizador temporal “naquela época eram muito difíceis” a professora Maria José demonstra que as condições socioeconômicas não eram fáceis, o que demandava esforços conjuntos para conseguir sobreviver do trabalho na agricultura. Relacionando com a atualidade, ao citar o Programa Bolsa Família, pondera que naqueles tempos não havia nenhum tipo de auxílio por parte do governo. A expressão “não é igual hoje” indica a compreensão da professora de que na atualidade, nas comunidades rurais, as condições de vida são mais fáceis, são melhores. Famílias numerosas, sem amparo de políticas públicas de subsistência, tendo como único trabalho o da agricultura, faz com que estas mulheres, desde a infância, tenham que conciliar o trabalho da roça com estudos.

O fragmento de nº 02 apresenta o referente “minha infância” e a predicação “foi sofrida, trabalhada na roça” acrescentam a “trabalhadora sofrida”, por causa do excesso de trabalho na agricultura, ajudando aos pais, em muitos dias não tinha condições de ir à escola. Por ser mulher, os pais não a deixaram estudar na zona urbana, pois teria que morar na casa de algum conhecido. Percebemos, assim, que a Rd não é apenas de trabalhadora na agricultura, mas daquela que agrega o trabalho ao sofrimento, reforçando a escolha pela sobrevivência em vez de avançar nos estudos.

A relação entre estudar e trabalhar era desigual, sempre a prevalecer a última, tal como afirma no fragmento da predicação “[...]ia para a escola o dia que dava certo”. Ao comparar sua infância, que foi sofrida, com a atualidade, utiliza-se de “não tinha essa perturbação de carros para levar ninguém”, o que mostra que atualmente há facilidades para estudar, diferente dos seus tempos de menina. E que, por ser mulher, não tinha permissão dos pais para estudar na zona urbana, tendo em vista que deveria residir na casa de algum conhecido.

Os fragmentos de nº 03 e 04 constroem, pelos usos da predicação e da modificação as Rd **aluna esforçada, porém perseguida e maltratada na escola**, tratando da relação professor-aluno na época da alfabetização. O recorte 03 fala do tratamento diferenciado que havia entre alunos com condições econômicas melhores, e aqueles mais carentes. Para Maria Alves, as notas e os desempenhos eram atribuídos por questões pessoais, e não por merecimento acadêmico. Pela predicação do fragmento 04 “muito maltratada na escola” mostra que mesmo vivendo na mesma comunidade rural, havia forte distinção entre os moradores, por parte dos professores. Essa situação despertou o que a partícipe trata de “ódio de escola”, chegando mesmo ao pensamento de desistir de sua escolarização “nunca mais vou para a escola”. O aluno era tratado pelas condições econômicas dos pais, ou mesmo por questões pessoais.

No decorrer dessas primeiras análises, percebemos que as categorias semânticas indicadas nos ajudam a construir as Rd das partícipes, haja vista que inserem essas mulheres em determinados espaços, como as comunidades rurais onde viviam, na roça onde trabalhavam, na escola que frequentavam. Além disso, pelas escolhas dos tempos verbais utilizadas nas predicações (pretérito perfeito e imperfeito), há, por parte das professoras, uma tentativa que interligar suas infâncias com a atualidade, quando já estão atualmente aposentadas.

Já de início percebemos que não há como falarmos de Rd de si se não falarmos na profissão docente, tendo em vista que compõem o processo identitário do docente. Não podemos esquecer que as professoras, ao narrarem a história de si, também narraram sua profissão, partindo de experiências formadoras, construíram sentidos sobre si mesmo e sobre a profissão. Mesmo com algumas questões norteadoras, ao contar suas histórias de vida, as professoras não percorriam uma linha do tempo linear, presente-infância-presente, havendo movimentos não-lineares da temporalidade. Esse percurso é percebido pelo uso, por exemplo, da localização temporal e dos verbos da predicação. Como todo texto, o das professoras, em muitos momentos, estavam orientados argumentativamente para convencer o leitor de suas dificuldades no início da carreira ou mesmo na infância; assim como para mostrar que suas práticas como alfabetizadoras foram eficazes para seus alunos.

2º Bloco de Rd: Ingresso na Profissão

Neste bloco estão os dados e análises com relação à entrada das professoras na docência, ou seja, as primeiras experiências profissionais. Qual a percepção que tiveram quando foram assumir, pela primeira vez, uma sala de aula. Lembrando que quando rememoramos, nem sempre há exatidão em nossos dizeres. No processo de construção da história de vida, do texto, buscamos convencer o outro através da nossa imagem. Dessa forma, em alguns momentos teremos contradições entre as falas (neste bloco e em outros): tinha dificuldade, não tinha dificuldade etc. Mas, isso faz parte do processo de construção textual da história de vida as professoras.

Excertos 03

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Eu não encontrei dificuldade no momento , porque eu já me dediquei mesmo , já comecei a trabalhar mesmo, e não tive dificuldade, dificuldade maior foi quando comecei a aprender a ler, que não tinha quem ajudasse. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 09-10).
02	[...]é assim, não achei muita dificuldade não , e olha que eu ensinava de alfabetização ao quinto, porque era multisseriado, eu cheguei a ensinar até 63 alunos (MARTA BESSA, 2021, p. 08)
03	Pois é, eu estava com aquela vontade... porque assim, eu fui ensinar [...] tem muita gente que ensina por causa do ganho, mas também a gente ensina por causa do ganho também, mas tem que ter amor ao que você faz, e eu gostava do que eu fazia . (MARTA BESSA, 2021, p. 08)
04	Então, não era fácil, mas para mim mesmo era muito bom, porque eu sempre gostei, fui muito criativa e sempre gostei do meu trabalho. (MARIA ALVES, 2021, p. 02)
05	Era em São Miguel. Com a minha força de vontade , graças a Deus, eu adquiri, depois que eu comecei a, como se diz, ensinar, depois que eu comecei na escola não tive mais dificuldade, porque eu sempre estudava e, graças a Deus, (para mim, clareou muito) (MARIA ALVES, 2021, p. 11)

No quadro acima, **Excertos 03**, temos cinco fragmentos, que correspondem às falas de três professoras. O fragmento nº 01, através das categorias da referenciação, predicação, modificação da predicação e localização temporal, enuncia uma Rd de **dedicada**. Ao falar do ingresso na profissão docente, através do localizador temporal “no momento”, afirma que não teve dificuldades em assumir uma sala de aula, pois dedicou-se muito (o modificador do predicado “muito” reforçando o momento). Retoma seu processo inicial de alfabetização, pela predicação “dificuldade maior foi quando comecei a aprender a ler”, reafirmando as dificuldades no processo de escolarização formal, tal como afirmamos nos parágrafos anteriores.

A confiança que observamos nessa fala é marcada pela predicação “já me dediquei mesmo”, tendo em vista que para essas professoras a dedicação era critério primordial para o ingresso profissional. A predicação “que não tinha quem me ajudasse” é indicativo de duas questões: a primeira de que no período da infância, no processo de alfabetização, não havia ninguém para

ajudar Maria José nos estudos (tendo em vista que seus pais não possuíam escolarização); segundo que ao ingressar na profissão, havia pessoas dispostas a ajudá-la (o modificador “não” cumpre o papel de reafirmar a falta de ajuda na infância).

É perceptível, pelos dados analisados, que o processo de escolarização inicial foi mais complexo para algumas professoras, o que não aconteceu com o primeiro contato com o chão da escola. Como se fosse, de certa forma, natural está ali na sala. Não temos dados suficientes para dizer o porquê desse fato, mas levantamos algumas hipóteses: por já terem familiares que eram professoras (transmissão intergeracional), se tornou mais fácil; por serem mulheres, e por já saberem as primeiras letras, foi um caminho naturalizado pela sociedade (e por elas mesmas); como professoras leigas eram comuns naquela época, as partícipes não sentiam dificuldades ou medo.

Os fragmentos nº 02 e 03, trechos da narrativa da docente Marta Bessa, partindo das categorias da predicação e modificação, constroem uma Rd de **gostava da profissão**. O primeiro fragmento (nº 02) interliga-se ao que expusemos nos parágrafos anteriores, onde Maria José, pela sua dedicação, não encontrou dificuldades em ingressar na docência. A predicação “não achei muita dificuldade não”, com dois advérbios de negação “não”, o primeiro servindo como modificador da predicação, e o segundo para reafirmar que não houve dificuldade ao assumir a sala de aula, enuncia a disposição e sapiência que a professora Marta possuía naquele período de sua vida. Observamos que a predicação “ensinava de alfabetização do quinto, porque era multisseriado, eu cheguei a ensinar até 63 alunos”, serve como estratégia argumentativa para convencer o alocutário de que mesmo em condições difíceis, com uma turma numerosa, havia conhecimento e dedicação desempenhar seu ofício (mesmo em início de carreira).

Outra estratégia utilizada pela docente Marta para a tentativa de convencimento, pela predicação “tem muita gente que ensina por causa do ganho[...], mas tem que ter amor ao que você faz”, é situar sua escolha profissional no discurso mais amplo do desejo em ser, do bem querer ao ofício. No enunciado “eu gostava do que eu fazia”, com os referentes, adjetivo e predicação, temos a síntese de que estava apta a ingressar no ofício porque gostava do que fazia. O fragmento de nº 03 inicia falando da vontade em ser (professora), depois orienta-se pela tentativa convencer o outro de que a docência é mais do que dinheiro, por fim conclui que gostava do que fazia.

A relação entre docência e condições financeiras, e sobre profissão docente e o discurso acerca do amor, é contraditória mesmo nas teorias. Nosso posicionamento está posto na parte teórica dessa monografia: a feminização do magistério foi atrelada há muitos discursos que

tornaram-se nocivos à profissão. Ainda hoje, termos como vocação e amor constituem um universo semântico que retrata uma memória discursiva que nos leva aos discursos acima citados (docência por amor).

Os fragmentos nº 04 e nº 05, tendo as categorias da referenciação, predicação, modificação e localização como base, constroem as Rd de **criativa e persistente**. A referenciação ocorre pelos pronomes “eu”, ou por sujeitos desinenciais. Maria José compreende as dificuldades que havia naquele momento, predicação “não era fácil”, reforçada pelo modificador “não”, que nos traz a ideia dos percalços enfrentado pela docente no início de sua carreira. Porém, assim como suas colegas, reafirma que o gosto pelo ensino, “porque eu sempre gostei” (predicação), a ajudou a superar. A criatividade surge como elemento que, atrelado ao gosto, foi fundamental para o sucesso inicial: a predicação “fui muito criativa” é modificada pelo intensificador “muito”, destacado discursivamente os processos criativos como importantes para ser docente.

Além do gosto e da criatividade, no fragmento nº 05 temos a força de vontade como sentimento importante para o ser-profissional, segundo Maria José. Essa questão é enunciada no texto através da predicação “com minha força de vontade”, junto com o localizador “na escola”, mostrando que a força de vontade e a prática cotidiana estiveram interligadas para o bom desempenho profissional. Os verbos da predicação, no fragmento citado, “adquiri, comecei”, por estarem no pretérito perfeito, nos indicam uma ação concluída, ou seja, a força de vontade e a prática cotidiana, como ações concluídas, tornaram possível o gostar da profissão, pois “clareou muito”, segundo a professora. O localizador espacial “em São Miguel” indica onde ocorriam as formações continuadas, distante da comunidade rural onde a docente vivia/trabalhava. Dessa forma, a força de vontade, o gostar, a prática cotidiana, as formações, mostram a persistência de Maria José em iniciar sua carreira.

3º Bloco de Rd: Percurso Profissional

Já afirmamos nesse texto: muitas das Rd se repetem dentro das histórias de vida. Elas são evocadas pelas professoras algumas vezes, em contextos diferentes da vida. Nos dados que expomos e analisamos abaixo, temos as Rd do percurso profissional após os primeiros anos na profissão.

Excertos 04

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Eu me sentia feliz, eu era feliz e não sabia , quando eu fui para São Miguel, aí eu vi que tinham coisas mais [...], por causa das crianças que já não tinham aquele controle dos pais. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 14)
02	E assim, muito bom, muito compreensivo, e apoio total, e vendo que a gente tinha capacidade para o que viesse, e sempre teve aquelas pessoas menos interessadas no que faz e tudo, mas isso tem em todo canto. (ZILDA TORRES, 2021, p. 15)
03	E Edcarlos que ia dar aula por mim, ele disse para mim assim um dia: "Zilda, impressionante, você é um gênio , porque...", ele sempre tinha um ponto de vista aberto para as coisas, ele disse: "Professor dificilmente conseguiu, as duas coisas, o carinho e a moral, o respeito dos alunos, e você conseguiu as duas coisas, o respeito e o carinho das crianças" (ZILDA TORRES, 2021, p. 30)
04	É, eu gostava do que eu fazia, aí ensinava esse monte de gente, multisseriado, o pessoal da secretaria, Dona Fátima me colocava nas alturas; porque dizia que eu era ótima professora , e quando meus alunos vinham para São Miguel, todo mundo elogiava. (MARTA BESSA, 2021, p. 08)

No **Excertos 04** há quatro fragmentos das falas de três professoras. A predicação, modificação e localizador espacial constroem uma Rd de **feliz em ter sido professora do campo**. A predicação do referente “eu”, “me sentia feliz[...], era feliz e não sabia”, além do modificador “não”, mostra que Maria José só compreendeu como era bom lecionar na zona rural quando teve que ir para a zona urbana, localizador “São Miguel”. Por ter vivido desde a infância na comunidade onde lecionou por quase trinta anos, criou muitos vínculos afetivos e noções sobre o que era ser professor, tal como a disciplina em sala de aula. Quando foi trabalhar na zona urbana, e percebeu que os pais não agiam com seus filhos como na escola onde lecionou, enuncia o “era feliz e não sabia”, demonstrando como se sentia feliz quando era alfabetizadora do campo. Por isso a construção de uma Rd que envolve o contexto social-profissional do campo, e as questões do estar bem por ter pertencido profissionalmente àquele lugar.

Pelos fragmentos de nº 02 e 03, através das categorias da referenciação, predicação e modificação, construiu-se as Rd de **apta à profissão** e **inteligente**. Zilda Torres, nos fragmentos, reforça as Rd expostas nos parágrafos anteriores, quando nos fala da capacidade que não só ela, mas suas colegas, tinham em lecionar todos os dias. Observamos que o referente é inserido no enunciado através da locução pronominal “a gente”, que no momento histórico e espacial não categoriza somente a professora Zilda, mas agrega o corpo docente da zona rural. Essa forma de referenciar, pela locução pronominal “a gente”, foi encontrada em quase todos os fragmentos expostos nesse trabalho, o que nos leva a perceber que quando estamos falando de um indivíduo

que tem forte ligação com sua profissão/colegas, refere-se no coletivo. Além, certamente, da forma como a entrevista foi conduzida, onde as docentes narraram a si mesmas e sua ocupação profissional.

Para reafirmar sua capacidade em lecionar, no fragmento nº 02 Zilda Torres pondera que também havia profissionais que não levavam a sério seu ofício, “e sempre teve aquelas pessoas menos interessadas no que faz e tudo”, essa predicação é modificada pelo adjetivo “menos”. Defendeu que ela e suas colegas eram capazes, mesmo reconhecendo que entre aquele corpo docente havia pessoas com menos preparo profissional. Porém, defende sua profissão quando se utiliza da predicação “mas isso tem em todo canto”, “canto” funcionando como referente de profissão. Ou seja, pessoas sem compromisso podem ser encontradas em qualquer ofício (“canto”).

O fragmento nº 03, pela referenciação, predicação e modificação, reafirmou a Rd de apta à profissão docente, construindo Rd de inteligente. Ao citar a fala de um colega que a substituíva frequentemente (por causa do tratamento médico do pai), o referente introduzido “Edcarlos”, observa que esse afirmava que ela era um gênio, por conseguir, ao mesmo tempo, ser carinhosa e impor respeito. O referente “Zilda”, retomado por “você”, é modificado pelo adjetivo “gênio” (sujeito, verbo de ligação e predicativo do sujeito). A questão da disciplina escolar já foi indicada em falas anteriores nesse texto, demonstrando a importância que era, para elas, a organização escolar. Cada professor tende a repetir, em algum momento da carreira, as práticas escolares nas quais foram educados, dessa forma, por terem sido alfabetizadas em um contexto histórico de certa repressão, com o uso até de castigos físicos, como indicaram nas narrativas, as docentes tendem a valorizar a disciplina como indispensável para o sucesso do ensinar e do aprender.

As Rd de apta à profissão e inteligente são reafirmadas pelo que está posto no fragmento nº 04, quando a professora Marta Bessa enuncia “porque dizia que eu era ótima professora” (predicação). A docente refere-se a ela mesma pelo “eu”, e as outras pessoas que gostavam do seu trabalho, que a elogiavam, pelas expressões “pessoal da secretaria” e “Dona Fátima”, mostrando que os elogios aos seus alunos (“meus alunos”), quando saíam da zona rural e iam para a zona urbana, “São Miguel” (localizador espacial), resvalavam nela. As outras pessoas avaliavam seu trabalho por causa do desempenho do seus alunos, segundo o fragmento analisado. Por gostar do que fazia, Marta ensinava em condições complexas, com sala numerosa e turma multisseriada, e ainda assim conseguia bons resultados, que eram elogiados pelos técnicos da secretaria de

educação. Como podemos perceber, as categorias da referenciação, predicação e localizador espacial, construímos uma Rd que complementa as anteriores: **ótima professora do/no campo**.

Excertos 05

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Eu me encontrei lá, lá eu gostei também, a gente via muitas pessoas com o olho bem tortinho, mas quando elas viram que a gente tinha responsabilidade mesmo , elas abaixaram. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 02)
02	Primeiro que eu sempre me identifiquei nesse sentido, de zona rural, quando a gente ia ter planejamento, encontros, essas coisas, tudo eu via que assim, a gente da zona rural , era como se fosse mais... não sei, acho que a gente era mais humilde , a gente professor, a gente se entendia melhor, a gente dividia mais o conhecimento da gente, e não sei, pode não ter sido isso, mas a gente via. (ZILDA TORRES, 2021, p. 12)
03	Perseguida por demais e como fui . Ave-Maria, de quatro em quatro anos era um sofrimento para a gente. Você sabe que os políticos ficam em volta da gente. Um quer voto, outro não quer e você não pode abrir o bico, se você abrir o bico, já viu como é, é uma cachorrada da moléstia. Mas, graças a Deus que... (MARIA ALVES, 2022, p. 18)
04	Mas a gente também não era de ficar sempre, toda a vida calada, a gente também falava, mas que foi sofrido, foi. [...]Conversa, nós tínhamos valor para nada , pelo amor de Deus. Ganhava aquele pouquinho e era perseguido que nem a peste. Ave-Maria. O ganho era péssimo e a gente só fazia muito era trabalhar e não era bem visto. Só que assim, eu não fui nunca assim de deixar... (MARIA ALVES, 2022, p. 18)

O quadro disposto acima, **Excertos 05**, traz quatro fragmentos das falas de três professoras. No primeiro fragmento (nº 01), contextualizando-o na história narrada, o localizador espacial “lá” indica a escola da zona urbana onde a professora Maria José teve que trabalhar, nos últimos anos de sua carreira profissional. Pelas categorias da referenciação, predicação, modificação e localização espacial, constrói-se a Rd de **professoras responsáveis**. Alguns referentes são introduzidos nesse fragmento, o “eu” e o “a gente” categorizam tanto Maria José quanto seu grupo profissional que atuavam no campo, mostrando, pela predicação “viram que a gente tinha responsabilidade mesmo”, que as professoras do campo eram profissionais sérias.

O fragmento também expõe os referentes “muitas pessoas” e “elas”, que agrupam as docentes que atuavam na zona urbana, indicando, pela predicação “com o olho bem tortinho” (“bem tortinho” como modificador da predicação), que havia formas de discriminação dentro da mesma categoria profissional. O *pré-conceito* que as docentes da zona rural enfrentaram, de início, só foi mediado a partir do momento em que os demais sujeitos do processo educativo perceberam que elas tinham responsabilidade, ou seja, eram competentes. O contexto social, político e cultural do campo levou à construção de uma imagem em que os sujeitos que ali habitavam era inferiores

em todos os sentidos: materialmente, intelectualmente, culturalmente etc. O olho torto, a descrença nas habilidades profissionais, citadas no fragmento 01, expõem a complexa realidade vivenciada pelos sujeitos camponeses.

No fragmento nº 02, partindo das categorias da referência, predicação, modificação e localização espacial, constrói uma Rd de **humilde**. Zilda Torres refere-se a si mesma em dois aspectos: ou pelo pronome “eu”, ou através da locução pronominal “a gente”, que aparece sete vezes no enunciado, demonstrando que falar de si mesma como categoria profissional, principalmente das que atuam no campo, prevalece. O referente “a gente professor” está, a todo momento no fragmento, sendo contextualizado na zona rural, principalmente pelos localizadores espaciais “de zona rural” ou “da zona rural”, corroborando nossas reflexões de que as professoras da zona rural, quando narram a si mesmas, buscam apoio, textualmente, num coletivo. Ao narrar a pessoa narram também a profissão.

A predicação “era como se fosse mais... não sei, acho que a gente era mais humildade”, modificado pelo “mais humilde”, nos faz compreender que essa professora se identificava mais com a zona rural, pois nos momentos de “planejamento, encontros”, percebia que as docentes do campo eram mais humildes, havia um entendimento mútuo entre elas. O fragmento 02 nos leva à seguinte discussão: se as professoras camponesas se entendiam melhor, se conseguiam compartilhar o saber entre elas, era porque havia algum tipo de barreira, talvez de ordem cultural, econômica, social, que as separavam das professoras da zona urbana. Essa reflexão será aprofundada mais à frente.

Os fragmentos nº 03 e 04, relativos às falas de Maria José, trazem o aspecto político-partidário de quanto atuava como professora. No fragmento 03, partindo das categorias da referência, predicação, modificação e localização, constrói-se a Rd de **perseguida politicamente**. A predicação “perseguida por demais e como fui”, indica pelos verbos um sujeito desinencial, mostrando que Maria Alves foi perseguida “demais” (modificador da predicação). O enunciado já começa com a marca textual da perseguição político-partidária. Reconhecemos a perseguição política pelo próprio referente “os políticos”, mostrando que estes, “de quatro em quatro anos” (localizador temporal), iniciavam a campanha eleitoral perseguindo quem não estava ao lado deles, o que acarreta “um sofrimento” para a professora.

Destarte, havia a tentativa, por parte desses candidatos, de silenciar Maria Alves, e percebemos isso pela predicação “e você não pode abrir o bico, se você abrir o bico, já viu como

é”. A metáfora de “abrir o bico” é comum no texto oralizado, referindo-se a expressar sua opinião, falar sobre alguma coisa, mostrando que o silenciamento era, em muitos momentos, a melhor solução. Não podemos esquecer que, até a década de 1990, essas professoras ainda não possuíam a estabilidade profissional.

A Rd de perseguida politicamente é ampliada pelo que vemos no fragmento nº 04, onde a perseguição torna-se desvalorização. As categorias predicação e modificação, constroem a Rd de **desvalorizada pelos políticos**. A predicação “também não era de ficar sempre, toda a vida calada, a gente falava”, nos mostra que mesmo em um meio de perseguição política, havia os momentos de falar, de tentar lutar pelos direitos que acreditavam estar sendo negligenciados. Em outra predicação, “nós [referente] tínhamos valor para nada”, mostra a coletividade que anteriormente foi indicada pela expressão “a gente”. O modificador “valor para nada” enuncia a forma como essa professora se percebia dentro do contexto social e temporal que trabalhava.

A desvalorização também é textualizada em outro momento do fragmento 04: “ganhava aquele pouquinho e era perseguido que nem a peste”. A predicação e os modificadores “pouquinho” e “a peste” (este marca da oralidade, funcionando como intensificador), reafirma as Rd de perseguida e desvalorizada. Conforme mostramos na parte teórica dessa pesquisa, as contradições envolvendo a profissão docente e a política são antigas. A tentativa de se tornar uma categoria autônoma, sem o controle do Estado, é uma questão quase utópica, principalmente na época em que as professoras atuaram. Essas mulheres sofreram tratamento diferenciado, pelo negativo, tanto de algumas de suas colegas da zona urbana, quanto pelos políticos.

4º Bloco de Rd: Imagens dos Colegas da Zona Urbana

Este bloco é de muita relevância para esse estudo, pois trata das representações que as professoras percebiam que seus colegas da zona urbana tinham sobre elas. Ou seja, é a percepção do outro sobre si, que acaba por se tornar uma imagem que as docentes internalizavam sobre elas mesmas. Poderíamos nos questionar: de que forma a imagem do outro afetou na construção de Rd de si?

Por viverem em um espaço que historicamente foi segregado, relegado à margem do conceito de cidade, esse separado em urbano e rural, sendo que o último foi compreendido como sinônimo de atraso social, econômico, cultural e educacional, as professoras partícipes conviveram,

no decorrer da carreira, com desvalorização e negação de seus saberes profissionais. Isso é muito importante, pois ocorria dentro da própria profissão, contribuindo para a separação do ofício em nichos. Certamente influenciando na desvalorização do ser professor. Além dos ataques políticos, eram alvos das desconfianças de seus pares.

Por causa do discurso indireto, a percepção das partícipes sobre a visão que os outros tinham delas, é difícil afirmamos até que ponto estas percepções preconceituosas influenciaram na imagem que as professoras tinham/têm delas mesmas. Sintetizando: tentaremos, pelas categorias semânticas e pelos sentidos elaborados, observar até que ponto a visão do outro (professores da zona urbana) contribuiu para a construção de Rd de si no percurso profissional.

Excertos 06

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Via, muitas pessoas com a cara assim... achava que a gente não era capaz. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 13)
02	Vi muito, nós vínhamos para a reunião, nós da zona rural, era assim, meio para escanteio, quando ia trabalhar em grupo nós sempre éramos excluídos , sempre era desse jeito, sempre assim. (MARTA BESSA, 2021, p. 10).
03	Eu acho que é porque eles ensinando aqui na zona urbana achava que a gente da zona rural não sabia ensinar, não era professor , não sei porque, sei que... tinha não, ainda tem, porque do mesmo jeito, você faz um belo trabalho lá na zona rural, mas o pessoal da zona urbana acha que você é... dona Fatima Rêgo achava graça quando eu dizia: " Acho bom o povo achar que eu sou burra ", porque a gente vinha para a reunião, e eles ficavam, aquele pessoal todo olhando atravessado com a gente. (MARTA BESSA, 2021, p. 10-11)
04	Negativamente, o ponto mais negativo de tudo mesmo era quando você se sentia rejeitado, humilhado, porque quando humilham a gente é horrível , você sabe quando você... você faz de tudo, e toda ser olhada por baixo, não tem coisa pior não. (MARTA BESSA, 2021, p. 18)

Em **Excertos 06**, temos quatro fragmentos que correspondem aos enunciados de duas professoras. O fragmento de nº 01, através das categorias da referenciação, predicação e modificação, constrói a Rd de **incapaz** que abarca todo os enunciados postos no quadro acima. Porém, dessa Rd surgem outras, que confirmam e reforçam o que estamos a indicar. A “muitas pessoas”, pelo próprio contexto de fala de Maria José, refere-se às professoras da zona urbana, enquanto que o referente “a gente”, enuncia as docentes da zona rural. A predicação “achava que a gente não era capaz”, é modificado pelo “não” e por “capaz”, confirmando que a imagem que os sujeitos da zona urbana tinham com relação ao campesinos era da incapacidade, que os professores que ali lecionavam, não possuíam saberes profissionais. Essa é a percepção que Maria José teve no decorrer de seus mais de trinta anos como professora, ou seja, a imagem da incapacidade foi da

década de 1980 até 2015. Assim, compreendemos que essa imagem social perdurou no decorrer das décadas.

Por causa do discurso da incapacidade, atrelado às professoras da zona rural, as docentes do campo enfrentavam a exclusão quando ocorriam momentos formativos ou encontros pedagógicos. O fragmento nº 02, pelas categorias da predicação, modificação e localização espacial, constrói um Rd de **excluída**, que complementa a Rd de incapaz. Na predicação “vínhamos para a reunião, nós [referente] da zona rural, era assim meio para escanteio, quando ia trabalhar em grupo nós [referente] sempre éramos excluídos”, temos o localizador espacial “da zona rural” e o modificador “excluídos”, o que indica o processo de exclusão que educadoras dessa região sofriam pelos seus pares. O trabalhar em grupo, nessas reuniões, mostrando onde socialmente era o local para pessoas do campo: a exclusão. Essa percepção que Marta Bessa possui sobre a época em que lecionou, é recategorizada pelos intensificadores “sempre” e “sempre assim”. É de certa evidência que a forma como eram tratadas contribuiu para a construção da percepção de si dessas mulheres.

O fragmento nº 03, pela predicação, modificação e localização espacial, agrega ainda mais sentido ao que expusemos nos parágrafos anteriores, ao construir uma Rd de **sem competência para o ofício**. Na predicação “ensinando aqui na zona urbana achava que a gente da zona rural não sabia ensinar, não era professor”, temos os localizadores espaciais “zona urbana” e “zona rural”, que demonstram, pelo enunciado, que o processo de discriminação era direcionado ao saberes das professoras campesinas, conforme foi expresso em “não [modificador]sabia ensinar”, chegando mesmo às dúvidas se realmente eram professores “não era professor” (modificador “não). Toda ação é precedida por um discurso que a legitima, quando há um discurso que põe à margem a população do campo, e seus professores, temos, inevitavelmente, ações do convívio que se dirigem para a exclusão e humilhação, principalmente em reuniões pedagógicas, tal como narraram todas as partícipes.

Nesse enunciado, a função dos localizadores espaciais é indicar que ocorria um processo de marginalização dos saberes das professoras. Conviver com essas imagens, no decorrer de mais de trinta anos de carreira, afeta certamente a imagem de si que essas mulheres têm de si mesmas. Mesmo que o tempo, e as experiências, contornem certas situações, não há como não deixar marcas, tal como podemos visualizar nas narrativas de vida.

As Rd acima são reforçadas no fragmento nº 04 quando, pelos referentes “você” e “a gente”, e seus modificadores “rejeitado, humilhado” e “horrível”, indicam que se eram vistas como

incapazes para o ofício, sem saberes, levando ao processo de exclusão, acabavam por se sentir humilhadas. O enunciado demonstra que todos os processos de marginalização resvalavam sim na imagem de si que as professoras tinham delas mesmas, de seu processo identitário. A predicação “se sentia rejeitado, humilhado, porque quando humilham a gente é horrível” e “não tem coisa pior não”, reforça as Rd acima, e constrói a Rd de **humilhada**. As Rd desse bloco temático foram construídas, principalmente, através das categorias da referenciação, e seus modificadores, a predicação, e seus modificadores, além da localização espacial. A forma como, nos enunciados, as professoras compreendiam como suas colegas as tratavam e, marginalizadas, como se sentiam após o tratamento de exclusão, nos leva a reconhecer que a imagem que o alocutário tem sobre nós mesmos influencia em nossos processos narrativos: narrar a si mesmo (imagens de si).

5º Bloco de Rd: Sobre Ser Professora

Neste bloco estão presentes as falas e as análises sobre “ser docente”, ou seja, se as professoras gostaram do ofício que exerceram por tantas décadas. Para além disso, é a forma como se viam como professoras do campo.

Excertos 07

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Vale, é uma dádiva de Deus ser professora, é muito gratificante você saber que está trabalhando com pessoas que estão evoluindo , agora só te digo uma coisa, na minha sala de aula teve sofrimento? Teve, mas para mim eu não fui nem professora, lembro da sala de aula, mas para mim eu nunca nem trabalhei na educação, eu não sei por quê. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 16)
02	Essa situação, as coisas mais difíceis que eu achei de trabalhar em toda minha vida é lidar com as famílias, meu filho, sem conhecimento de nada, a ignorância, e você ter que ser exemplo , porque você não podia bater de frente, e na zona rural o bicho pega[...] (ZILDA TORRES, 2021, p. 11).
03	[...] os pais de família lá me tinham como uma pessoa que estava ali realmente se doando , como eles me entendiam, não me tinham lá como a empregada, que ela tem que fazer, ela tem que engolir, não, lá não tinha isso, foi maravilhoso, mas se o colégio de lá... (ZILDA TORRES, 2021, p. 11).
04	[...]mas da minha sala de aula, nunca fui repreendida por ninguém que visitou minha sala de aula, sempre fui elogiada , graças a Deus, sempre alguém que chegava na minha sala de aula, quando a gente tinha uma apresentação de trabalho sempre fui bem vista , sempre fui... (ZILDA TORRES, 2021, p. 23)

Acima temos quatro fragmentos, que correspondem as falas de duas professoras. No fragmento nº 01, pelas categorias da referência, predicação e modificação, construiu-se a Rd de **grata por ser professora**. No enunciado, o referente “pessoas” indica os alunos que passaram pela sala de aula da professora Maria José, referenciada no texto por “professor” e “você”. A predicação “é muito gratificante você saber que está trabalhando com pessoas que estão evoluindo”, possui dois modificadores: o primeiro, “muito gratificante”, nos fala como a experiência profissional de Maria José foi prazerosa, mesmo com os percalços da profissão. E essa compreensão dos seus anos de carreira foi possível graças à evolução dos seus alunos. Quando, no fragmento, aparece o termo “pessoas”, indica os grupos de alunos que passaram pela sala de aula da docente. Além disso, o predicativo do sujeito “evoluindo”, demonstra que para uma alfabetizadora, saber que seus alunos estão aprendendo, melhorando a cada dia, mesmo em uma realidade social complexa, foi motivo de orgulho em sua trajetória profissional.

Outro aspecto da trajetória profissional dessas professoras é exposto no fragmento 02. As categorias da referência, predicação e modificação constrói a Rd de **professor como exemplo**. O referente “você”, e a predicação “ter que ser exemplo, porque você não podia bater de frente, e na zona rural o bicho pega”, demonstra como o professor da zona rural, por estar tão próximo das famílias dos alunos, tendo em vista que as professoras viveram onde lecionaram por quase toda a carreira, tinham que saber lidar com os pais, construir um repertório de saberes que conseguissem mediar os conflitos que certamente apareceram.

O localizador “zona rural” contextualiza essa nossa reflexão, mostrando que alguns conflitos são ainda mais complexos no campo, pois, segundo Zilda Torres, havia “ignorância” por parte de algumas famílias. Algumas expressões da oralidade, da informalidade, tal como “bater de frente” e “o bicho pega”, mostra como as docentes, no momento das entrevistas, estão confortáveis em falar sobre esses momentos vivenciados. Destarte, essas mesmas expressões mostram que um dos saberes profissionais construídos por esta mulher foi que naquele contexto social, em muitos momentos, deveria ser evitado o conflito, tendo em vista as possibilidades da perda da ordem.

O fragmento nº 03, através das categorias da referência, predicação e localização espacial, reafirma o professor como exemplo social/cultural, construindo uma Rd de **professora que se doou à profissão**. Inicialmente temos a indicação dos pais dos alunos através da expressão “os pais de família”, seguido da predicação “lá me tinham como uma pessoa que estava ali realmente se doando, como eles me entendiam”, construindo sentidos de que as pessoas da

comunidade, por saberes que Zilda estava naquela escola para realizar seu trabalho, tinham apressado por ela. Eles percebiam que ela estava se doando para o aprender de seus filhos. Os localizadores espaciais “lá”, “ali” e “colégio”, referem-se tanto ao sítio onde morava quanto à escola onde atuava. Dessa forma, os moradores da comunidade onde atuou, perceberam que a professora estava ali se doando, fazendo o que era melhor para seus filhos. Havia compreensão sobre os papéis sociais que estavam postos: pais, alunos, professora. O enunciado traz essa percepção de si que Zilda Torres tem dela mesma, como uma professora que se doava à profissão.

Aquela que foi vista como exemplo, que se doou à profissão, reafirma no fragmento 04, que sempre foi elogiada, querida nos lugares onde trabalhou. A predicação, os modificadores e a categoria da localização espacial constroem uma Rd de **professora competente**. Na predicação “mas da minha sala de aula, nunca fui repreendida por ninguém que visitou minha sala de aula, sempre fui elogiada”, temos o localizador espacial “sala de aula”, e a modificação do predicado “nunca”, mostrando que as pessoas que tinham a oportunidade de observar Zilda Torres atuando, elogiavam suas práticas cotidianas. Nos encontros pedagógicos, representados pela predicação “apresentação de trabalho”, a professora era “bem vista” (modificador).

Ao narrar a si mesma, nos fragmentos 02, 03 e 04, Zilda Torres traz alguns elementos importantes sobre a carreira dos professores: o professor como exemplo na vida da população que habita o campo; aquela que se doou ao ofício no decorrer das décadas, e que sempre foi vista como competente, tanto pelos pais dos alunos, quanto pelos seus pares profissionais, principalmente técnicos da secretaria de educação. Poderíamos, pela discussão sobre profissão docente que realizamos na parte teórica desse texto, afirmar o seguinte: por ser competente, ou seja, ter desenvolvido os saberes profissionais para o ingresso na profissão, a professora se doou ao seu ofício, sabendo que naquele contexto espacial era preciso ser exemplo. A Rd de professora competente incorpora as outras.

5.2 Representações Discursivas do Tema “Profissão Docente”

Tendo em vista que um dos objetivos específicos desse estudo foi analisar as Rd do tema profissão, nas narrativas de vida, e, também, compreender os aspectos sociais, culturais e históricos da docência, nos detemos, nesse momento, a dar conta desse objetivo. Compreender-se-á que as imagens construídas sobre a profissão professor só são perceptíveis pela análise das histórias de

vida, ou seja, é nas entrelinhas do texto narrado pelas docentes, acerca de suas vivências, que apreendemos as questões históricas da docência. As discussões que realizamos no terceiro capítulo desse texto serviram de base para as análises.

1º Bloco Temático: Falta de Escolas no Campo e Aspectos de Gênero na Escolarização

Excertos 08

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Ela vinha dar aula também. E aqui, na época também não tinha gente que ensinasse a gente , meu pai foi buscar uma lá em Jaguaretama , ela ficou lá em casa , e alfabetizando nós todinhos. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 02)
02	Todos foram alfabetizados, teve uns que... assim, por trabalhar na roça , e os pais colocavam muito para trabalhar, e eles iam pouco para a sala estudar, mas as mulheres... (MARIA JOSÉ, 2022, p. 03)
03	Era nas casas, não tinha colégio, a aula era na casa de casa professor , ainda hoje tem uma que mora no Manoel Vieira. (ZILDA TORRES, 2021, p. 05)

No quadro acima, **Excertos 08**, há três fragmentos de falas de duas professoras. O primeiro e o terceiro fragmentos (01 e 03), enunciam um aspecto importante da profissão docente no contexto rural brasileiro nas décadas de 1950 até meados de 1970: a falta de escolas. O processo de democratização das escolas públicas só começa a ocorrer a partir da década de 1980, principalmente depois da Constituição Federal de 1988. No campo, os pais que possuíam alguma condição financeira melhor contratavam professoras particulares, levavam-nas para suas casas, e pagava-lhes para que alfabetizasse seus filhos.

No fragmento 01, através das categorias da referenciação, predicação, modificação e localização espacial e temporal, constrói-se a Rd do tema como **alfabetizadoras contratadas pelos pais dos alunos**. O primeiro referente, “ela”, fala da professora alfabetizadora contratada pelo pai de Maria José. Na predicação “e aqui, na época, também não tinha gente que ensinasse”, temos dois localizadores, o primeiro espacial, “aqui”, falando da comunidade rural onde a docente morava; e “na época”, localizador temporal que contextualiza a falta de escolas e professoras na infância de Maria José.

Dessa forma, o pai dela foi contratar uma profissional em outra cidade, fato esse enunciado pelo localizador espacial “lá em Jaguaretama”, que desloca a pessoa até “lá em casa”, segundo localizador. E a função era o processo de alfabetização, revelado pela predicação “alfabetizando nós todinhos”. Para a construção dessa Rd, foi imprescindível as categorias da predicação e

localização espacial e temporal, conforme expusemos. As dificuldades enfrentadas pelos sujeitos pobres do campo eram imensas, demandando dos seus pais esforços para que ocorresse, pelo menos, o processo inicial de escolarização. Reforçamos: a relação dessas mulheres com o saber foi feita através de muita luta social, tanto delas mesmas quanto de seus pais.

O que estivemos a discutir nos parágrafos anteriores é reafirmado no fragmento 03, que compreende a fala de Zilda Torres. A predicação “era nas casas, não tinha colégio, a aula era na casa do professor”, mostra que havia falta de escolas, e quando a professora contratada não morava na casa do contratante, os alunos iam para sua casa estudar. Os três localizadores espaciais da predicação mostram a situação do ensino na época: “nas casas”, “colégio” e “casa do professor”, onde ou se deslocavam as crianças, ou as alfabetizadoras.

Outro aspecto histórico-cultural do período em que as professoras viveram suas infâncias é a questão de gênero e estudo. Já havíamos afirmado em Nascimento (2014) que na região do Alto-oeste potiguar/RN, os pais tendiam a deixar apenas as filhas mulheres irem para a escola, pois os filhos homens deveriam ir para o trabalho na agricultura. Explicitamos a feminização do magistério do terceiro capítulo: a predominância de mulheres na docência por causa do discurso religioso de “vocação”. Só que, diferente do que acontecia nas grandes cidades, aonde os homens iam para ocupações mais bem vistas socialmente, nos interiores, e delimitamos ao contexto em estudo, era por causa do trabalho na roça, direcionado (a mais) aos homens, que houve predominância das mulheres.

O fragmento 02, pelas categorias da referenciação, predicação, modificação, e localização espacial construímos a seguinte Rd do tema: **meninos do campo iam menos à escola**. O termo “todos” refere-se aos irmãos/irmãs de Maria José, indicando, pela predicação “foram alfabetizados”, que de alguma forma, todos aprenderam a ler. Na predicação “por trabalhar na roça, e os pais colocavam muito para trabalhar”, através do localizador espacial “na roça”, e o modificador “muito”, mostram como os meninos tinham menos acesso à escola do que as meninas. O restante do enunciado, “eles iam pouco para a sala estudar”, remete aos meninos irem para a sala de suas próprias casas, onde ocorriam as aulas. Há, nesse sentido, uma separação dos papéis esperados para as mulheres e para os homens. Mesmo trabalhando na agricultura, as mulheres tinham um pouco mais de tempo de estudar, porém, para compensar a falta de mão de obra, os pais colocam seus filhos homens com mais afinco na roça, e sobrava pouco ou nenhum tempo para as aulas.

2º Bloco Temático: Professoras Leigas

O objetivo neste momento é falar sobre as professoras leigas que assumiam as salas de aulas que estavam sendo construídas. É evidente que essa questão está interligada com a indicação política, curral eleitoral, que existia nos interiores (e que perdurou na região). Porém, sobre esse segundo fator discorreremos no próximo bloco. É perceptível nas três falas abaixo que bastava estar alfabetizado para assumir uma sala de aula. Como bem frisou a professora Maria José, no fragmento 02, que tendo cursado a quinta série, o sujeito era considerado (socialmente) um profissional.

Certamente que nas grandes cidades esse fenômeno das professoras leigas já começa a diminuir, mas na região em estudo isso só foi ocorrer bem depois. Com a retirada da educação formal dos domínios da Igreja Católica, na segunda metade do século XVIII, chamamos de professores leigos aqueles que não possuíam vínculos com a religiosidade. No Brasil, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) promulgada em 1996, são chamados de leigos os professores que não possuem formação específica para o exercício do magistério.

Excertos 09

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Foi, lá em casa mesmo ela trabalhou oito anos, depois arrumaram uma escola aqui e ela foi trabalhar nessa escola, era só uma sala de aula, ela foi trabalhar. Quando ela foi trabalhar lá, a minha irmã já estava alfabetizada e já foi ajudar ela a ensinar os alunos. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 05)
02	Na época... você já sabia tudo [com a quinta série], você já estava um profissional, não precisava de mais nada. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 05)
03	Foi, assim, não estava nem esperando, aí de repente a pessoa: "Hoje vou para São Miguel e amanhã você já vai assumir a sala de aula", e não tinha um preparo, porque eu não estava nem esperando isso, mas aí surgiu essa oportunidade, graças a Deus. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 09)

Nos três fragmentos acima, referentes às falas da professora Maria José, temos uma clara noção da (pouca) formação necessária para ingressar no magistério no final da década de 1960 e década de 1970. Quando foi construída a primeira escola na comunidade onde morava, o município contratou a professora que alfabetizava a família. No fragmento 01, o referente “minha irmã” é complementado pela predicação “já estava alfabetizada e já foi ajudar ela a ensinar os alunos”,

mostrando que bastava apenas estar alfabetizado, saber ler e escrever minimamente, para atuar ou auxiliar nas escolas.

Essa compreensão sociocultural dos saberes docentes necessários para o exercício profissional era ampliada pela percepção que a sociedade tinha da própria educação escolar: pela dificuldade no acesso às escolas, demandando contratação particular pelos pais, além de ter que conciliar trabalho na roça e estudos, quando algum aluno conseguia cursar alguns anos de ensino formal, era sinônimo de sucesso, tal como enuncia o fragmento nº 02. Iniciando com um localizador temporal, “na época”, que nos ajuda a contextualizar as informações em um marco temporal específico, complementado pela predicação “já sabia tudo [com a quinta série], você já estava um profissional, não precisava de mais nada”, observamos, pelo fragmento, que concluir a quinta série era sinal de profissionalização. Nesse momento o aluno estaria apto a assumir o magistério, caso surgisse uma oportunidade.

O fragmento 03, enuncia que a professora não estava esperando sua contratação como professora. Através das categorias da referenciação, predicação, modificação, localização espacial e temporal, constrói-se a Rd do tema como: **professoras leigas na profissão docente**. A predicação “hoje vou para São Miguel e amanhã você já vai assumir a sala de aula”, traz localizadores espaciais, “São Miguel” e “sala de aula”, informando que convocaram Maria José para uma reunião na cidade de São Miguel, e que ela deveria assumir a sala de aula no outro dia. O deslocamento temporal é indicado pelo advérbio “amanhã” (localizador temporal).

A próxima predicação, “e não tinha um preparo, porque eu não estava nem esperando isso”, enuncia a falta de preparado, naquele momento, da professora. O modificador “não” reafirma que a docente sabia que não estava preparada para assumir a sala de aula, pois não esperava atuar como professora. Oriunda de uma família numerosa, sobrevivendo da agricultura, tendo conciliado trabalho e estudos, aproveitou a oportunidade que surgiu, porque a percebeu como uma forma de mudança de vida. Dessa forma, percebemos que no município de São Miguel, nesse período histórico, a docência foi exercida por muitos professores leigos.

3º Bloco Temático: Indicação Política/ Cural Eleitoral

Excertos 10

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Aí foi evoluindo, a minha irmã foi trabalhar na saúde, na época eu estava com 17 anos e colocaram eu para trabalhar no lugar dela , mas eu só fui assinar minha carteira quando completei 18 anos. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 06).
02	É, era minha irmã que tinha escola, que antes não precisava de concurso, bastava um (padrinho) que você já conseguia uma oportunidade de trabalhar , então essa oportunidade foi dada para minha irmã, ela trabalhava lá no sítio que eu morava, no sítio em Timbaúba. (ZILDA TORRES, 2021, p. 01)
03	Morava no sítio. Daí aconteceu um problema com meu pai, ele fraturou um braço, e a gente trabalhava na roça, então minha irmã precisou ir pra casa e passou essa escola para mim, a gente veio aqui, conversou com a prefeita, era a dona Lurdinha na época, e foi fácil de passar para mim , daí eu continuei. Isso eu sem experiência e sem grau de instrução, que não era necessário você ter uma formação. (ZILDA TORRES, 2021, p. 02)
04	[...]o bicho pegou, porque ele não queria que eu ficasse com a escola, era para a minha irmã ter entregado a ele, para ele colocar uma pessoa que ele quisesse , isso foi muito... isso foi um bichão tão grande (ZILDA TORRES, 2021, p. 17)

Os quatro fragmentos do quadro Excertos 10, correspondem as falas de duas professoras, enunciando os aspectos político-partidários no processo de contratação de professores. O fragmento 01 revela a facilidade em trocar de função e de ser contratado: a irmã da professora, que estava na educação, foi transferida para a área da saúde, e aquela assumiu seu lugar na sala de aula. Na fala “na época eu estava com 17 anos e colocaram eu para trabalhar no lugar dela”, temos o localizador temporal “na época”, e o referente “dela” que retoma “irmã”, enunciando que naquele período ocorreu uma simples troca de cargos e funções. O verbo da predicação “colocaram”, com sujeito desinencial, mostra, pelo contexto, que alguém com poder político realizou a troca de funções e, até mesmo, contratou uma pessoa sem idade legal para assumir a vacância na escola.

No segundo fragmento, número 02, retoma e amplia as discussões do parágrafo anterior. Através das categorias da referenciação e predicação, construímos a Rd do tema profissão: **apadrinhamento político para o ingresso na docência**. O localizador temporal “antes”, o modificador da predicação “não”, estão postos na predicação “antes não precisava de concurso”, mostrando que no final de década de 1970 e início de 1980, não havia necessidade de concurso público ou seleção por critérios. O sujeito desinencial do verbo “bastava”, refere-se, no contexto de fala, a um padrinho político, que é complementado pela predicação “que você já conseguia uma

oportunidade de trabalhar”, concluindo que o apoio de alguém com poder político na sociedade bastava para o ingresso na profissão.

Por essa questão, durante tantos anos, os professores leigos conseguiram oportunidades de trabalho, porque eram apadrinhados por políticos influentes. Se o passado da profissão deve servir para refletirmos sobre os problemas do presente, tal como foi exposto na parte teórica desse texto, devemos fazer a seguinte reflexão: o concurso é o mecanismo mais democrático de acesso ao serviço público, pois evita o apadrinhamento político, principalmente em regiões do interior. É perigoso quando o governo, atualmente, lança propostas de leis que permitem apenas seletivas ou contratações: de quais formas essas questões resvalarão na profissionalização da docência? Há que se indagar cada dia mais.

O fragmento 03 corrobora com o que expusemos acima: a família conversou com a prefeita da época, que autorizou que uma irmã substituísse a outra na escola. A predicação “foi fácil passar para mim”, indicada a facilidade de conseguir, transferir ou modificar as funções na época. O apadrinhamento político tem suas consequências, e isso está posto no fragmento 04: Zilda Torres enfrentou a perseguição política da nova gestão que assumiu a prefeitura. É sabido que nesse processo de indicação, cada gestor quer alocar seus próprios amigos nos cargos e funções públicas. Há uma instabilidade na sucessão de governos. O referente “ele”, do enunciado “para ele colocar uma pessoa que ele quisesse”, refere-se ao novo prefeito que havia ganhado as eleições naquele momento. A metáfora do “o bicho pegou”, indica as confusões e perseguições que ocorrem. Todos esses aspectos agregam valor semântico à Rd do tema profissão como apadrinhamento político para o ingresso na docência.

4º Bloco Temático: A Escolha Profissional/Identidade

No decorrer desse texto, nas falas das professoras, foi identificado que algumas delas acabaram por se tornar professora pela oportunidade de ter um emprego e, também, por suas irmãs já serem docentes. A professora Marta, por exemplo, assumiu a vaga na escola que até então sua irmã lecionava (A professora Zilda também). Nesse caso, falamos em uma transmissão intergeracional da docência: quando há influência de mulheres da família para o *querer ser professora*. Uma escolha que foi tutelada pelas influências familiares.

Além da transmissão intergeracional e do exercício antecipado da docência informalmente, refletimos sobre a escolha por necessidade financeira. Em todas as narrativas, quando estiveram a falar da escolha pela profissão, as professoras enunciaram a oportunidade de ingressar no mercado de trabalho. Isso é extremamente compreensível: viviam do trabalho na agricultura, com famílias numerosas, com poucas/ quase nenhuma possibilidade de emprego formal; quando um político as indicaram para o exercício do magistério, essas professoras agarraram a oportunidade. E isso como forma de mudar de vida.

Excertos 11

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Assim, de tanta criança lá em casa para aprender a ler, quem já sabia mais um pouco, juntava aquelas crianças para a gente ajudar , e naqueles momentos ali foi me vindo a ideia: "Vou ser professora". (MARIA JOSÉ, 2022, p. 09)
02	Eu tinha vontade porque achava que era um meio para a gente... era um emprego , e um meio de a gente... mas surgiu essa oportunidade e eu segurei ela com vontade e nunca deixei ninguém pegar ela aqui. (MARTA BESSA, 2021, p. 09)

O Excerto 11 expõe dois fragmentos de falas de duas professoras. O fragmento nº 01 enuncia que a professora Maria José pensou em ingressar na profissão por causa do trabalho voluntário que fazia com as crianças da comunidade onde morava. Por ser um das poucas que estava alfabetizada, já ajudava aqueles meninos e meninas que estavam tentando aprender as primeiras letras. A predicação “juntava aquelas crianças para a gente ajudar”, e o localizador temporal “naqueles momentos”, enunciam que nos momentos de auxílio, de compreensão da utilidade do seu conhecimento, a ideia de ser professora começava a ser construída.

No fragmento 02, pela predicação “tinha vontade porque achava que era um meio para a gente... era um emprego”, constrói a Rd da profissão como: **melhoria das situações econômicas**. Pessoas oriundas de um contexto social tão marginalizado pelo governo, tendo uma relação com o saber através de muita dificuldade, lidando com o trabalhado desde a infância, é de se esperar que quando surgisse uma oportunidade de trabalho, essas mulheres fossem aceitá-la.

5º Bloco Temático: Das Práticas Pedagógicas/Trabalho no Campo

Se estamos a falar da profissão docente, certamente que não poderíamos deixar de expor algumas questões sobre as práticas pedagógicas. As entrevistas nos mostraram que as professoras

do campo, no contexto histórico em que iniciaram no magistério, eram as responsáveis por ministrar as aulas, fazer a merenda das crianças, limpar a escola, entre outras funções. O trabalho não se limitava ao pedagógico, ia além.

Excertos 12

Nº	FRAGMENTOS DAS NARRATIVAS
01	Nós que fazíamos a merenda , já levava pronta. Dificuldade só foi nessa época, que a gente tinha que fazer em casa e levar os caldeirões de merenda para as crianças, e olha que era muito aluno viu , minha sala de aula eram 40 alunos. (MARIA JOSÉ, 2022, p. 15)
02	Quando começou tudo era difícil, eu zelava, eu fazia merenda , ensinava, tudo era o professor , as dificuldades eram essas que a gente tinha, tudo era a gente, não tinha ajuda de nada. (MARTA BESSA, 2021, p. 10)
03	Tinha, a gente tinha livros, na época, lá atrás era muita pouca coisa , mas a gente vinha, tinha um apoio aqui, recebia umas apostilas, umas coisas, e os livros eram poucos, mas a gente fazia... se desdobrava, tipo, de uma palavra você criava um texto, você precisava se desdobrar, não era fácil igual hoje que até na internet se você for você encontra a aula toda pronta, não tinha isso, era difícil (ZILDA TORRES, 2021, p. 19)

No quadro acima há três fragmentos que correspondem as falas de três professoras. No fragmento 01, através das categorias da referenciação, predicação, modificação e localizadores espaciais e temporais, constrói-se a Rd de **profissão para além do pedagógico**. O referente “nós” já indica que todas as professoras da zona rural passavam pela mesma situação de excesso de funções dentro da escola. A predicação “que fazíamos a merenda, já levava pronta”, mostra que além do trabalho pedagógico com os alunos, as professoras deveriam fazer a merenda em suas casas e levá-la para a escola. Além disso, a predicação “e olha que era muito aluno viu, minha sala de aula eram 40 alunos”, modificada através do “muito”, expressa que as pequenas salas de aula da zona rural eram superlotas, chegando a quarenta ou sessenta alunos, tal como nos informaram as professoras.

O fragmento 02 retoma as reflexões do fragmento 01. A predicação “quando começou tudo era difícil, eu zelava, eu fazia merenda, ensinava, tudo era o professor”, vai elencando as várias funções que a professora Marta tinha que desempenhar na escola. O localizador temporal “quando começou tudo”, remota aos primeiros anos de carreira da professora, por volta da década de 1980, onde as condições de trabalho dessas mulheres eram difíceis. O termo “zelava”, na predicação, refere-se aos trabalhos de limpeza que normalmente são desempenhados por um auxiliar de serviços diversos. O trabalho pedagógico, a limpeza, a merenda, todas essas atividades laborais eram de responsabilidade do professor do campo.

Além do excesso de funções, o trabalho pedagógico era prejudicado pela falta de recursos. Na predicação “lá atrás era muita pouca coisa”, temos o localizador temporal “lá atrás”, que retoma o período de início da carreira da professora Zilda, e o modificador “muito”, nos fala dos poucos recursos pedagógicos que havia naquele período. A comparação com a atualidade é realizada através da predicação “não era fácil igual hoje”. Como é perceptível, no decorrer das histórias de vida e profissional dessas professoras, as situações que tiveram que enfrentar para realizar seu trabalho não foram simples.

Como percebemos nesse subitem, para (re)construirmos as Rd sobre o tema profissão docente, foi preciso analisar as entrelinhas das narrativas das professoras, compreendendo as especificidades de ser docente do campo, dentro do contexto investigado/vivido. A pouca formação para o exercício profissional interliga-se ao apadrinhamento político para o ingresso no magistério. Além disso, a docência era vista como oportunidade para a melhoria de vida, daquelas pessoas que já tinham vivenciado dificuldades econômicas desde a mais tenra idade. O trabalho nas escolas multisseriadas transpassava o pedagógico, indo à outras funções. No próximo momento traremos alguns apontamentos, a título de considerações finais.

6 PAUSA NA CAMINHADA: POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em Ciências Humanas quase nunca falamos em conclusão. O homem é um ser inconcluso por sua natureza. Através da análise e interpretação de dados, partindo de uma perspectiva teórica, construímos conclusões sempre provisórias. Há alguns anos, na escrita acadêmica, temos iniciado com “iniciando a caminhada”, e terminando com “pausa na caminhada” (NASCIMENTO, 2014). Como nossos *corpora* sempre estiveram interligados às histórias de vida, acreditamos num percurso, em um “caminho que se faz caminhando”, como bem disse Paulo Freire.

Continuamos com as histórias de vida, dessa vez com as entrevistas narrativas. Entrevistar as quatro professoras que fizeram parte desse estudo foi (trans)formador. A ida a cada sítio, a reflexão conjunta na construção dos dados, o ouvir algumas vezes atento, outras nem tanto, nos fez compreender a importância de se textualizar as experiências de vida de cada uma delas. A importância política de se posicionar contra o silenciamento das populações que são/estão no campo. O município de São Miguel, mesmo com uma trajetória com a educação rural, relega à margem suas professoras e as pequenas escolas.

Acerca das narrativas de vida como gênero, há que se explicitar algo que o pesquisador em formação percebeu quando foi analisar os dados construídos: em alguns momentos, falou de mais, e escutou de menos. Certamente que essa atitude não comprometeu os dados da pesquisa, mas estes poderiam ter sido mais bem desenvolvidos pelas próprias professoras, sem necessidade de interferência. Para uma próxima pesquisa, caso ocorra, é melhor que se lance as questões norteadoras e, caso precise, questione mais alguma coisa a título de complemento. O entusiasmo o pesquisador iniciante, em mergulhar nas histórias de vida, acaba por interferir na total construção dos dados.

Brevemente, devemos lembrar que a perspectiva teórica e metodológica dessa pesquisa foi o arcabouço da Análise Textual dos Discursos (ATD), principalmente o nível 6, das representações discursivas (Rd). A Linguística Textual tem se modificado no decorrer das últimas décadas, saindo das análises transfrásticas, indo para as gramáticas de texto, até chegar às compreensões atuais do texto como objeto desse campo teórico. E texto é visto em seus aspectos culturais, históricos e cognitivos. Atualmente é uma área do saber multirreferencial.

As contribuições de Jean-Michel Adam para a LT advêm não somente das suas pesquisas acerca dos protótipos textuais, mas da conceituação de texto como articulado ao discurso. Ou seja, o autor advoga a articulação entre os campos do texto e do discurso. Partindo dessa perspectiva, temos alguns níveis, do texto e do discurso, que nos orientam para a análise de textos concretos. Reconhecendo que toda proposição enunciada, um nome e um modificador, carrega em si uma representação mínima de seu locutor, do alocutário e dos temas tratados, nos propomos, nessa pesquisa, entender quais eram as Rd de si e o tema profissão docente em narrativas de professoras aposentadas.

No processo de sistematização dos dados da pesquisa, construímos blocos temáticos/semânticos que agregaram as Rd de si das professoras, que responderam a problemática da pesquisa. Para isso, nos utilizamos das categorias da predicação, referenciação, modificação, localização espacial e temporal. Vamos, agora, falar sobre cada um deles:

1) Rd de si: Infância, Trabalho e Escolarização Inicial: nesse momento, compreendemos como esses três temas estão interligados quando falamos em populações oriundas da zona rural. Rd de si como **estudiosa** mostra como as partícipes valorizam a educação formal e seus aprendizados. É quase como se buscassem orientar suas narrativas para convencer o interlocutor que gostavam do saber. Atrelado a esta Rd, temos **trabalhadora na agricultura**, sem falar nas **aluna esforçada, porém perseguida e maltratada na escola**. Por serem pobres, com família numerosas, deveriam trabalhar na agricultura, e ainda passavam por maus-tratos na escola.

2) Rd de si: Ingresso na Profissão: dedicada, gostava da profissão, criativa e persistente, demonstram que mesmo com um ingresso abrupto no magistério, as professoras eram dedicadas, gostavam do que faziam e se consideravam aptas a exercer o ofício.

3) Rd de si: Percurso Profissional: feliz em ter sido professora do campo, apta à profissão, inteligente, ótima professora do/no campo, professoras responsáveis, humilde, perseguida politicamente, desvalorizada pelos políticos. Como podemos perceber, foi um percurso profissional que envolve desde o gosto pelo magistério do/no campo, até as perseguições políticas em tempos de eleições. É perceptível que havia uma imagem social que condicionavam essas mulheres a acreditarem que, por ser do campo, só saberiam ensinar no campo, o que não era

verdade, como afirmou uma delas. Os saberes construídos, principalmente como alfabetizadoras, as tornavam aptas a exercerem o magistério em qualquer espaço.

4) Rd de si: Imagens dos Colegas da Zona Urbana: **incapaz, excluída, sem competência para o ofício, humilhada**. Esse foi um dos momentos que mais chamou atenção no decorrer das análises, não porque fosse novidade para quem estava analisando, mas pela clareza que as partícipes mostraram ter. As imagens que os outros professores, da zona urbana, tinham sobre ela, certamente influenciou a percepção de si. A imagem de si é influenciada pela compreensão que o outro tem do eu. Observar que elas foram excluídas de reuniões pedagógicas, alvo de violência simbólica em certos discursos, ou mesmo humilhadas, demonstra como essas mulheres foram persistentes em suas trajetórias existenciais.

5) Rd de si: Ser Professora: **grata por ser professora, professor como exemplo, professora que se doou à profissão, professora competente**. Mesmo sendo humilhadas e perseguidas, o ser docente é atravessado pela gratidão, por buscar ser exemplo, por saber que se doou e que foi competente.

Cada um desses blocos de Rd indica algo muito importante sobre as professoras: as suas identidades. Cada representação discursiva é um universo semântico que nos mostra quem eram/são as partícipes da pesquisa. Qual a identidade pessoal e profissional delas. Em um primeiro momento, ficamos apreensivos se a perspectiva teórica e analítica da ATD nos daria condições suficientes para empreender uma jornada nas histórias de vida. Pela falta de leitura, de aprofundamento teórico, acreditávamos que as narrativas seriam *gramatizadas*, não sobrando espaço para compreensões mais profundas sobre o ser docente do campo.

Seguindo os pressupostos da ATD, principalmente, o nível semântico do texto, das representações discursivas, indicou a imagem de si de cada uma das professoras, constituindo um universo semântico que deu conta de mostrar e perpetuar quem são/foram as professoras da zona rural e quais suas contribuições para a educação do município.

As participantes referem-se a si mesmas, pela marca da coletividade, linguisticamente através de expressões como “a gente” e “nós”, que mostram que as docentes se inserem em um

discurso do coletivo, muito mais do que na individualidade. Seja na infância, quando fala de si e dos irmãos, ou no exercício profissional, agregando suas colegas do campo.

Ao trabalharmos com narrativas de vida temos uma certeza: o sujeito narra a si mesmo partindo de experiências formadoras. Reflete sobre elas dentro de seu percurso existencial. Por esse trajeto, esse caminhar, sabemos que há muitas idas e vindas ao contar a si mesmo. Dessa forma, os localizadores espaciais e temporais foram de muita importância para a pesquisa. Localizar em quais lugares e tempos que elas estavam se referindo, ou seja, lugares em que viveram, aprenderam, e em que momentos temporais, foi importante para a (re)construção de Rd.

Em relação, às Rd do tema profissão docente, as professoras não falaram explicitamente sobre a profissão, mas relataram em seus discursos, as suas vivências, no processo de se alfabetizar, pois na comunidade não havia oferta de educação formal gratuita. Pelas categorias semânticas, construiu-se as seguintes Rd sobre o tema profissão docente: **alfabetizadoras contratadas pelos pais dos alunos, meninos do campo iam menos à escola, professoras leigas na profissão docente, apadrinhamento político para o ingresso na docência, melhoria das situações econômicas e profissão para além do pedagógico.**

Nesse sentido, a escolha pela profissão é tutelada pela possibilidade de se conseguir um emprego, na tentativa de melhorar as condições financeiras de vida. Além disso, o ser-professor do campo não estava limitado ao pedagógico, mais a todas as atividades que envolvia as pequenas salas de aula, como limpar e fazer a merenda escolar.

Refletir sobre si mesmo nunca foi tão atual. Refletir sobre a memória, em vista a compreender o presente, em suas mudanças e permanências, é também atualíssimo. O contexto histórico e político que estamos a viver é o da negação de direitos sociais mínimos. Populações que historicamente foram marginalizadas, estão sendo ainda mais. Uma perspectiva teórica que dê conta de compreender o universo semântico de um enunciado, ao mesmo tempo em que indica as imagens da realidade em que está inserido, é necessária. Acreditamos que esse estudo contribuiu para a manutenção das histórias de vida de professoras aposentadas e, tentamos demonstrar como as categorias semânticas aqui utilizadas foram importantes para a análise do gênero textual narrativa de vida.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo, 2011.

ADAM, Jean-Michel. **Textos, tipos e protótipos**. São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, Jean-Michel. O que é linguística textual. In: SOUZA, Edson Rosa Francisco; PENHAVEL, Eduardo; CINTRA, Marcos Rogério. (orgs.). **Linguística textual**: interfaces e delimitações, homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017.

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

AQUINO, Lucélio Dantas de. **Representações discursivas de Lula nas capas das revistas Época e Veja**. 2015, 230f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

BENTES, Anna Christina. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras 1. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CAMPOS, Milton N. Integrando Habermas, Piaget e Grize: contribuições para uma Teoria Construtivista-Crítica da Comunicação. In: **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, vol. 21, n.3, 2014, p. 966-996.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, Anna Christina e LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Mathias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

LOPES, Francisco Lindenilson. **Representações discursivas na homilia do Papa Francisco proferida na Santa Missa pela Evangelização dos Povos**. 2017, 153f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto: o que é e como se faz?** 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MINAYO, Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2015.

NASCIMENTO, Jhonnys Ferreira do. **Percorrendo o caminho das águas: a escolha profissional dos(as) alunos(as)-professores(as) do curso de pedagogia do PROFORMAÇÃO/CAMEAM/UERN**. 2014, 120 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2014.

NASCIMENTO, Jhonnys Ferreira do. **A identidade profissional de professoras do AEE: entre o saber-ser e o saber-fazer (auto)biográfico**. 2017, 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso/Artigo (Especialização em Atendimento Educacional Especializado) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2017.

NASCIMENTO, J. F.; BEZERRA, A. S.; QUEIROZ, M. E. “Para não dizer que não falei das flores”: a intolerância religiosa em discursos do tráfico. In: **Simpósio Nacional de Línguas, Literatura e Ensino**, RN, Brasil, 03 a 05 de dezembro de 2019(a) (e-book).

NASCIMENTO, Jhonnys F.; SILVA, M. E. B. R.; NASCIMENTO, Débora Maria; RIBEIRO, D. M. Memoriais acadêmicos: percepções sobre a profissão docente. **Revista Extendere**, v. 1, p. 137-155, 2013 (a).

NASCIMENTO, Jhonnys. F.; NASCIMENTO, Débora Maria. Educação do campo: um diálogo com a proposta pedagógica do programa escola ativa. **Revista Metáfora Educacional**, v. 15, p. 236-251, 2013 (b).

NASCIMENTO, Jhonnys. F.; RIBEIRO, D. M. **Profissão professora: percepções sobre o magistério e dificuldades no processo formativo**. In: Hilda Maria Martins Bandeira; Ivana Maria Lopes de Melo Ibiapina; Jomária Maria de Lima Alloufa. (Org.). Pesquisa em educação: unidade na diversidade. 1ed.Fortaleza: Impreco, 2015a, v. 1, p. 334-343.

NASCIMENTO, Jhonnys. F.; SILVA, Livia. S. N.; RIBEIRO, D. M. **Escolha profissional: um estudo com as educadoras rurais do alto-oeste potiguar**. In: Hilda Maria Martins Bandeira; Ivana

Maria Lopes de Melo Ibiapina; Jomária Maria de Lima Alloufa. (Org.). Pesquisa em educação: unidade na diversidade. 1ed. Fortaleza: Imprece, 2015b, v. 1, p. 1281-1289.

NASCIMENTO, Jhonnys F.; NASCIMENTO, Débora Maria; SILVA, Lívia. S. N.; DIOGENES, E. D. **O caminho se faz caminhando**: as contribuições do PIBID para a construção do sentimento de pertença pela profissão docente. In: Ana Maria de Carvalho; Júlio Ribeiro Soares; Maria do Socorro da Silva Batista; Silvia Maria Costa Barbosa. (Org.). Concepções e práticas de formação de professores: a experiência do PIBID UERN. 1ed. Mossoró: Edições UERN, 2014, v. 1, p. 181-194.

NASCIMENTO, Jhonnys F. do; QUEIROZ, Maria Eliete de. **Intolerância religiosa**: representações discursivas em vozes que emergem do gênero notícia. In: CONEDU, 2020, Maceió/AL. Anais VII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2020. v. 01. p. 01-12.

NASCIMENTO, Jhonnys F. do; QUEIROZ, Maria Eliete de. **Representações discursivas de professoras da zona rural no gênero memorial de formação**. In: CONEDU, 2020, Maceió/AL. Anais VII CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2020. v. 01. p. 01-12.

NÓBREGA, Cristiane Maria Praxedes de Souza. **Representações discursivas de Nordeste nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. 2016, 109f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

NÓVOA, António (Org). **Profissão Professor**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2008.

OLIVEIRA, Anahy Samara Zamblano de. **Análise textual das representações discursivas no discurso político brasileiro**: o discurso da primeira posse da presidenta Dilma Rousseff (1º/01/2011). 2014, 124f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

PASSEGGI, Luis *et al.* A Análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: BENTES, Anna Christina e LEITE, Marli Quadros (orgs.). **Linguística de texto e análise da conversação**: panorama das pesquisas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2010.

PAULA, Josinaldo Pereira de. **Plano de texto referencial e representações discursivas na defesa de Dilma Rousseff no processo de impeachment**. 2021, 198f. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2021.

PAULA, Josinaldo Pereira de. **Representações discursivas em narrativas contadas por remanescentes quilombolas de Portalegre/RN**. 2017, 128f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2017.

PIRES, Angela Monteiro. **Educação do campo como direito humano**. São Paulo: Cortez, 2012 (Coleção educação em direitos humanos; v. 4).

QUEIROZ, Maria Eliete de. **Representações discursivas no discurso político**: “Não me fiz sigla e legenda por acaso”: o discurso de renúncia do senador Antonio Carlos Magalhães

(30/05/2001). 2013, 187f. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

QUEIROZ, Maria Eliete de. Análise textual do discurso político de renúncia: a representação discursiva de ACM como vítima. In: GOMES, A. T.; PASSEGGI, L.; RODRIGUES, M. G. S. **Análise textual dos discursos: perspectivas teóricas e metodológicas**. UFRN, 2018 (e-book).

RODRIGUES, M. G. S.; PASSEGGI, L.; SILVA NETO, J. G. “Voltarei. O povo me absolverá...”: a construção de um discurso político de renúncia. In: ADAM, Jean-Michel. **Análises textuais e discursivas: metodologias e aplicações**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTANA, José Max. **Representações discursivas de Lula no interrogatório do caso triplex**. 2019, 117f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2019.

SILVA, Ananias Agostinho da. **Representações discursivas sobre lampião e seu bando em notícias de jornais mossoroenses (1927): “O mais audaz e miserável de todos os bandidos” e o seu “grupo de asseclas”**. 2016, 212f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosario Genta. **História da profissão docente no Brasil: representações em disputa**. São Paulo: Cortez, 2009. (Biblioteca básica da história da educação brasileira).

ANEXO 01 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA JOSÉ

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1

Vozes masculinas não identificadas: M

Maria José

TEMPO DE GRAVAÇÃO

25 minutos e 34 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:00]

M1: Pronto, vamos lá, (inint) [00:00:04] mais fácil para mim. Quando foi que a senhora começou?

Maria José: Comecei a trabalhar em 80, só que não era carteira assinada, porque que eu só tinha 17 anos.

M1: A primeira experiência foi em 80.

Maria José: Foi em 80.

M1: Foi aqui mesmo no sítio?

Maria José: Foi aqui no sítio, na escola José Antônio da Rocha, trabalhei 30 anos nela.

M1: Foi em uma escola só.

Maria José: Depois teve que ser transferida lá para bela escola, maravilhosa, Aldelina Barbosa. Eu me encontrei lá, lá eu gostei também, a gente via muitas pessoas com o olho bem tortinho, mas quando elas viram que a gente tinha responsabilidade mesmo, elas abaixaram.

M1: Abaixaram a barra.

Maria José: É.

M1: Então trabalhou 30 anos na mesma escola.

Maria José: Trabalhei na mesma escola 30 anos.

M1: Foi a primeira professora da escola ou não?

Maria José: Não, já tinham várias, já tinha minha irmã, já tinha (inint) [00:01:05] que vinha lá de São Miguel, acho que você não conhece ela não, porque ela já é de muito tempo e mora em São Paulo, ela vinha trabalhar com a gente, Maria (inint) [00:01:14], a mãe da Oneci.

M1: Conheço.

Maria José: Ela vinha dar aula também. E aqui, na época também não tinha gente que ensinasse a gente, meu pai foi buscar uma lá em Jaguaritama, ela ficou lá em casa, e alfabetizando nós todinhos.

M1: Então a senhora começou a ler e escrever...

Maria José: Com ela, com a mulher que veio lá para casa.

M1: A sua infância você morou aqui também.

Maria José: Toda vida eu morei aqui, e meu pai com a dificuldade que ninguém sabia ler ainda, e tentando que nós aprendêssemos a ler, escrever e tudo, porque tinha que escrever carta na época, até se você escrevesse uma carta já estava bom, não precisava mais estudar. Meu pai trouxe ela para casa e ela alfabetizou muita gente aqui (inint) [00:02:02].

M1: Lá na sua casa.

Maria José: Lá na minha casa, ela também foi professora, só que ela não esperou também.

M1: E pagava?

Maria José: Pagava particular. Aí entrou um prefeito e contratou ela por seis meses, o tal do Atevaldo, não sei como é o nome dele, e por pintura não pagou a pobre, seis meses, foi embora e não pagou, mas ela trabalhou, trabalhou como era para trabalhar.

M1: Então você foi alfabetizada na sua casa mesmo, seu pai...

Maria José: Foi na minha casa mesmo.

M1: Você tinha quantos irmãos?

Maria José: 16.

M1: Nossa.

Maria José: Oito homens e oito mulheres.

M1: E eles todos foram alfabetizados assim.

Maria José: Todos foram alfabetizados, teve uns que... assim, por trabalhar na roça, e os pais colocavam muito para trabalhar, e eles iam pouco para a sala estudar, mas as mulheres...

M1: Mesmo em casa?

Maria José: Mesmo em casa. Mas não sei por que eles não aprenderam, tem uns que não aprenderam a ler, mas escrever, sabem fazer o nome deles, conta mais do que tudo, se fosse hoje, para ser professor de matemática eles eram ótimos, muito bom na época, foi difícil, mas a gente conseguiu.

M1: Queria que a senhora falasse mais dessa infância, falasse um pouquinho mais. A senhora só estudava ou também trabalhava?

Maria José: Trabalhava na roça, porque era muita gente, todo mundo tinha que trabalhar, e as coisas naquela época eram muito difícil, não é igual hoje, não tinha um Bolsa Família, não tinha nada, tinha que ser igual dizia a história, tinha que ser da safra, como eles falavam na época, tem que plantar milho, feijão, arroz, e hoje a gente não planta mais arroz porque nem dá mais, mas na época tinha tudo... mandioca, lá em casa fazia até dois meses de farinhada, era muito tempo.

M1: Então mesmo trabalhando esse tanto ainda estudava.

Maria José: Ainda estudava, tinha que estudar.

M1: Você gostava de estudar?

Maria José: Eu amava estudar, até hoje eu ainda gosto, eu ainda estudo bastante.

M1: Coisa boa. E como foi essa primeira professora?

Maria José: A primeira professora que veio trabalhar foi uma boa alfabetizadora, eu não sei se era porque a gente tinha vontade de aprender, rapidinho a gente conseguiu ler as palavras, juntar as sílabas e formar palavra, ler, e não foi muito difícil.

M1: Ela era boa com vocês?

Maria José: Ela era ótima, ela morava lá em casa mesmo, era ótima.

M1: Tinham argumento?

Maria José: Tinha, isso era muito bom, sabe por quê? A gente se dedicava muito, na hora que diziam: "Amanhã vai ter argumento", a gente já começava a estudar, dizia o que era, se era

somar, se era dividir, se era subtrair, tudo, foi muito bom na época, e a gente saiu... a gente no terceiro ano já sabia as quatro operações de conta.

M1: Então ela trabalhou todas as séries com vocês.

Maria José: Trabalhou todas as séries com a gente, era útil.

M1: Foi muito tempo que ela ficou com vocês então.

Maria José: Foi, lá em casa mesmo ela trabalhou oito anos, depois arrumaram uma escola aqui e ela foi trabalhar nessa escola, era só uma sala de aula, ela foi trabalhar. Quando ela foi trabalhar lá, a minha irmã já estava alfabetizada e já foi ajudar ela a ensinar os alunos.

M1: Que agora já era pelo município.

Maria José: Ensinava ajudando a elas, depois, quando eles contrataram essa Graça (inint) [00:05:37] que vinha lá de São Miguel, aí contrataram Maria Bobo, aí foi melhorando, aí tinha a filha de Zé Rufino que já estudava fora, já tinha muito conhecimento, começou a trabalhar também com a gente. E foi indo, já veio o segundo ano, terceiro ano, quarto ano, não tinha o quinto ano, primeiro, segundo, terceiro e quarto.

M1: Quinto ano naquela época (inint) [00:05:57].

Maria José: Na época... você já sabia tudo, você já estava um profissional, não precisava de mais nada.

M1: Você fez onde o quinto ano?

Maria José: O quinto ano eu fiz aqui também.

M1: Tinha aqui.

Maria José: Tinha, depois eles foram evoluindo com a série.

M1: Então aqui começou a ter outras séries também.

Maria José: Outras séries.

M1: Porque tem outros sítios que não tinham isso, quando chega quarto ano você tinha que ir para São Miguel.

Maria José: Tinha que ir para São Miguel, mas nós não, graças a Deus nós tivemos esse privilégio. Depois eles já foram aposentando, outros foram procurando outro serviço, porque sabe que o salário era muito pequeno, e assim, eles não... não era suficiente, e até hoje se a gente for analisar não é suficiente, a gente trabalha porque a gente precisa trabalhar, porque a gente não pode deixar de trabalhar, mas era assim mesmo.

M1: E você deu continuidade aos seus estudos como? Aqui também?

Maria José: Dei continuidade, aqui não, depois eu fui fazer o (inint) [00:06:58] dois.

M1: Foi (inint) [00:07:00] também.

Maria José: Foi, sou obrigada a fazer (inint) [00:07:01] dois, quer dizer, se não fizer o (inint) [00:07:04] dois não vai ser mais professora.

M1: Então você já trabalhava.

Maria José: Eu já trabalhava. Aí foi evoluindo, a minha irmã foi trabalhar na saúde, na época eu estava com 17 anos e colocaram eu para trabalhar no lugar dela, mas eu só fui assinar minha carteira quando completei 18 anos, mas aí já estava em São Miguel estudando, só que era só final de semana, depois começou duas vezes por semana, três vezes por semana, avançou mais e melhorou. Aí lá vem a faculdade, se não tiver faculdade vocês também não vão ser professora, falei: "Isso eu vou enfrentar", comecei a trabalhar, trabalhava até cinco horas, cinco horas vinha lá da escolinha correndo, chegava aqui, tomava banho e ia para São Miguel, chegava em casa 11 horas da noite.

M1: Isso foi quando?

Maria José: Isso já foi em 87, 88.

M1: Então você fez faculdade na década de 80 ainda.

Maria José: Fiz, 87 eu terminei.

M1: Onde?

Maria José: Lá em São Miguel, na faculdade, não lembro a época que começou, sei que passei quatro anos indo para São Miguel, e quando foi em 87 eu terminei a faculdade.

M1: Então você foi uma das poucas professoras que tinha faculdade nessa época da zona rural.

Maria José: Não, já foi avançando, porque já foram outras pessoas também, porque teve gente que não quis.

M1: Eu falo assim, as professoras que trabalhavam na zona rural mesmo naquela época, em 87.

Maria José: Sim, em 87 eu terminei, ou terminei foi o LOGOS II, não estou mais lembrada, eu não sei, eu sei que eu terminei em 87... não, espera aí, eu comecei em 2000. Você está certo.

M1: Não foi da (inint) [00:08:55].

Maria José: Foi, foi em 2000 mesmo.

M1: Não foi da UFRN que fizeram?

Maria José: Foi exatamente, foi em 2000 que eu comecei, estava errando.

M1: Acho que foi o (inint) [00:09:09] dois então, mas o (inint) [00:09:11].

Maria José: O (inint) [00:09:11] dois terminei em 87, foi isso mesmo .

M1: Porque eu falei assim: "Então foi uma das primeiras professoras que terminou um curso superior da zona rural".

Maria José: Não, foi em 2000 que eu comecei, passei quatro anos, foi em São Miguel mesmo.

M1: Então tinha todo dia aula.

Maria José: Tinha todo dia, foi bom por isso, a gente evoluiu muito na época, os professores eram muito bons também.

M1: E nessa escola que você começou a trabalhar, como que surgiu essa oportunidade? Você falou que teve a sua irmã.

Maria José: Sim, era minha irmã que trabalhava, aí (inint) [00:09:45] pediu que queria uma pessoa para trabalhar na saúde daqui, e não era em posto de saúde, era em uma casa de família, aí ela foi para São Miguel estagiar, e ele mandou que eu (inint) [00:09:59] lá em casa já tinham pessoas que tinham capacidade de assumir uma sala de aula, e ela disse que sim e eles podiam colocar, quer dizer, foi colocando ela para um cargo e eu assumindo o cargo dela.

M1: E como foi esse movimento, a primeira vez você na sala de aula... puf, entrei.

Maria José: Puf, entrei.

M1: E como foi esse momento?

Maria José: Foi tão emocionante.

M1: Foi?

Maria José: Foi, assim, não estava nem esperando, aí de repente a pessoa: "Hoje vou para São Miguel e amanhã você já vai assumir a sala de aula", e não tinha um preparo, porque eu não estava nem esperando isso, mas aí surgiu essa oportunidade, graças a Deus.

M1: Antes disso você queria ser professora?

Maria José: Eu queria, tinha vontade.

M1: De onde surgiu essa vontade de ser professora?

Maria José: Assim, de tanta criança lá em casa para aprender a ler, quem já sabia mais um pouco, juntava aquelas crianças para a gente ajudar, e naqueles momentos ali foi me vindo a ideia: "Vou ser professora".

M1: Então quando apareceu a oportunidade foi uma...

Maria José: Apareceu a oportunidade e eu fui lá.

M1: E como foi esse primeiro dia de sala de aula? Falou assim: "Agora é minha vez de assumir".

Maria José: Agora é minha vez de assumir, como é que eu vou assumir uma sala de aula? Como é que eu vou fazer? Isso é sempre que Jesus ilumina a gente, a luz na hora que você precisa.

M1: Qual a dificuldade desses primeiros anos e momentos?

Maria José: Eu não encontrei dificuldade no momento, porque eu já me dediquei mesmo, já comecei a trabalhar mesmo, e não tive dificuldade, dificuldade maior foi quando foi começar a aprender a ler, que não tinha quem ajudasse.

M1: Então você não teve nenhuma dificuldade em ser professora nos primeiros anos.

Maria José: Não, graças a Deus tive não.

M1: O que você mais gostava nesses primeiros momentos? O que você mais gostou quando você entrou na sala de aula os primeiros anos? O que mais deixava você feliz?

Maria José: O que mais me deixava feliz era quando eu via que a criança estava evoluindo, cada criança que evoluiu para mim era um crescimento, é um avanço bom. Porque assim, a gente procura alfabetizar de uma maneira que agrada as crianças e também a família, porque a família você sabe como que é.

M1: E naquela época, como era o contato com a família?

Maria José: O contato com a família era ótimo, era porque a família... você, por exemplo, estava com dificuldade em um aluno, estava dando trabalho a você e você fosse conversar com qualquer pai, eles conversavam com ele bem direitinho, e as crianças obedeciam, e obedeciam também o professor, se o professor pedisse para ele ler ele ia ler, se o professor pedisse pra ele escrever ele ia escrever, e não dava tanto trabalho naquela época por conta disso, os pais tomavam providência e eles ficavam bem melhor, não é como hoje.

M1: Então o contato com os pais sempre foi bom.

Maria José: Sempre foi bom, graças a Deus.

M1: E com os alunos também.

Maria José: Com os alunos também, até os quatro anos que eu passei em São Miguel eu não me queixo de nenhum pai, porque todos... sabe, eu era bem acolhida por eles, e também por você ensinar quarto ano, e você chegar em uma escola, achar que todo mundo está alfabetizado e

não está, e você ali é alfabetizada, então quer dizer, eles vinham, chegavam na maior alegria que o filho estava avançando, estava aprendendo, em tanto tempo, no terceiro ano não sabia ler nem escrever, e sempre eu dei o... falei, eu dei tudo, eu fiz de tudo para que eles conseguissem aprender.

M1: Os cinco anos que você passou aqui, você passou trabalhando em que ano?

Maria José: Eu trabalhei no terceiro, trabalhei no quarto, trabalhei no segundo, (inint)
[00:14:00] seriado.

M1: A sala multisseriada também.

Maria José: Terceiro e quarto ano junto. Trabalhei muitos...

M1: Você falou que tinha mais professores, no caso, então você não trabalhou sempre no multisseriado não.

Maria José: Não, teve época que eu trabalhei só com uma série, era maravilhoso, porque a criança aprende mais, você trabalhar com duas séries você fazia dois planos de aula, você estar na sala de aula, no quadro, trabalhando um em um canto, no outro com outro aluno, é difícil, mas também já aconteceu, que eu tive que trabalhar.

M1: Entendi, eu só queria fazer essa relação que você falou, que quando chegou em São Miguel encontrou alunos no quarto anos sem...

Maria José: É, sem saber ler, eu fui alfabetizar.

M1: Então você usou a experiência que você teve aqui.

Maria José: É, e eu vinha, ainda tinha gente que... sabe, os cochichos, Elisangela e Regiane, elas ficavam: "Como ela é uma alfabetizadora boa", porque achava que eu não ia fazer o certo, e graças a Deus deu certo.

M1: Então você se considera uma alfabetizadora.

Maria José: Me considero uma alfabetizadora.

M1: Que é o que as escolas da zona rural sempre fizeram.

Maria José: Sempre fizeram, todos os professores, sempre eram todos esforçados por isso aí, as vezes nós íamos para as reuniões, quando chegava lá, você sabe que tem aquelas pessoas que acham que você não entende, e quando vai para um grupinho, você tem muito mais capacidade do que muitos, que a gente não estava debochando de nada, mas a gente vê a realidade.

M1: A realidade não foge da gente.

Maria José: Exatamente, por isso que eu digo a você, graças a Deus tive dificuldade não.

M1: Me diz uma coisa, para poder pegar um pouco sobre o foco mesmo, você acha que naquela época, quando você começou, até depois também, tinha diferença no tratamento dos professores da zona urbana para a zona rural?

Maria José: Como tinha, você não imagina, era diferença grande, é porque como eu te disse já, porque eles achavam...

M1: Você sentia isso onde?

Maria José: Eu reuniões, porque eles se achavam e achavam que a gente não era capaz, o problema era esse, eu vi muitos professores, lá no Elisiario Dias, quando estava eu reunião, que os meninos do sexto ano, sétimo ano já foram para São Miguel, eles diziam: "Menina, mas os alunos do sítio-cidade são bem alfabetizados", escutava, (inint) [00:16:40] quem era eu, eu escutava e saia, porque eles eram capazes, porque naquela época, se soubesse as quatro operações já era bom aluno, então já iam assim, já iam sabendo disso.

M1: Então em reuniões você via que tinham...

Maria José: Via, muitas pessoas com a cara assim... achava que a gente não era capaz.

M1: E vocês professores da zona rural faziam o que quando acontecia isso?

Maria José: Eu não estava nem aí, as vezes as meninas ficavam reclamando: "Olha aí, estão olhando para nós como o olho torto", e deixa olhar, não estou nem aí, me preocupar com isso.

M1: Durante esse tempo que você passou em sala de aula, que no caso foi 34 anos, quase 35. Você se sentiu perseguida de alguma forma?

Maria José: Não, eu não me senti perseguida.

M1: Politicamente e nem nada.

Maria José: Não.

M1: Teve professores que as vezes comentavam, que passava de uma gestão para a outra, as vezes acontecia.

Maria José: Uma vez, aconteceu quando o Acassio ganhou na prefeitura, que lá (inint) [00:17:48] ele não mandava, quem mandava era os outros, a finada Joana de Bil, ela faleceu, ela também era muito assim, porque ela trabalhava... não sei nem o que era lá, parece que era secretária, não sei, mas o resto tudo foram bons.

M1: Então nesse mandato você sentiu que teve.

Maria José: Tem, só isso mesmo.

M1: Mas naquela época, como você organizava suas aulas? Planejava, organizava.

Maria José: Planejava, fazia atividades, era um monte de coisa, eles tinham uma exigência danada também, e a gente tinha que fazer, os planos tudo bem-feito, eu ainda tinha caderno, mas não sei onde coloquei (inint) [00:18:29] olhando.

M1: Tinha livro didático naquela época?

Maria José: Livro didático tinha, toda vida eu trabalhei com livro didático.

M1: E para você assim, como que era ser professora da Zona Rural?

Maria José: Eu me sentia feliz, eu era feliz e não sabia, quando eu fui para São Miguel, aí eu vi que tinham coisas mais (inint) [00:18:48], por causa das crianças que já não tinham aquele controle dos pais.

M1: Entendi. E nesses 34 anos, o que mais marcou você? Do lado bom, vamos pensar do lado bom, porque é um bom tempo.

Maria José: Sinceramente, para mim foi tudo bom, a gente sofreu, claro, não vai dizer que não sofreu.

M1: Sofreu no que?

Maria José: Sofria em ter que deslocar lá para São Miguel, e todo dia de moto, pegar uma moto e ir para São Miguel, essas coisas assim, mas quando eu estava aqui não tinha problema, porque eu fazia minha merenda, e você sabe que quem fazia merenda era o professor, já levava, ia para a sala de aula, já ia com sua merenda.

M1: Vocês que faziam.

Maria José: Nós que fazíamos a merenda, já levava pronta. Dificuldade só foi nessa época, que a gente tinha que fazer em casa e levar os caldeirões de merenda para as crianças, e olha que era muito aluno viu, minha sala de aula eram 40 alunos.

M1: Nossa.

Maria José: Até com 40 alunos.

M1: Mesmo com vários professores tinha essa quantidade de aluno?

Maria José: Mesmo com vários professores, e que tinha aluno que era... nessas escolas do Rio Grande, que nem dizia, eles falavam do Rio Grande, era pessoal daqui do Ceará, pessoal de Doutor Severiano, era muita gente, depois foram formando escolinha, colocaram essa aqui no Ceará, aí tem outra ali na Chapada bem vizinha, aí pronto, os alunos ficaram lá, aí (inint) [00:20:18] para a gente, a gente teve que se deslocar para São Miguel e procurar meios.

M1: E acabou fechando.

Maria José: Acabou fechando.

M1: A escola daqui fechou?

Maria José: Fechou, da época que eu trabalhava fechou, por isso que eu fui para São Miguel, porque a daqui fechou.

M1: Não tinha mais aluno de jeito nenhum ou por que...?

Maria José: Não tinha não, não tinha mais alunos, meus alunos estavam bem pouquinho, aí não dava uma sala de aula com quatro professores ainda, ainda tinham quatro professores.

M1: Me diz uma coisa, eu sempre pergunto isso para os professores, o que você acha desse negócio de mandar aluno para São Miguel? Alunos que estão em alfabetização ainda, nesse processo.

Maria José: Eu acho errado, porque no setor podia ter uma sala de aula para ensinar essas crianças, vai tudo bem pequeno para São Miguel, outros já (inint) [00:21:02] na Lagoa Nova que fica mais perto. Aí diz assim, Ceará está tomando os alunos do Rio Grande, por essas coisas aí, esses motivos, umas escolas fecham, os professores vão para outro lugar.

M1: Quando foram fechar sua sala de aula aqui, conversaram com você?

Maria José: Conversaram, porque na época tinha pouquinho aluno, não dava para a gente ficar quatro professores, nós tivemos que ir para São Miguel trabalhar lá, mas lá também não foi difícil não, trabalhei quatro anos, mas deu tudo certo, me aposentei também, (inint) [00:21:44] oportunidade boa.

M1: Para você, hoje, ainda vale a pena ser professora?

Maria José: Vale, é uma dádiva de Deus ser professora, é muito gratificante você saber que está trabalhando com pessoas que estão evoluindo, agora só te digo uma coisa, na minha sala de aula teve sofrimento? Teve, mas para mim eu não fui nem professora, lembro da sala de aula, mas para mim eu nunca nem trabalhei na educação, eu não sei por quê.

M1: Por quê?

Maria José: Para dizer que eu sofri, no sofrimento sabe.

M1: Por essa imagem que colocam.

Maria José: Por essa imagem, tem muito professor que coloca, eu não coloco essa imagem aí. Eu fui feliz.

M1: Você acha que foi privilegiada no sentido de poder trabalhar 30 anos em um lugar onde você morava?

Maria José: Eu fui, com certeza, para mim foi um privilégio, muito privilégio, eu trabalhei 30 anos, não precisava de moto, não precisava de moto, era pertinho, só era ir lá, dar minha aula e vir para casa, já ia com tudo preparado, sabe que a gente estava... o professor quando vai para a sala de aula vai com tudo preparado, ninguém vai aleatoriamente.

M1: Você falou que vale a pena ser professor, e vale a pena ser professor na zona rural?

Maria José: Vale, vale muito, porque as crianças da zona rural são muito inteligentes, quanto os da cidade são inteligentes a mesma coisa.

M1: Entendi. Me diz uma coisa, esse tempo todo que você passou em sala de aula, que não foi pouco tempo, foi quase uma vida na sala de aula, se fossem escrever um livro, se você fosse escrever um livro, o que você gostaria que as pessoas nunca esquecessem da sua história, daquilo que você...

Maria José: Nunca esquecesse como a gente conseguiu aprender e trazer um professor de fora para poder aprender, isso é muito gratificante.

M1: Lá da sua casa então.

Maria José: É, lá da minha casa, já pensou? Se não tivesse pessoa que tivesse... nós já íamos ser alfabetizados com 15 ou 20 anos, porque não tinha oportunidade.

M1: Então foi graças ao seu pai.

Maria José: Foi, graças ao meu pai, e graças a minha irmã e a (inint) [00:24:06] que sempre olhou para nossa família.

M: Boa tarde.

M1: Boa tarde, tudo bem?

Maria José: Sempre olhou para nossa família e sempre nos ajudou, até hoje as vezes as meninas dizem assim: "O povo de (inint) [00:24:22]", eu digo, não, para mim eles foram ótimos, me deram uma grande oportunidade, que foi única, porque se fosse para fazer concurso, quem sabe a gente não tinha passado no concurso, mas era muito difícil na época, porque quando começou os concursos a gente estudava para fazer, mas era uma só, você tem que estudar muito mesmo para poder passar no concurso, não passa assim não, aí eu não precisei fazer o concurso, já é uma grande vitória, porque quando chegou de fazer faculdade: "Vamos fazer faculdade, vocês vão precisar", então eu fui, fiz, não pensei nem duas vezes, fui lá e me inscrevi: "Eu quero fazer".

M1: Não pensou duas vezes? Porque a senhora teve muitos colegas que não foram, não é?

Maria José: Foi, Davecir não foi, Lucia Leite também não foi, também elas tinham os motivos delas, tinham os filhos pequenos, na época eu tinha também, mas eu não vacilei não, fui, tinha que ir mesmo.

M1: Entendi.

ANEXO 02 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA ZILDA TORRES

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1

Vozes femininas não identificadas: F

Zilda

TEMPO DE GRAVAÇÃO

01 hora, 11 minutos e 07 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:00]

M1: E a pergunta é, quando foi que você começou?

Zilda: Quando?

M1: Foi quando?

Zilda: Foi em 85, 1985.

M1: Não tinha nenhuma experiência antes.

Zilda: Nenhuma experiência, 19 anos de idade.

M1: Com 19 anos.

Zilda: É, era minha irmã que tinha escola, que antes não precisava de concurso, bastava um (padrinho) [00:00:25] que você já conseguia uma oportunidade de trabalhar, então essa oportunidade foi dada para minha irmã, ela trabalhava lá no sítio que eu morava, no sítio em Timbaúba.

M1: Você morava no sítio também.

Zilda: Morava no sítio. Daí aconteceu um problema com meu pai, ele fraturou um braço, e a gente trabalhava na roça, então minha irmã precisou ir pra casa e passou essa escola para mim, a gente veio aqui, conversou com a prefeita, era a dona Lurdinha na época, e foi fácil de passar para mim, daí eu continuei. Isso eu sem experiência e sem grau de instrução, que não era necessário você ter uma formação.

M1: Você tinha estudado até que série?

Zilda: Até a quarta série. E para isso, para certificar essa quarta série eu ainda tive que fazer um estudo de 15 dias, acho que bem 180 horas, por aí. Aí recebi um certificado da quarta série, fiquei com essa quarta série até 94. Em 94 eu comecei a fazer um curso a distância, que era o Renascer, foi de 94 até 97, eu terminei, não, até 2000, de 94 até 2000 eu terminei. Isso trabalhando, como inclui minha história de vida, trabalhando, tendo filho, cuidando de casa e de escola, e estudando, estudava aos domingos, sábado e domingo, levava os módulos, estudava em casa, depois você vai refazer aqui o que... entendeu? Levava os módulos, estudava em casa, e aos sábados e domingos vinha fazer a prova aqui. Em 98 teve aquele concurso e veio a necessidade de a gente fazer uma faculdade.

M1: (inint) [00:02:46] formação?

Zilda: Sim. Quando foi em 2000... Deus, espera aí, comecei a faculdade em 2004, em 2004 foi que eu ingressei na faculdade, terminei em 2007.

M1: Foi onde?

Zilda: Foi aqui, fiz a faculdade de história pela Universidade Federal do Ceará. Aí pronto, vim concluir o meu nível superior em 2007. Em relação a... faz alguma pergunta que vai destoar muito do que você queria fazer.

M1: Está certo, pode falar, não se preocupa. Agora voltar um pouco nessa questão, você falou que morava aqui na Timbaúba, aí sua irmã já era professora, aí o colégio lá da (inint) [00:03:41] Bauba, você tem lembranças de quando surgiu, alguma coisa assim? De ano, falavam? (inint) [00:03:49] ser a primeira professora.

Zilda: Não, quando eu vim morar lá já existia esse colégio muito pequeno, depois que foi ampliado, tinham esses colégios lá em um pedaço de terra limitado que o pai daquele Neide do cartório, Neide Pereira, tinha doado, que eles também são de lá dessa região, ele tinha doado esse pedacinho de terra... não, espera aí meu bem, ele conseguiu esse pedaço de terra com um senhor por nome de Julia Pessoa de Moura, que quando eu trabalhava lá, até que a gente teve uns

problemas lá, esse colégio ainda hoje não tem um nome de alguém em homenagem a alguém, porque quando foi para colocar, quando falaram isso, eu lutei muito por isso, mas a minha sogra queria que colocasse o nome do pai dela, e o pai dela ainda era vivo e não tinha nada a ver com isso, não morou lá, assim é falta de conhecimento, não morava lá e nem nada, mas ela queria que colocasse o nome do pai dela. Ao redor do colégio, as terras eram todas do meu sogro, mas essa quadrinha do meio tinha sido uma outra pessoa que tinha dado, e eu perguntei ao filho da pessoa que doou o terreno, que a pessoa que doou já era morta, eu perguntei a ele e ele falou que o nome do pai era Julio Pessoa de Moura, e quando eu falei isso gerou uma pequena... aí eu disse: "Pronto, vamos deixar isso para lá, depois as autoridades entram com outra..."

M1: E você foi morar por lá que ano? Você lembra?

Zilda: 79.

M1: Aí já tinha o colégio.

Zilda: Já tinha o colégio, aí as primeiras professoras desse colégio foram as irmãs de Neide Pereira, que foram por intermédio do pai de Neide que pediu esse pedacinho de terra para o senhor lá, então as filhas dele foram as primeiras professoras, elas moravam em São Paulo.

M1: (inint) [00:05:58] 70 então.

Zilda: Agora sim, não me recordo.

M1: Porque você falou que tinha sua irmã antes.

Zilda: É, minha irmã trabalhou só uns dois anos, porque meus pais moravam na Lagoa dos (Milhomens) [00:06:12], e ela arrumou, sabe, coisa política, ela arrumou lá um tempinho.

M1: Então, agora vamos retornar aqui. Como foi sua infância?

Zilda: Minha infância foi sofrida, trabalhada na roça, na zona rural, casei com 15. Primeiro, na casa do meu pai a gente trabalhava na roça, estudava aquela coisa, ia para a escola o dia que dava certo, na zona rural só tinha até a quarta série, não tinha como estudar na cidade, não tinha essa perturbação de carros para levar ninguém, se fosse para estudar na cidade tinha que morar na casa de alguém, de outra pessoa, e os pais na época não deixavam. Com 14 anos comecei a namorar com essa pessoa que eu me casei, com 15 anos me casei, a infância foi essa. Aí vim morar aqui em outro sítio, duas léguas de distância de um canto para o outro, aí só fui ter filhos e trabalhar, isso eu me casei em 79, em setembro, aí quando foi 80 já fui mãe, 81 fui mãe, 82 também, em 83 eu trabalhei, fui monitora de uma creche, 83 e 84, 85 assumi o cargo de professora.

M1: Então você teve dois anos de experiência antes.

Zilda: Foi, como monitora de creche.

M1: Então, (inint) [00:07:51] você tinha irmãos (inint) [00:07:52].

Zilda: Somos em seis, um homem e cinco mulheres.

M1: Você é das mais novas?

Zilda: Sou, das mais novas, sou a primeira que...

M1: E mesmo assim trabalhava na roça.

Zilda: Trabalhava.

M1: (inint) [00:08:06] zona rural normalmente eram os mais velhos que ficavam mais na roça.

Zilda: Era, mas lá em casa, pelo fato de a minha mãe ser uma pessoa que sempre teve problemas de saúde, aí a minha irmã mais velha que ficava em casa, porque aí ela tomava conta de tudo, e os mais novos ia para a roça.

M1: E você ficou só até a quarta série estudando nesse sítio, você falou .

Zilda: Só até a quarta, porque terminou e não tinha mais.

M1: Você lembra das professoras desse sítio como era?

Zilda: Era nas casas, não tinha colégio, a aula era na casa de casa professor, ainda hoje tem uma que mora no Manoel Vieira.

M1: Que foi sua professora.

Zilda: Foi minha professora. Na Lagoa de Milhomens, onde a gente estudou, tem outra, você não conhece, e tem outra que mora em Icó, eu me recordo de três que estão vivas, ainda tinha aquela aula particular que os pais pagavam.

M1: Seus pais pagavam.

Zilda: Pagavam, ainda estudei particular com uma pessoa que era minha madrinha de São João, você queria saber disso tudo, não é?

F: Mas deu certo.

Zilda: Esses dias eu dei entrevista para ela, mas era uma coisa só de cinco minutos, então...

M1: Foi rápido, a minha (inint) [00:09:23]. Então seus pais pagavam ainda.

Zilda: Pagavam.

M1: Para todos os filhos então.

Zilda: Sim, para todos os filhos, só que assim, aquela aula, digamos, como se fosse uma alfabetização, para quando fosse para a primeira série... entendeu?

M1: Então na escola mesmo que você ia não precisava pagar.

Zilda: Não, na escola mesmo era municipal, agora eles antecipavam umas aulas particulares, porque meus pais, apesar da dificuldade lá no sítio, mas meu pai era um dos que a gente via, era bem visto em relação a querer educação para a gente, não dava mais porque lá não tinha.

M1: E você lembra como era a prática dessas professoras? Como elas trabalhavam em sala de aula no dia a dia?

Zilda: Era aquela coisa, sempre com livro, aquela dificuldade toda da condição financeira, mas ninguém ignorava ninguém, era todo mundo do mesmo tamanho em relação a condição financeira, minha mãe comprava um lápis grafite, com a faca ela rolava assim, fazia um risquinho no meio e torava para duas. Uma borracha, a gente era para se sentar perto uma da outra, porque dividia borracha, não tinha aquele negócio de dividir (séries) [00:10:43], não tinha, o professor... eu ainda trabalhei assim, de primeiro ao quarto ano multisseriado, então mesmo eu no primeiro ano, digamos assim, e minha irmã no segundo, outra no terceiro, porque tinha minha irmã mais velha, que era muito interessada, ela era exemplo na escola, ainda hoje ela é, o que ela vai fazer, não sei se você já ouviu falar na Tia Nelda do buffet.

M1: Sim.

Zilda: É ela. Ela ajudava muito a gente, ela era uma irmã que ajudava muito a gente, ela sempre foi bem interessada com as coisas, aí a gente ia para a escola, ela era cabeça, responsabilidade com a gente, a gente sentava perto para dividir a borracha, porque as coisas não eram tão fáceis, e em casa a gente praticava, hoje menino tem caderno de desenho, tem tudo para brincar, a gente praticava no papel que chamamos de papel de embrulho, que a gente comprava as coisas embrulhada, engraçado, aquele papel grosseiramente, que vinha como vem jornal, aquele fardo, a gente comprava bolacha comum, açúcar, o café em caroço, vinha tudo naquele papel, e aquele papel era reaproveitado, minha mãe tinha muito cuidado, guardava ele todinho, e em casa a gente praticava alguma coisa naquele papel.

M1: Então sempre foi um ambiente de incentivo a estudar.

Zilda: Sempre, graças a Deus.

M1: Tantos os homens quanto as mulheres eram incentivados.

Zilda: Tudo, graças a Deus, com essas dificuldades tudo, mas a gente sempre teve.

M1: E como era a relação de você com os professores. Porque a gente via naquela época os professores com professores que eram mais bonzinhos, outros eram mais na rédea curta.

Zilda: Eu costumo dizer que não tem professor nem bom e nem ruim, eu costumo falar isso, porque não adianta mascarar, eu não gosto de máscara, nem dessa, não adianta meu anjo, o professor é o que o aluno quer.

M1: (inint) [00:13:00] por exemplo, daquela época (inint) [00:13:03] agora, sempre falava assim, que os professores... era porque era comum naquela época, ainda, não acho que talvez na sua época, mas um pouco antes, a palmatória, (inint) [00:13:13], caroço de milho.

Zilda: Tinha, claro que tinha, mas é isso que eu quero dizer, o aluno que provocava a situação.

M1: Mas ainda tinha a prática, isso que eu falo.

Zilda: Tinha sim, e como tinha.

M1: (inint) [00:13:24] questão do professor, falo se ainda tinha a prática.

Zilda: Tinha sim, me recordo muito que tinha aquela questão do argumento, nunca eu vou esquecer.

M1: Tabuada que tinha que ir na frente.

Zilda: E principalmente na aula particular, a professora era uma pessoa bem baixinha, bem pequena, ela falava em uma simplicidade, não tinham essas formalidades que tem, então ela era uma pessoa... e ela pediu, a gente argumentava nas sextas-feiras, então ela dava a palavra, ela dizia a palavra para alguém soletrar, e eu nunca pude esquecer de eu, sozinha, nesse dia dei bolo em todo mundo, eu argumentei a palavra, era (inint) [00:14:22], e eu estou lá, disse todinha, todo mundo olhou para mim, mas quem perdeu para mim foi minha prima, uma bichona daquele tamanho, aí eu fui dar um bolo na mão dela e não podia nem com a palmatória direito, bati na mão dela, acho que não pegou muito bem assim, não sei, ela chorou.

M1: Eram os alunos que faziam.

Zilda: Eram os alunos que batia, alguém ganhava de alguém, então a palavra vinha, se você dissesse tudo bem, se não dissesse e eu dissesse eu dava o bolo em você. E assim, quando o aluno também desobedecia, aí era o professor que...

M1: E tinham outras práticas (inint) [00:15:04] professores que você lembra até hoje que foram práticas boas, que você lembra, que você recorda, que fizeram aprender bastante, alguma coisa assim?

Zilda: Pelo menos era uma coisa que era exigida, obrigação de ir para a escola tinha exigência, o aluno não podia ir para a escola, chegar, sentar na cadeira e fazer de conta, era uma coisa que era prática, que era praticada mesmo, a situação da obediência, isso era preciso.

M1: (inint) [00:15:42] bastante.

Zilda: A obediência, porque quando a pessoa obedece, mesmo que não seja uma coisa de si, mas acaba tendo que aprender, não tem situação que tem que ser. Às vezes eu costumo dizer assim: "Nada tem que ser, as coisas acontecem", mas tem situação que tem que ser, o convívio ali como fica?

M1: E um dia que você gostava mais da aula? Que era uma coisa que você gostava muito de fazer na aula?

Zilda: Eu sempre gostei muito de escrever, sempre gostei de escrever, hoje eu já não gosto mais, acho que cansei, mas onde eu botar até o dedo eu risco meu nome.

M1: Você gosta de escrever, então você gostava das aulas de escrita.

Zilda: Gostava.

M1: Tinha muita (inint) [00:16:32] assim naquela época?

Zilda: Tinha, porque nessa época não tinham essas aulas esportivas, não tinha brincadeira, não tinha, era para escola era ler e escrever.

M1: Me diz uma coisa, em 85 você chegou lá, (inint) [00:16:49] dois anos como auxiliar, quando você chegou, em 85, primeira experiência, você sozinha na sala de aula, como foi?

Zilda: Porque assim, eu fiquei quase um ano ajudando minha irmã, ela indo para a casa do meu pai trabalhar, ajudar na roça e eu ficava, as coisas como eram fáceis, e eu ficava na sala de aula por ela, a gente planejava junto, eu ajudava ela, na minha casa ela ficava lá a noite, tudo. Quando ela ia para casa, ela já ia deixando tudo pronto para mim, e eu sempre gostei de me impor com a situação, e dava certo. E quando eu tomei conta, tem uma amiga minha que a gente... ela morava no mesmo sítio, e a gente já era bem amigas, e pelo fato (inint) [00:17:44] dar aula pela minha irmã, a gente já tinha um entrosamento bom, e quando eu assumi mesmo ela se prontificou: "Estou aqui para o que você precisar", e isso nunca me faltou apoio, graças a Deus. Então, teve dificuldade, teve? Porque uma coisa é você estar ali por alguém, outra coisa é dizer: "Agora sim, é com tu".

M1: Quais foram as dificuldades que você lembra?

Zilda: Essa situação, as coisas mais difíceis que eu achei de trabalhar em toda minha vida é lidar com as famílias, meu filho, sem conhecimento de nada, a ignorância, e você ter que ser exemplo, porque você não podia bater de frente, e na zona rural o bicho pega, ai Deus, quando você pensa que não, chega um pai de família na porta do colégio com a roçadeira no ombro, claro que ele vai para a roça, uma corda aqui do lado enganchada no cabo da faca: "E aí, como está meu menino? Eu ouvi dizer isso e ouvi dizer aquilo", aquela coisa, você tem que... baixinho, mesmo você... mas assim, tudo você precisa saber conciliar, você não pode calar não, você tem que conversar, dizer realmente o que está acontecendo, você muitas vezes é mal interpretado, você está dizendo uma coisa e a pessoa entende... mas isso ainda acontece, e isso não só acontece na zona rural, isso acontece hoje nas salas de aula, porque eu trabalhei até 2015, e vejo, e tenho netas que estudam, e vejo tudo, eu participo de reunião da minha netinha que a mãe trabalha, de Aline, eu vejo que isso ainda acontece, e foi uma coisa que... e trabalhei muito na zona rural, porque lá na Timbaúba onde eu trabalhava, eu trabalhei lá 14 anos, aí vim embora aqui para São Miguel, quando eu cheguei aqui eu fui trabalhar no São Gonçalo da Linha Grande, lá trabalhei 11 anos, foi o melhor lugar que eu encontrei para lidar com gente, você acredita? Muito bom, os pais de família lá me tinham como uma pessoa que estava ali realmente se doando, como eles me entendiam, não me tinham lá como a empregada, que ela tem que fazer, ela tem que engolir, não, lá não tinha isso, foi maravilhoso, mas se o colégio de lá...

M1: Isso foi dos anos 2000 para cá, então, no caso.

Zilda: Isso, de 2000 para cá, porque eu vim para cá em 98, ainda fiquei ali no Pinheirão, eu vim em junho de 98, então não tinha onde me encaixar, como fiz a história, aí fiquei no Pinheirão ajudando na merenda, e no outro ano fiquei em uma creche, aí eu já não pude mais ir para a sala de aula até terminar a faculdade, o segundo grau. Aí foi, fiquei em 99 também, 2000 eu fiquei em uma creche, em 2001 foi que eu voltei para a sala de aula e fui para o São Gonçalo, fiquei... tinha ficado em uma creche aqui como monitora também, 2001 foi que eu voltei para a sala de aula, porque tinha isso, ou eu voltava para a sala de aula... como que é? Ou concluí o segundo grau ou ia para a limpeza, teve muitas colegas minhas que foram para a limpeza, não perdia o emprego, mas ia para a limpeza. Eu acho isso regressão, eu digo: "Não", aí concluí o segundo grau, isso em 2000, 2001 voltei para a sala de aula, porque até então, no sítio eu estava, não, eu fiquei na sala de aula até 2007... meu Deus.

M1: 97.

Zilda: 97, em 98 foram as pessoas do concurso que assumiram, aí eu fiquei lá auxiliando, que já tinha a pessoa do apoio, eu fiquei auxiliando até que eu terminasse, porque eu já estava perto de terminar, mas como eu vim embora para cá, eu fiquei um ano e meio aqui, até concluir, quando eu concluí, aí eu voltei para a sala de aula, só que fui para a zona rural de novo, toda vida em gostei da zona rural, até encontrei propostas para ficar aqui, mas graças a Deus que a gente tinha uma certa...

M1: Por que não quis? Por que ficou na zona rural?

Zilda: Primeiro que eu sempre me identifiquei nesse sentido, de zona rural, quando a gente ia ter planejamento, encontros, essas coisas, tudo eu via que assim, a gente da zona rural, era como se fosse mais... não sei, acho que a gente era mais humilde, a gente professor, a gente se entendia melhor, a gente dividia mais o conhecimento da gente, e não sei, pode não ter sido isso, mas a gente via. E aqui para a Aldelina Barbosa mesmo eu recebi convite, para ficar aqui, para o Pinheirão também, mas eu digo: "Não, me deixe lá na zona rural", eu acho tão bom, para mim também era uma terapia, amanhecer o dia, tomar banho, fazer aquele percurso, acho que já me deixava mais... aí pronto, achava muito bom, aí trabalhei lá, trabalhei com hora suplementar, trabalhei na Boa Vista de Cima, trabalhei na Cruz, trabalhei como titular no Agreste dois anos, no São Pedro de Elizeu ali, na terra do prefeito, trabalhei no Retiro dois anos, comecei na Timbaúba e terminei lá, no ano de me aposentar fui para lá de novo. Porque assim, tinha meu horário normal, como titular, e tinham as horas suplementares, sempre que surgia me davam uma sala de aula, sempre que estavam precisando me colocavam em uma sala de aula, e trabalhei muito, porque nesse período eu tinha minha sala de aula certa e tinha essa suplementar, trabalhei muito os dois horários, era um salário a mais, a gente precisa.

M1: Você realmente, quando você pensou em ser professora foi pela questão mesmo porque apareceu a oportunidade ou antes da oportunidade você tinha um desejo ou alguma coisa assim?

Zilda: Eu acho assim, eu sempre me identifiquei muito, a oportunidade foi viável, a necessidade também, caiu como uma luva, e a mão precisava, foi uma coisa...

M1: Mas de onde surgiu essa vontade assim? Você lembra quando foi e em que momento da sua vida (inint) [00:24:57]?

Zilda: Como eu estou te falando, eu sempre gostei de escrever, de estudar, e no sítio que eu morava não tinha ninguém que sabia ler, eu era a... as tardes na minha casa era cheia de mulher para escrever carta para os filhos em São Paulo, para os maridos que iam para São Paulo, ia tudo

lá em casa, e aquilo me deixava feliz, orgulhosa, um orgulho sadio, eu sempre... eu tinha a intenção de um dia crescer, só que eu achava difícil, porque lá no sítio eu não via caminho, eu não via brecha para isso, mas a quem Deus promete não falta, aconteceu que minha irmã arrumou essa aula politicamente, porque você sabe que em ano de política acontece essas coisas, e acabou que caiu nas minhas mãos e eu amei, e adorei, nunca lamentei porque trabalhava, detesto quando vejo uma pessoa lamentando falando do seu trabalho, porque tudo que você faz você deve abraçar, você nem sofre quando você faz com amor. E foi isso, eu nem pensava muito em ser professora, porque eu achava que não ia ter oportunidade, mas se oportunidade surgisse eu estava apta a... apta do meu jeito.

M1: Entendi, a vontade já tinha surgido desde quando você escrevia então.

Zilda: Com certeza.

M1: Vamos falar agora da questão das diferenças da zona urbana para a zona rural. Eu quero (inint) [00:26:34] para você que a gente vê bastante outros professores falando, você via diferença no tratamento dos professores da zona urbana com os da zona rural? Quando tinha reunião, quando tinha...

Zilda: Não tenha dúvida, muita.

M1: Quais?

Zilda: Quando era um professor da zona urbana que trabalhava na zona rural não era tanta, mas a gente mesmo que morava na zona rural, não as pessoas do apoio, os colegas professores, os colegas, as pessoas do apoio não, nunca vi, mas os colegas professores você pode ter certeza, os colegas daqui que trabalham na zona rural, hoje... que na época a gente ficava tudo calado, mas hoje você vê falar, se pronunciar, dizer, falar que é discriminado, que é mal visto pelos colegas que trabalham na cidade, se é que não tem diferença, que você sabe, o plano de aula é o mesmo, a disciplinas, é tudo... pode que na zona rural haja muitas vezes aquele jeitinho brasileiro, na zona rural sempre acontece um jeitinho brasileiro, muitas vezes a falta de um professor, o município não querer pagar um professor e juntar duas séries. Digamos assim, que essa seja uma das coisas que eu quero falar, porque, digamos, aqui não junta, uma comparação, na cidade não junta as duas séries, e na zona rural, as vezes por essa situação, juntar. Quer dizer, são algumas coisas que acontecem, que surgem, mas em relação a trabalho, prestação de conta, diário, tudo é a mesma coisa, mas essa situação, eu atribuo isso ao orgulho mesmo da pessoa, besteira.

M1: Quando tinha reunião, por exemplo, você percebia que tinha diferença.

Zilda: Sim, não tenha dúvida meu filho, tinha sim. E não tinha mais, e eles não se crescia mais porque a pessoa que estava lá no apoio estava... entendeu? Aí quando aconteceu, que foi uma das melhores coisas que aconteceu, foi essa situação do departamento de ensino rural, porque pode ter sido uma barreira, mas foi uma barreira que fez bem para a zona rural, porque isso diminuiu, esse... e a gente ficou se encontrando só quando? Nas semanas pedagógicas, dificilmente tinha encontros com professores da cidade, ficou nós da zona rural como o departamento de ensino rural, nós tínhamos o nosso, digamos assim, diretor. E assim, muito bom, muito compreensivo, e apoio total, e vendo que a gente tinha capacidade para o que viesse, e sempre teve aquelas pessoas menos interessadas no que faz e tudo, mas isso tem em todo canto.

M1: Sempre era difícil quando tinha que se reunir com o pessoal da zona urbana.

Zilda: Como?

M1: Sempre era ruim.

Zilda: É, o povo (inint) [00:30:04], não todos, tudo com a exceção.

M1: Mas tinham, (inint) [00:30:10] bastante. Naquela época, estou falando de 85 mesmo, 90, você se sentia valorizada?

Zilda: Em partes, tudo em partes.

M1: Pelos alunos, se sentia valorizada?

Zilda: Sentia, até porque professor naquela época ainda era uma coisa mais... os pais, em muitas situações a maioria dos pais, aqueles ignorantes nunca vão deixar de existir, mas tem aqueles que sempre lhe apoiavam, que sempre lhe vinham como uma pessoa que estava ali dando o melhor de si, tem aqueles que dizem: "Mas ele está ganhando pra isso", mas isso vai ter sempre, mas mesmo assim, na época tinha... eu acho que o professor na época, lá atrás, era mais valorizado do que hoje, eu acho, em relação a valores.

M1: (inint) [00:31:19] no interior, e as questões políticas? Influenciavam no trabalho?

Zilda: Nossa meu filho, influenciava demais, teve uma bendita de uma gestão aqui que colocou no colégio que eu trabalhava lá, senhor, deixa eu me lembrar o ano, 85... essa situação mesmo dessa escola que eu consegui ir lá através da minha irmã, que ela tinha arrumado aqui com o vice-prefeito da época, que era (inint) [00:31:55], tinha um cidadão lá na zona rural que ele se dizia liderança política, na zona rural não tinha essa liderança, então ele... o bicho pegou, porque ele não queria que eu ficasse com a escola, era para a minha irmã ter entregado a ele, para ele colocar uma pessoa que ele quisesse, isso foi muito... isso foi um bichão tão grande, que na época

o Raimundo Fernandes, que eu nem voto nele, eu dei voto naquele homem uma vez por conta de uma tomografia que ele deu para o meu pai, eu dei esse voto tipo assim: "Estou pagando", e pronto, mas ele não queria que eu ficasse com a escola, porque essa pessoa lá que eu estou falando era da equipe dele, era que arrumava voto para ele e tudo mais, só que a prefeita disse: "Olha, para tirar a mulher lá do cargo de professora vai me tirar do cargo de prefeita, porque ela é preparada, ela está trabalhando direitinho, os pais querem que ela fique, então não é Joaquim sozinho que vai tirar por questão política". Então...

M1: Então você sofreu perseguição.

Zilda: Sofri. Aí quando... dona Lurdinha perdeu para Bastião de (inint) [00:33:18], isso é bom esse trabalho feito assim, porque a gente está conversando normal e você... para Bastião de Ezique, Bastião de Ezique colocou... aí depois, nessa época, de 86 para cá já entrou mais uma amiga minha, que hoje ela mora aqui no Manoel Vieira, também aposentada, e Nelda, minha irmã, a tia Nelda, que também morava lá, ela se casou, morava lá, então já éramos nós três. E o Bastião colocou lá nove funcionários fantasmas só para vir pegar o dinheiro, que dinheiro? Do tanto que era o meu, era os desses funcionários, por igual, éramos em 12, e nós três trabalhávamos, nós limpávamos o colégio, cada um fazia no seu horário, limpava, fazia merenda e distribuía, e ganhava um total X, e essas pessoas que eram tudo lá com o nome do colégio, um era do apoio, outro colocava água, outro fazia não sei o que, e ninguém ia lá nem olhar, ria da gente, e no dia do pagamento eram os primeiros a vir, recebiam o mesmo tanto da gente.

M1: (inint) [00:34:45].

Zilda: Pois é, isso durou a administração desse homem todinha, dessa pessoa, essa mudança veio acontecer quando doutor Acassio ganhou, aí quando doutor Acassio ganhou, que foi... pronto, essa situação de Sebastião foi de 88, que eu me recordo que no dia da eleição que ele ganhou, que foi 15 de novembro de 88 foi o dia que eu tive um menino, no dia 15 de novembro de 88, e ele ficou, era quatro anos, ficou até 92, Acassio ganhou e assumiu em 93, aí quando Acassio entrou mudou essa situação, aí ele (gratificou) [00:35:34] a gente, colocou alguém para fazer merenda e outra pessoa para limpar o colégio, uma pessoa fazia merenda, outra limpava o colégio, e deu um aumento classificatório para a gente.

M1: Melhorou a situação.

Zilda: Melhorou a situação, mudou, mas essa questão mais política sempre tem, hoje você vê professores concursados, com grau de instrução lá em cima, e ainda sofre essas coisas.

M1: E vocês conversavam muito, na zona rural vocês conversavam bastante, vocês ainda percebiam na década de 90, até meados dos anos 2000, questões políticas com os outros professores que não eram do mesmo partido ou alguma questão assim?

Zilda: Sim, até os professores mesmo entre si as vezes arrumavam um atrito.

M1: Questão política da cidade.

Zilda: É.

M1: E naquela época como você organizava suas aulas? Você lembra assim como você organizava? Planejava? O que se tinha planejado, se tinha livros, tudo.

Zilda: Tinha, a gente tinha livros, na época, lá atrás era muita pouca coisa, mas a gente vinha, tinha um apoio aqui, recebia umas apostilas, umas coisas, e os livros eram poucos, mas a gente fazia... se desdobrava, tipo, de uma palavra você criava um texto, você precisava se desdobrar, não era fácil igual hoje que até na internet se você for você encontra a aula toda pronta, não tinha isso, era difícil.

M1: Tinha muitos alunos na sua sala?

Zilda: Você agora tocou em um ponto, ufa meu filho, no primeiro dia de aula não tinha alfabetização, não tinha pré, não tinha jardim, não tinha nada, era de casa para a escola, e esse de casa a gente costuma dizer: "Burrinho, burrinho", daquele jeitinho mesmo, não teve orientação nenhuma, ia para a escola e não tinha aquela orientação dos pais, nem de dizer assim: "Olha meu amor, na escola o comportamento é diferenciado, lá você tem que escutar o que Zilda vai dizer, você precisa se manter sentado, você não pode estar se levantando para brincar com os colegas, a escola não é o terreno de casa que você...", porque isso é o mínimo que os pais devem fazer, mas isso não acontecia, menino ia para a escola...

M1: Os pais também não tinham instrução.

Zilda: Não tinham instrução, e quando era uma reunião que a gente fazia que convocava os pais para ir, o que a gente escutava: "As mulheres da rua vem?", um dia eu quase (inint) [00:38:23] na secretaria de dar risada, porque eu disse: "Olha, quando é para acontecer essas reuniões...", que a secretaria mesmo que determinava: "Reunião de pais, vocês vão ter que...", então, "Gente, é importante que vá alguém daqui, porque os pais só querem ir se for alguma mulher da rua", elas davam risada demais.

M1: Isso desde aquela época.

Zilda: Naquela época.

M1: As suas turmas eram cheias?

Zilda: Sim, era isso que eu queria te falar, eu não me recordo o ano, mas teve um ano...

M1: (inint) [00:38:54].

Zilda: Sim, com um número elevado de alunos, daí no tempo do doutor Acassio, ele ampliou o colégio, fez uma sala grande, porque só era uma sala pequena, dois banheiros, ainda era três horários, era matutino, vespertino, não... como era?

M1: Tinha noturno também?

Zilda: Acontecia de ter uns (inint) [00:39:30], algumas coisas lá, umas escolas a noite, mas não ia muito para frente não, mas ainda era três horários, manhã, meio-dia e tarde. Aí era matutino, vespertino e intermediário ainda, aí era eu... era minha irmã de manhã, minha amiga meio-dia no intermediário e eu a tarde no matutino. Aí ficou... quando o Acassio fez essa sala de aula, foi depois de 90, eu não sei o que aconteceu, que o número de alunos foi tão elevado, aí o que acontece, a minha irmã veio embora aqui para São Miguel, e ficou a turma dela entre eu e a outra, nesse período já não tinha mais o intermediário, era só manhã e tarde, aí deu 123 alunos...

M1: Na sala?

Zilda: Para mim e a outra, aí dividia assim, e a confusão, olha a confusão para os pais dizerem quem vai com quem, os pais tinham a questão da roça, as vezes queria escolher o professor, mas pela questão da roça... e aquela dificuldade, que na zona rural você precisa se adaptar, essa situação dos pais, da roça.

M1: Naquela época você adaptava a isso?

Zilda: Era preciso, se adaptava.

M1: Porque hoje em dia a gente não vê muito.

Zilda: Hoje em dia não vê muito, também hoje os pais nem trabalham mais, hoje não tem mais a roça, hoje em dia... os pais, à tarde, pegam uma moto e sai aqui na zona rural para você ver os bares, a tarde é cheio de homem jogando sinuca, as mulheres no celular e os homens jogando sinuca, essa coisa, mas primeiro era a roça, é a água para colocar, era comida para colocar para os animais, carga. Aí vamos ver o que a gente faz, está lá a gente com o papel, fazenda de (inint) [00:41:47], fazenda de (inint) [00:41:48], fulano vai não sei para quem, fulano vai não sei para quem, ainda fizemos um acordo com os pais assim, de a gente dividir um total X, porque a gente não podia ficar... aí pronto, primeiro e segundo para uma e terceiro e quarto para a outra, não dava

certo, por conta dessa situação da roça, aí teve que dividir de primeiro a quarto para um e de primeiro a quarto para outra, em um colégio com essas duas salas, mas sem cadeira...

M1: Não tinha cadeira.

Zilda: Não tinha cadeira, isso não era fácil você conseguir, aquela prova elaborada na mão de uma em uma, escrita na mão.

M1: Na zona urbana já tinha cadeira.

Zilda: Na zona urbana já tinha, tudo faz parte da discriminação, na zona urbana já tinha, mas na zona rural não tinha.

M1: Mesmo com esse tanto de aluno.

Zilda: E a maioria dos pais... a maioria não, uma parte dos pais atribuía essa culpa como se fosse a gente, o menino que chegasse na escola e não tivesse uma cadeira pra sentar voltava para casa chorando, a gente estava lá pelejando, "Volte", querendo dar um jeito, mas a gente não podia tirar do filho do outro, quando era cedo os meninos estavam tudo no pé da porta do colégio para quando abrir entrar de carreira, para pegar a cadeira, sentava de dois, três em uma cadeira, e briga, aquela coisa que só sabe quem viveu, por isso muitas vezes a zona rural era discriminada, porque tinha isso, aqui na cidade a diferença é, você chega em um colégio tem um guarda na porta, primeiro que tem uma murada, tem um portão aqui, lá na frente tem outro, tem o guarda, qualquer coisa o professor diz: "Lá vem a supervisora", ou "Eu falo com a diretora", lá no sítio não tem isso, talvez por essas coisas a gente não fosse bem visto, mas era para ser melhor, a gente era tudo, foi o que Tarcisio (inint) [00:44:01] me disse uma vez: "Zilda, lá no sítio você é professora, diretora, coordenadora, supervisora, você é tudo". Aí é isso.

M1: Difícil.

Zilda: Difícil.

M1: E o que você mais gostava no dia a dia da sala de aula?

Zilda: Meu anjo, todo dia que eu chegava na sala de aula eu chegava com a energia lá em cima, assim: "Ufa". Entendeu?

M1: Desde quando começou?

Zilda: Desde quando comecei, gostava do que fazia.

M1: Nunca perdeu o ritmo.

Zilda: Não, graças a Deus, só tinha uma coisa que eu achava ruim, era levantar cedo, mas era preciso, quando eu trabalhava pela manhã eu achava ruim os meninos passando e eu: "Deus, ai

meu Deus", não gosto de levantar muito cedo, então era preciso, porque sete horas eu tinha que estar dando aula, tinha que estar... então era preciso levantar muito cedo, isso eu não gostava, mas da minha sala de aula, nunca fui repreendida por ninguém que visitou minha sala de aula, sempre fui elogiada, graças a Deus, sempre alguém que chegava na minha sala de aula, quando a gente tinha uma apresentação de trabalho sempre fui bem vista, sempre fui... graças a Deus, quando eu precisava tinha a secretaria pronta para me ajudar no que eu precisasse, porque sabia que eu sempre (inint) [00:45:17].

M1: O que marcou mais a sua trajetória como professora? Tanto o lado bom como o lado ruim?

Zilda: Que marcou mais.

M1: Que te marcou mais, que você não consegue esquecer.

Zilda: Olha, de ruim eu acho que só essas dificuldades, não tem nenhum marco específico de dizer assim: "Isso marcou", porque as vezes...

M1: Só o do cotidiano então.

Zilda: Eu acho... porque aquelas coisas, atrito assim, aquelas coisas sempre aconteceram, uma vez na Timbaúba, lá nos anos 80, não, 90, uma mãe de família lá, ela...

M1: Obrigado.

F: Quer um bolo?

Zilda: ...mandou as filhas dela, porque quando a gente fazia a merenda, como isso que eu estou dizendo foi anos 80 mesmo, que foi quando a gente fazia a merenda ainda, as filhas delas, esse pessoal muito ignorante, umas meninas muito espevitadas, dessas pessoas que você não consegue doar.

M1: Já tinham isso nessa época.

Zilda: Se tinha. Acho que as meninas chegaram em casa falando que a merenda era ruim, e como eu estou te falando, essa situação de alguém ter direito ao emprego e alguém não ter, alguém foi merecido e alguém não foi, era da minha irmã que foi dado pelo vice-prefeito, minha irmã passou para mim, isso gera uma certa inveja, e que eu não era dali, eu estava morando ali porque casei e vir para lá, mas lá tinham pessoas, só não eram preparadas para assumir a sala de aula, mas eram preparadas de olho grande.

M1: Então as pessoas da comunidade achavam que você não pertencia a aquele lugar, mesmo morando lá.

Zilda: Isso, mesmo morando lá, isso de início, quando eu comecei. Aí teve um dia que as meninas chegaram na escola, e falaram... caçando confusão, dizendo que a merenda era pouca, que a merenda não prestava, como a merenda ia para a casa da gente, tudo isso era motivo de crescerem o olho, não podia ver um filho comendo uma bolacha, já dizia que era da merenda, aquela coisa toda. Aí disseram, chegaram na escola xingando, eles começavam a xingar uns com os outros, tinham aqueles que estavam totalmente do lado da gente, dizia que a coisa era boa, e os outros que eram do contra, isso acontecia antes de a gente chegar na escola, eles estavam tudo lá, na zona rural, os pais colocam o filho para a escola muito antes do professor chegar, parece que é uma questão de se livrarem do menino em casa, eu como professora não era para estar falando isso, mas eu não estou mais lá e nem estou falando para nenhum pai, nós estamos em uma conversa aqui que... mas se for importante pode colocar essa situação.

M1: Pode falar o que quiser, ou não falar o que quiser (inint) [00:48:39].

Zilda: Então, aí a menina foi falando, até prima do meu esposo, falando que a mãe tinha dito que se a merenda não fosse boa, ela derramasse a merenda na minha cabeça, aí eu disse: "Foi? Quer dizer que esse mandato foi sua mãe que mandou? Eu até podia ficar calada se fosse coisa da sua cabeça, mas já que foi da sua mãe, se você derramar a merenda, o caldeirão vai ser amassado na sua cabeça", falei desse jeito, e isso tanto que nem procuraram autoridades, porque sabiam o tanto que estavam errados, pronto, mas também não ficou...

M1: Coisas do dia a dia.

Zilda: É, aconteceu, passou. E outra, em 2013, eu trabalhando ali no São Pedro de Elizeu, ali fui colégio ruim que eu trabalhei, ruim mesmo, porque assim, o colégio era como um galpão de vender verdura, não tinha muro, os banheiros fora, tinham três, quatro salas, mas tudo seguida da outra, e as portas tudo para fora, o banheiro lá atrás da cozinha, os meninos para sair... como um dia eu falei lá na reunião, falei para os pais: "A gente depende muito da compreensão de vocês, de vocês conversarem com os filhos de vocês a situação do banheiro, porque o aluno pede para ir no banheiro, eu não posso ir lá no banheiro olhar se tem alguém para poder liberar, a mesma coisa acontece com a outra professora da sala vizinha, aí acontece que sai um para o banheiro da minha sala, sai outro da outra sala, sai outro da outra sala e daqui a pouco estão jogando bola, eles fazem uma bola de saco plástico e estão jogando no terreno de Elizeu. Então gente...", sabe, conversei isso, até que um pai achou ruim, falou alto comigo, e as pessoas do conselho tutelar estavam lá, porque lá era meio complicado, lá tinham umas coisas meio complicadas, a menina até tomou a

frente, ela falou muito a respeito desse pai, porque ele atribuiu uma culpa do colégio não ter muro, coisa do tipo, a mim quando eu falei isso: "Quer dizer que você está querendo jogar sua responsabilidade em cima de nós pais", aí eu disse: "Não é bem isso que eu falei", eu disse: "Olhe moço, não sei nem seu nome, essa é a primeira reunião que você está vindo aqui, você nunca veio em nenhuma, por isso você não está a par do que a gente está conversando, você não entendeu o que eu falei, mas eu também não vou repetir", desse jeito. E a menina que estava lá tomou a frente e falou um monte de coisa, essas coisinhas assim, mas porquê... tinha um menino lá que ele não era bem nem sadio, já não tinha mãe, mas ele era uma pessoa que ninguém domava ele, ele não tinha carinho por ninguém e ele já era um rapaz, eu tinha medo dele, ele não tinha carinho por ninguém, ele era muito agressivo, e cada vez que ele aprontava com os meninos, chegava na mesa dos outros, pegava o caderno do menino, o livro, levantava assim e batia com força, aquela pancada forte, eu falava: "Samuel, você não pode fazer isso", "Não pode por que? Por que não posso?", todo inclinado assim. E assim, se o menino dissesse assim: "Vou falar com o pai, vou dizer a mãe", coisa do tipo, eu tentava conversar com ele, ele não deixava se aproximar, um menino assim que se for no meio da rua dá para você diagnosticar. O pai dele era uma pessoa que chegava no colégio caçando briga, eu disse: "Moço, não é assim que se resolve as coisas, não é assim que você vai educar seu filho, eu quero a sua ajuda para nós educarmos esse menino, ele é muito mal-comportado, mas eu entendo, ele é um filho sem mãe, ele é uma pessoa que não tem quem ajude. Você, ao invés de ajudar, você faz isso, você vem para o colégio tentando achar que a culpa está em mim de ele ser assim, eu não posso deixar que ele sozinho impeça os alunos de virem para o colégio por que as crianças não querem vir por conta dele". E conversava assim, e a pessoa que levava alunos para lá em uma (inint) [00:53:17], que é uma pessoa lá do (inint) [00:53:20] São (Pedro lá) [00:53:20], ele me ajudava muito, ele vinha e ficava na porta quando via ele vindo, porque o pai dele também não era uma pessoa, ele vinha e ficava por ali observando, olhando e tudo, mas assim, foi o lugar mais difícil que eu achei de trabalhar, só trabalhei um ano lá, graças a Deus só foi um ano, achei difícil só por conta desse menino e pela situação do colégio.

M1: Isso no final de sua carreira quase.

Zilda: Isso no final de minha carreira, em 2013, só essa situação.

M1: Você foi percebendo que os conflitos foram piorando ao longo dos anos então.

Zilda: Como?

M1: Com os pais, o conflito com os pais, com os alunos, eles foram piorando ao longo dos anos, de 85 até o final de sua carreira? A situação foi ficando pior? De respeito, de conflitos.

Zilda: É porque assim...

M1: Ou em 85 já acontecia muita coisa?

Zilda: Já, como eu te falei, é a diversidade, sempre tem aquelas pessoas que não tem o respeito.

M1: Porque assim, (não é uma coisa comum de falar na década de 80) [00:54:24], falar de bater de frente com professor naquela época, já tinha.

Zilda: É, já tinha.

M1: Acho que por causa da (inint) [00:54:35] na comunidade.

Zilda: Pronto, é isso que eu quero dizer, dessa aceitação, política de que hoje o professor está lá por mérito, na época tinha o apadrinhamento, tratar lá, que era o meu caso, que fiquei lá... e essa pessoa que queria que eu não assumisse tinha família que também ia com ele, já eu tinha minha família, meu marido, eu era sozinha, mas tinha meu marido que tinha família grande, que foram meus braços fortes lá para que eu ficasse também. E assim, essas coisinhas, quando se adaptaram e viram que eu tinha, que era eu e era eu, aí pronto.

M1: E como foi essa experiência de trabalhar em várias escolas?

Zilda: Foi boa, muito conhecimento, conheci tanta gente, hoje estou aqui, mas o celular está trabalhando com minhas amigas lá do São Pedro mesmo, fiz muita amizade com as pessoas que trabalhavam lá, conheci muita gente, alunos mesmo, tem umas meninas que quando elas me veem é cada beijo, cada abraço, e no celular mesmo estão conversando comigo, teve esse menino assim e pronto, mas também não era motivo de se frustrar e ir para lá de novo, eu não ia. Só imaginava mais porque ele não era uma criança que eu pudesse... era um rapaz, e eu temia que ele pudesse fazer alguma coisa comigo, e ele só falava na família dele que era valente, que não sei quem matou não sei quem, não sei quem matou não sei quem, e que o tio dele tinha sido um que tinham matado que ele ficou com... não sei se você ouviu falar uma vez que mataram uma pessoa que o coração dele ficou por cima dele, deram um tiro que o coração dele ficou por cima.

M1: (inint) [00:56:32].

Zilda: Conhece, então, que ele já tinha matado uma pessoa também, esse menino é sobrinho dessa pessoa, mas aí... você trabalhou lá?

M1: Eu conheço pessoas que trabalharam lá e começaram a falar dessa escola, que era toda aberta a escola (inint) [00:56:46].

Zilda: Era horrível. Mas agora... Zé Galdense não fez nada, mas fez esse serviço lá, ouvi dizer que está murado, está bonitinho, acredito que está bom agora.

M1: Outra coisa, você falou da parte ruim, e a parte boa de trabalhar na zona rural esses anos? O que tem (inint) [00:57:08].

Zilda: Tem muita coisa boa, 80% é de coisa boa, primeiro como eu te falei, pegar essa estrada para o sítio, muito bom, segundo a aceitação das pessoas, que também tem aquele lado, como eu já falei, mas muito mais tem a aceitação, a gente está lá, a gente é bem visto, a gente é presenteado, um traz feijão verde, outro traz (inint) [00:57:35], galinha, ovo, caju, cajarana, muito bom, as crianças são apaixonadas pelo professor da zona rural, a gente chega lá e eles são carentes, sempre tem aquele mais rebelde um pouco, mas muitas vezes com duas palavras você consegue, é muito bom, a criança da zona rural é carente, ela é mais fácil e você domar, porque ela é... como eu posso dizer? Ela tem menos conhecimento, mas... como é a palavra? Acho que é mais carente, acho que ela é mais carente, mais humilde.

M1: De afeto você está falando.

Zilda: Isso, de afeto, é mais humilde, e qualquer coisa que você... eu levava um saco de bala para os meninos, eles faziam uma festa, uma felicidade. E assim, eu sempre fui de agradar as crianças, sempre gostei, meus finais de mês, quando eles vinham falar que era pagamento, eles sabem dessa coisa, "Pagamento", eles vinham a gente mesmo com os outros funcionários conversando, e eu comprava, sempre comprei, as vezes um saco de pirulito, as vezes festinha para eles, eu gostava de organizar algumas coisas, e assim, me dei muito bem, sempre me dei muito bem com as crianças, nunca precisei chamar um pai na escola, nunca, sempre dominei minha situação, meu pai adoeceu em 2003, aí eu fui acompanhar meu pai para Natal, você vê que não precisei nem... a secretaria não arrumou ninguém para colocar lá, disse que eu podia fazer o que eu pudesse, que eu tinha um menino que era muito bom em sala de aula, mas eu arrumei um menino de uma amiga minha, porque o menino daqui estava trabalhando, arrumei um menino de uma amiga minha que ele hoje é Edcarlos, que estava sendo diretor do hospital, que é enfermeiro, acho que a experiência de Edcarlos com lidar com gente foi dando aula por mim lá na minha sala de aula, aí eu tinha a moto, então ele pegava moto, ele mesmo planejava, ele... sempre que eu viajava com o pai, foi câncer que ele teve, até ele morrer eu viajei com ele para Natal. E Edcarlos que ia dar aula

por mim, ele disse para mim assim um dia: "Zilda, impressionante, você é um gênio, porque...", ele sempre tinha um ponto de vista aberto para as coisas, ele disse: "Professor dificilmente conseguiu, as duas coisas, o carinho e a moral, o respeito dos alunos, e você conseguiu as duas coisas, o respeito e o carinho das crianças", eu digo: "É porque você tem que impor cada coisa na sua hora, você tem que impor carinho e castigo, não pode dar só uma coisa, mas você tem que saber colocar".

M1: Dosar.

Zilda: Exatamente. E assim, isso eu sempre consegui, e foi boa, a experiência de eu trabalhar em sala de aula foi ótima, hoje, se dissesse assim: "Zilda, você vai voltar a trabalhar, você prefere a zona urbana ou rural?", "Rural".

M1: Por tudo isso.

Zilda: Por tudo isso, aquela gratidão das famílias. Acho assim, eu acho que em 80% das situações, a falta de conhecimento deles não era só para o lado ignorante, era por esse lado grato, carente de afeto, de compreensão da gente, porque tinha esse lado também, do pai vir na escola: "Meu filho não vai poder vir hoje porquê...", "Teve aula?", "Precisou fazer isso na roça", e aquilo a gente conversava com a secretaria: "Olha, a gente tem que ver esse lado dos pais, a gente tem que se adaptar a situação, nós que temos nos adaptar".

M1: Você acha que isso, um pouco de você pensar nesse aluno, é porque você também tinha passado por isso na sua infância?

Zilda: Também, pode ter sido. E na minha época essa coisa não era muito cobrada, a presença da gente não era aquele bicho, se a gente não pudesse comparecer não tinha muito problema.

M1: Se chegasse um jovem e falasse que ia ser professor, você incentivava a pessoa a ser professor?

Zilda: Nossa, muito, pode ter certeza. Tem um menino aqui que ele dava aula por mim muitas vezes, sempre que eu não podia, e ele sempre foi muito bem visto como professor, mas ele deixou, inventou uma história de um São Paulo, por lá virou a cabeça dele toda, mas o Marquinho (inint) [01:03:15] era secretário na época, dava apoio total, tinha ele como um grande professor, inclusive quando Marquinho vê ele chama de professor, e ele trabalhou naquelas regiões circulares, se deu muito bem com as pessoas, fez muita amizade lá na região da Boa Vista de Cima, por lá, e

eu queria muito que ele tivesse feito uma faculdade de pedagogia, mas não, ele desaguou para São Paulo e não fez foi nada.

M1: Você acha que vale a pena ser professor ainda hoje.

Zilda: Vale sim.

M1: E da zona rural?

Zilda: Também, vale sim, hoje está muito mais difícil assim na zona rural, porque os alunos vêm quase tudo para a cidade, eu não sei...

M1: O que você acha disso?

Zilda: Eu acho que falta imposição das autoridades, porque isso funciona como uma fantasia, não tem nada a ver, o aluno daqui é o aluno do sítio, isso é uma fantasia que os alunos criaram de vir em um carro para a cidade, e os pais não impedem e nem as autoridades.

M1: (inint) [01:04:23] fecharam as escolas da zona rural.

Zilda: Fecharam, por isso, porque faltou aluno, ficaram juntando, agrupando, formando núcleo aqui, ali, enquanto que podia ter deixado essas crianças na zona rural, deslocasse o professor, e não os alunos, aí os pais eu não sei, eu sempre falei muito isso na zona rural, por que os pais... porque aí quando o menino terminava a quarta série com a gente tinha que vir para São Miguel, "Gente, não façam isso", sempre quando terminava o ano, naquele reunião de final de ano eu estava conversando: "Gente, não façam isso, peçam um professor para a região de vocês", "Mas meu filho quer estudar no Padre Cosme, fulano quer ir para o Eliziario, não sei quem...", "Gente, não é questão de aluno querer, eu não sei que aprendizado é esse, eu não sei o que vai ser da educação futura com as crianças escolhendo o que eles querem, vocês que são pais que tem que impor, são vocês que tem que dizer para o secretário de educação: 'Nós queremos um professor para cá, abre as matrículas e manda o professor para a zona rural'", porque é pouco aluno de determinadas séries? Junte. Eles iam ganhar muito mais do que colocar os alunos para cá, colocar as filhinhas mocinhas, e o pior que acontece que tem delas que nem no colégio vai.

M1: Você vê isso desde aquela época então, assim, (inint) [01:05:53] para cá.

Zilda: É, dos 2005 para cá, dessas coisas, desde que começou a fluir muito essa coisa de aluno vir da zona rural para a zona urbana, eu sempre fui muito contra, muito, não é porque eu quisesse ficar lá, porque eu já estava, é porque eu achava... e eu achava desvalorizar a zona rural, está tirando de lá uma coisa que podia estar ativa. Acabou que o que, a escola que eu trabalhava lá no São Gonçalo de João (inint) [01:06:31] lá, era uma escola ótima, uma escola virada para o (inint)

[01:06:35], uma área muito boa, uma sala de aula do tamanho disso aqui tudo, uma cozinha que qualquer mulher queria ter uma cozinha daquela, eu consegui tudo para lá, com a Adriana (inint) [01:06:49], a Adriana era diretora do departamento de ensino rural, e a Adriana foi uma pessoa que me valorizou muito também, dona Fátima Rego, eu via muitas pessoas falar da presença de Fátima Rego: "Ela fez professor fulano de tal chorar, ela deu (inint) [01:07:05]", não, na minha sala de aula ela só chegou para me dizer o que realmente eu estava fazendo, estava correta trabalhando daquele jeito, aí ela fazia aquela especulação com os alunos, perguntava muito, mas nunca pude falar mal de Fátima Rego, nem um pinga, sempre achei uma pessoa justa, e eu fazia meu trabalho certo, ela não tinha porquê... também. Pronto, saí, eu trabalhei lá até 2011, fechar um colégio daquele era triste, foi triste ver fechar um colégio daquele, todo na cerâmica branca, limpo que nem dois banheiros que você visse, menino, vou te falar, aí você vê o prefeito fechar um colégio daquele, aí tinha caixa-escola lá, a gente tinha conseguido um sorteio que veio, a gente tinha conseguido 13 mil reais para lá em 2011, não, em 2009, em 2010 foi feito o trabalho e em 2011 fechou, absurdo, foi comprado móvel para lá, foi colocado piso, foi feita uma reforma maravilhosa.

M1: A última pergunta que eu ia fazer para você é assim. O que na sua vida e na profissão você não queria que as pessoas esqueçam? Tanto da sua vida quanto da profissão, feitos da sua vida, alguma coisa (inint) [01:08:47] profissão, se fosse para escrever um livro que ficasse (inint) [01:08:52].

Zilda: Tem um amigo meu que compra tanto, ele diz que eu tinha que ter um livro. Eu não sei, eu acho que eu sou muito espontânea, é assim, em toda minha vida pessoal e profissional, não fui de estar me oferecendo, mas nunca fui de dizer não se alguém precisasse de mim, e sempre disse: "Estou aqui", e eu acho que isso ninguém vai esquecer, porque nem eu quero isso, não quero que alguém esqueça dessa minha colaboração, que eu contribuí com alguma coisa na vida das pessoas, tenho certeza disso. Acho que é isso.

M1: Que você deixou na vida das pessoas.

Zilda: Que eu deixei um legado, como diz a história, na vida das pessoas que a gente esteve junto, nunca tive problema com quem trabalhou comigo, nem com professor, nem com pessoa de apoio, com ninguém, simplesmente com ninguém. Eu acho que em todas as escolas que eu trabalhei, porque se você for somar eu trabalhei Timbaúba, São Gonçalo da Linha Grande, Oiteiro, Oiteiro eu trabalhei em 2010, (inint) [01:10:22] Cruz como hora suplementar, São Pedro foi titular, Boa Vista de Cima foi hora suplementar, Canindezinho, tudo isso foram escolas que eu trabalhei e

só trouxe de lá boas amizades e deixei reconhecimento. Assim, sempre que passei vi as pessoas, ganhei experiência, ganhei muita experiência, e sei que deixei o melhor de mim nessas localidades.

Não sei se respondi.

M1: Respondeu, você quer que deixe sua marca.

[01:11:07]

ANEXO 03 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARTA BESSA

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1

Vozes masculinas não identificadas: M

Marta

TEMPO DE GRAVAÇÃO

38 minutos e 32 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:00]

M1: Vamos começar. Que ano você começou a trabalhar?

Marta: Foi 79.

M1: E como foi? Você começou a trabalhar... como que deu emprego, (inint) [00:00:15].

Marta: (inint) [00:00:15] ainda era o prefeito, (inint) [00:00:20] trabalhava em um estágio, aí foi transferida para São Miguel, aí lá ficou sem ninguém, aí (inint) [00:00:28].

M1: Aí já tinha escola (inint) [00:00:30].

Marta: Já, na escola que eu fui ensinar já tinha passado a minha irmã, Gislene (inint) [00:00:42], e Isete.

M1: (inint) [00:00:45] tinha cada escola?

Marta: (inint) [00:00:49] escola bem... 65, por aí que ela foi construída (inint) [00:00:57].

M1: (inint) [00:00:58] escolas (inint) [00:00:58] São Miguel.

Marta: Foi, mais ou menos essa data, por aí, eu não sei bem assim.

M1: Mas foi da sua família também, não foi?

Marta: É, o terreno foi doado por meu (inint) [00:01:10].

M1: Entendi, (inint) [00:01:15] infância. Como foi que você começou na escola, aprendendo a ler e escrever?

Marta: Lá na minha casa, (inint) [00:01:27], era particular, nessa época que a gente começou não tinha.

M1: Foi em que ano mais ou menos?

Marta: Eu era bem pequena, eu tinha uns dez anos, por aí, ou menos, e Maria Brás ensinava lá em (inint) [00:01:49], aí veio pediu a mãe para ensinar lá em casa, aí ela ensinava lá em casa.

M1: Mas seus pais pagavam ou era porque ela queria (inint) [00:02:02].

Marta: Não, ela queria o lugar, e nós que éramos da casa ela não cobrava, mas as outras pessoas ela ensinava, vinha gente do (inint) [00:02:12], vinha gente do (inint) [00:02:15], do Buraco d'Água, daquela região, (inint) [00:02:21] estudou com ela, dona Neuza, irmão dela, tudo...

M1: Faz mais de 50 anos isso.

Marta: Tem, tem mais, tem uns 55 anos, por aí, assim.

M1: Mesmo tendo a escola lá...

Marta: Aí ficou Maria Brás ensinando lá em casa e tudo. Aí ela faleceu, foi no tempo que construíram o grupo e começou assim.

M1: Quando você começou a estudar não tinha (inint) [00:02:51].

Marta: Não tinha, ela cobria...

M1: Por isso que ela foi para sua casa.

Marta: Ela, (inint) [00:02:55], bonito, vinha gente lá do...

M1: E quem contratava ela? Era (inint) [00:03:00] São Miguel?

Marta: Não, ela ensinava particular e o pessoal pagava.

M1: Mas (inint) [00:03:07] com o centro?

Marta: Tinha, acho que foi o Pinheirão que primeiro começou, ou era escola particular também, eu não sei muito bem daqui não, mas eu sei que lá era assim, era todo mundo da região e estudava lá em casa, ela ensinava de manhã, meio-dia, de tarde e de noite.

M1: Não era todo mundo que tinha condição de pagar.

M: 78.

Marta: É isso, não é?

M1: Então tá, não era todo mundo que tinha (inint) [00:03:41].

Marta: Não.

M1: E quando você não estava estudando estava fazendo o que nessa época? Quando você era menina.

Marta: O que eu estava fazendo?

M1: É, como era sua infância nessa época?

Marta: Naquela época a infância era boa, que a gente brincava, tinha (inint) [00:03:56].

M1: Porque o pessoal da zona rural costuma muito falar, quando fala da infância, trabalhar, essa coisa toda.

Marta: Não, assim, (inint) [00:04:06] nós não fomos de trabalhar em roça, essas coisas, minha infância, graças a Deus foi boa.

M1: Entendi.

Marta: Depois, nós estudávamos lá no grupo, depois estudamos particular também com Tereza Brás.

M1: Como que foi, como eram as aulas de Maria Brás lá na sua casa? Como ela ensinava? Você ainda lembra um pouco de como ela ensinava?

Marta: Ela ensinava... tinha (inint) [00:04:34] ABC, que a gente tinha que sair dela mais ou menos alfabetizada, depois a cartilha para poder ir para o primeiro ano, e se você não desse a tabuada e nem aprendesse (inint) [00:04:48] de milho, palmatória.

M1: Ela (inint) [00:04:53] de milho e palmatória.

Marta: É, cruel, ela era cruel mesmo, se você fosse no caminho, você (inint) [00:05:00] com ela, você fosse no caminho, fizesse alguma coisa e chegasse nos ouvidos dela, quando você chegasse amanhã para a escola você ia apanhar pelo que você fez.

M1: Os pais não falavam nada.

Marta: Não, era assim. Depois Tereza Brás foi ensinar, eu estudei particular com Tereza Brás também, (inint) [00:05:19] terceiro e quarto, era quarto ano.

M1: Na sua casa (inint) [00:05:25].

Marta: Não, era na casa lá do seu (inint) [00:05:29], depois foi para (inint) [00:05:30], aí depois (inint) [00:05:35].

M1: Mas lá quando construiu o grupo, como era que eles ensinavam lá? Era do mesmo jeito dela também?

Marta: Do mesmo jeito, não tinha... como era o primeiro ano (inint) [00:05:49] e o castigo também.

M1: Mas salas cheias também.

Marta: É.

M1: Porque aí não pagava mais.

Marta: Não pagava mais, tinha um grupo no Riacho Fundo, tinha nos outros cantos, todo mundo tinha (inint) [00:06:06].

M1: Era bem cheio.

Marta: Era bem cheio.

M1: E depois você saiu de lá e foi para onde?

Marta: Vim aqui para o Elisiano.

M1: Já tinha o Elisiano.

Marta: O Elisiano começou ali onde é a rádio, comecei a estudar ali, depois o Elisiano foi para o (inint) [00:06:22] para poder (inint) [00:06:25], e eu só estudei no Elisiano quando construíram pouco tempo, aí eu deixei...

M1: (inint) [00:06:33] estudar.

Marta: Parei de estudar, depois que eu comecei a trabalhar eu fiz (inint) [00:06:38].

M1: Você estava estudando e já começou a trabalhar em 79.

Marta: Foi, em 79 eu já tinha parado, porque eu fui me casar.

M1: Você parou de estudar porque você foi se casar, mas foi em que ano que você deixou?

Marta: Em 77, não foi que nós nos casamos?

M: Foi.

M1: Foi dois anos que você começou a trabalhar.

Marta: Foi.

M1: Então só depois que você fez o (inint) [00:07:06].

Marta: Foi, fiz o (inint) [00:07:09] em 82, por aí.

M1: E como foi a experiência do (inint) [00:07:11]?

Marta: Foi muito boa, só tirava (notão) [00:07:16].

M1: (inint) [00:07:17] também.

Marta: Foi, (inint) [00:07:19] foi minha professora.

M1: Não era difícil chegar lá do Riacho Fundo para subir para fazer o (inint) [00:07:24] não?

Marta: Difícil era, era muito difícil, eu vinha duas vezes por semana.

M1: De manhã.

Marta: É, as vezes de domingo tinham os encontros, porque os encontros eram das duas turmas, uma turma era (inint) [00:07:42] e a outra turma era (inint) [00:07:44], domingo tinham os encontros, era muito bom, muito proveitoso.

M1: E não era difícil trabalhar, (inint) [00:07:57] casa e fazer o (inint) [00:07:59]?

Marta: Difícil era, mas tinha que fazer.

M1: (inint) [00:08:04] foi obrigatório fazer o (inint) [00:08:06].

Marta: Foi.

M1: Entendi. Aí nesse tempo, (inint) [00:08:13] que professora você lembra mais? Que marcou mais você assim.

M: (inint) [00:08:20].

Marta: Que marcou mais foi Maria Brás, fazer com ela, como disse, além de morar na nossa casa.

M1: Ela morava lá.

Marta: É, o que a gente aprendeu com ela serve até hoje, porque o que a gente aprendeu, aprendeu mesmo.

M1: (inint) [00:08:42].

Marta: Esse não.

M1: (inint) [00:08:44].

Marta: Era, se não fossem os castigos.

M1: (inint) [00:08:50] primeira vez que você entrou na sala de aula, como foi? Ficou dois anos sem estudar, e quando você... puf, foi para a primeira sala de aula, como que foi essa experiência de chegar na sala de aula e (inint) [00:09:02].

Marta: (inint) [00:09:04] dois, quando...

M1: Não, quando você pegou a primeira experiência, antes mesmo de fazer (inint) [00:09:08] 79.

Marta: Assim, eu já tinha coisa que (inint) [00:09:15] ensinava, (inint) [00:09:17] e assim, não achei muita dificuldade não, e olha que eu ensinava de alfabetização ao quinto, porque era multisseriado, eu cheguei a ensinar até 63 alunos.

M1: Ave Maria.

Marta: E não tinha quadro, não tinha carteira, fazia todo o dever na mão, quando vinha para casa, trazia um monte de caderno, fazia as atividades e levava no outro dia.

M1: E você não achava difícil essa situação?

Marta: Não, não achava não. Eu achava bom.

M1: Quando você entrou a primeira vez e pegou esse monte de gente.

Marta: Pois é, eu estava com aquela vontade... porque assim, eu fui ensinar [...] tem muita gente que ensina por causa do ganho, mas também a gente ensina por causa do ganho também, mas tem que ter amor ao que você faz, e eu gostava do que eu fazia.

M1: Já viu a irmã fazendo.

Marta: É, eu gostava do que eu fazia, aí ensinava esse monte de gente, multisseriado, o pessoal da secretaria, Dona Fátima me colocava nas alturas; porque dizia que eu era ótima professora, e quando meus alunos vinham para São Miguel, todo mundo elogiava.

M1: Você imitou um pouquinho a Brás, a primeira professora?

Marta: Não, não dava mais, porque não podia, mas também assim, eu dizia assim, no primeiro dia tem que dizer para que vim, eu dizia bem assim, tem a hora de brincar, tem a hora de tudo, e na época que eu comecei o pessoal respeitava, e respeitava as pessoas, já quando foi para encerrar minha carreira, já não respeitava mais como...

M1: Iniciou, (inint) [00:11:11]. Alguma história marcante, que você lembra e que te marcou nesse movimento assim que você iniciou? Coisa boa, coisa ruim.

Marta: Coisa boa sempre foi, para mim, olha, eu tenho um aluno que começou comigo, tem aluno formado em direito, tenho aluno formado em assistente social, tem professor, um monte de gente... e assim, o mais gratificante, que até hoje o povo diz assim: "Hoje eu sou o que eu sou, devo a você", tem muitos deles que dizem assim: "Hoje eu sou uma pessoa que devo a você", outros que dizem assim: "Eu devo muito a você, (inint) [00:11:59] o que eu aprendi foi com você", aqueles que não conseguiram chegar mais na frente.

M1: Você parou 77 e foi se casar, como você decidiu que queria ser professora? Foi porque você quis, por que você falou: "Vou ser professora"?

Marta: Eu sempre tive vontade, mas não surgia oportunidade, e quando surgiu essa oportunidade.

M1: Você tinha vontade por quê? Por que você via sua irmã? Alguma coisa assim?

Marta: Eu tinha vontade porque achava que era um meio para a gente... era um emprego, e um meio de a gente... mas surgiu essa oportunidade e eu segurei ela com vontade e nunca deixei ninguém pegar ela aqui.

M1: (inint) [00:12:44] uma oportunidade...

Marta: Uma oportunidade, surgiu uma oportunidade, porque antes era difícil, não era fácil, quando eu saí de lá eu...

M1: Você falou um pouco sobre isso, mas quais foram as... você falou um pouco (inint) [00:13:01] não tinha quadro, não tinham as coisas, mas quais outras dificuldades que você enfrentou nesse momento? Tanto na sala de aula, com pessoas.

Marta: Quando começou tudo era difícil, eu zelava, eu fazia merenda, ensinava, tudo era o professor, as dificuldades eram essas que a gente tinha, tudo era a gente, não tinha ajuda de nada.

M1: E mesmo as (inint) [00:13:34].

Marta: É, e me aposentei, naquela época, não estou lá porque mais uma aposentadoria forçada.

M1: Naquela época que você começou e nos anos depois também, você via diferença entre os professores da zona urbana e da zona rural?

Marta: Vi muito, nós tínhamos para a reunião, nós da zona rural, era assim, meio para escanteio, quando ia trabalhar em grupo nós sempre éramos excluídos, sempre era desse jeito, sempre assim.

M1: Você sentia por que acontecia ou só porque era rural mesmo?

Marta: Eu acho que é porque eles ensinando aqui na zona urbana acabava que a gente da zona rural não sabia ensinar, não era professor, não sei porque, sei que... tinha não, ainda tem, porque do mesmo jeito, você faz um belo trabalho lá na zona rural, mas o pessoal da zona urbana acha que você é... dona Fatima Rêgo achava graça quando eu dizia: "Acho bom o povo achar que eu sou burra", porque a gente vinha para a reunião, e eles ficavam, aquele pessoal todo olhando atravessado com a gente.

M1: Naquela época você se sentia valorizada? Naquele momento.

Marta: Não só eu, como as outras, nós nos achávamos desvalorizadas.

M1: Mas pelos pais dos alunos.

Marta: Não, pelos pais dos alunos, no dia que tinha reunião de pais eles colocavam a gente lá nas alturas, tinha alguém da secretaria, como dona Fátima, e tem outros que... Odaleide foi secretária também, Conceição, esse pessoal, teve um secretário por aí que dava um valor para a gente da zona rural.

M1: Mas você da zona rural se sentia desvalorizada então na época?

Marta: A gente se sentia desvalorizada quando a gente ia para encontro, essas coisas, pelos outros, pelos colegas.

M1: Mas da forma geral, naquele período, (inint) [00:15:58] Brasil, essa questão toda, sentia, como que era? Valorizada? Desvalorizada? Mesma coisa?

Marta: Era mesma coisa, que a gente, você sabe, o povo não dá muito valor, o trabalho que é lá...

M1: Então desde aquela época, desde 79 até hoje.

Marta: Eu acho que a cada dia que está se passando está ficando é pior.

M1: Eu senti isso.

Marta: Porque já por fim, você está (inint) [00:16:30] aposentar, e quando fecharam a escola, eu já fui para outra escola.

M1: Por que fecharam a escola?

Marta: Não sei, Dario disse... foi no tempo de Dario e Luzinete, dizendo que era porque tinha pouco aluno, mas (inint) [00:16:47], aí acharam melhor (pôr) [00:16:53] os meninos dentro do carro e trazer aqui para São Miguel e soltar na rua.

M1: (inint) [00:17:00].

Marta: Olha, quando foi já para eu me aposentar, (inint) [00:17:08] eu sentia muita (ruindade) [00:17:08] de certos professores, quando (inint) [00:17:11] porque dizia assim: "Vocês que não são formadas, vocês não têm direito a nada", eu acho que pelo jeito (inint) [00:17:22] mais ou menos, eu digo: "É, eu não sou formada, mas não troco o meu pela sua formatura. E outra coisa, eu não sou formada e vou me aposentar como professora, e você é formada e talvez você nem se aposente como professor, porque os alunos estão se acabando, (inint) [00:17:43] você vai se aposentar nem como professora, não sei nem como é".

M1: Então assim, tinha preconceito quando vocês iam para São Miguel, porque você é da zona rural...

Marta: E porque a gente não era formada.

M1: E porque não era formada, inclusive pelos colegas dos próprios (inint) [00:17:59] da zona rural que tinham formatura, ensino superior, também tinha... da mesma escola da zona rural e tinha também o preconceito.

Marta: Sim, eu sei que eu sofri um bocado, eu e uma colega minha que trabalhava (inint) [00:18:15] se aposentou, essa professora (inint) [00:18:20].

M1: E como naquela época, assim, (inint) [00:18:23] como você organizava suas aulas? Se planejava, que você dava suas aulas, como era seu dia a dia da sala de aula?

Marta: Fazia o meu plano, todo dia.

M1: Conta a história do plano.

Marta: E pior, (inint) [00:18:37], quando chegar lá, muitas vezes tinha que mudar tudo.

M1: Como você faziam em 63 alunos de séries diferentes? Você fazia com cada turma? Você organizava como esse monte de gente?

Marta: Fazia para cada um, o que eu ia dar para cada um, fazia aquele plano.

M1: E os alunos que tinham mais dificuldade?

Marta: Os que tinham mais dificuldade eram aqueles que estavam iniciando mesmo, mas graças a Deus... e aqueles que já estavam mais assim... eles ajudavam também.

M1: (inint) [00:19:11].

Marta: É.

M1: Mas eles ajudavam você com os outros...

Marta: Assim, a leitura, eles me ajudavam.

M1: Você não tinha nenhum tipo de... igual hoje em dia você tem, livros, essas coisas assim.

Marta: Nada, a gente era (inint) [00:19:29] logo no começo, era (o guia) [00:19:31] do Nordeste.

M1: Você não tinha nenhum material de apoio.

Marta: Não, não tinha nada, a gente ficava procurando.

M1: Aí tinha (que dar tudo) [00:19:40] no caderno, não é?

Marta: É, tudo no caderno. Não tinha carteira, não tinha quadro, eu vim pegar...

M1: E quando foi melhorar a situação? Quando foi melhorando?

Marta: Quando veio a melhorar, eu não sei bem o ano...

M1: (inint) [00:19:55].

Marta: Quando Tarcisio começou a ser o secretário, aí tinha Genivaldo, aí o Genivaldo começou a andar lá pelo Riacho Fundo...

M1: Isso foi no final da década de 90 então.

Marta: É, ele arrumou um quadro bom para mim, foi procurando, ajeitando, (inint) [00:20:16], arrumou carteira.

M1: Mas isso não é para todos os professores da zona rural então.

Marta: Não.

M1: Mas a zona rural já tinha essas coisas.

Marta: Tinha, aí quando foi na época (inint) [00:20:33], a secretária de educação mandou recolher as carteiras tudo, me deixou sem nada, aí tinha... na escola, você se lembra, tem aquele banquinho de cimento, aí os meninos, todo mundo chegava mais cedo para pegar aquele canto e sentar lá, e eu levava aqueles banquinhos, aquele ali que o pai está sentado, o da Mirian, aí todo mundo ficava disputando, e quando era na hora de escrever, eles ficavam de joelho para apoiar o caderno em cima do banco. Foi difícil.

M1: Mas na zona urbana já tinha tudo, (inint) [00:21:10] tinha tudo, não faltava nada.

Marta: Tinha. Depois mandaram deixar umas carteiras novas, todas bonitinhas, aí cada um já tomou conta da sua, não era para ninguém riscar, cada um... no outro dia, no mesmo horário, mandaram buscar, aí colocaram...

M1: Foi uma perseguição política.

Marta: Tinha, (inint) [00:21:34] tinha isso.

M1: Além de tudo mais ainda tinha isso.

Marta: Tinha, e todo dia eu recebia a visita de Rosinha, todo dia.

M1: Que era a secretária de educação.

Marta: Era a...

M1: Coordenadora. Só para fiscalizar.

Marta: Só para fiscalizar, aí teve um dia que eu estava doente, mas nunca deixei fechado, pedia (inint) [00:22:05] trabalhava comigo, ficar com os meninos, aí ela falou: "Cadê Marta?", aí (inint) [00:22:11], "Mas hoje não é feriado", não podia adoecer não.

M1: Porque não era (do mesmo partido político) [00:22:20].

Marta: É.

M1: Entendi. E como a senhora... assim, 60 e poucos alunos, como que foi desde que você começou até quando você se aposentou, como era a relação com os pais dos alunos?

Marta: Graças a Deus toda vida foi boa.

M1: De respeito.

Marta: De respeito.

M1: Eu pergunto isso, porque hoje em dia você sabe que, misericórdia.

Marta: É, não dão o devido respeito, e outra coisa, eu nunca levei problema particular para dentro da sala de aula, se eu não gostasse de tal pessoa, eu ensinava o filho dele do mesmo jeito que eu ensinava os outros e recebia ele do mesmo jeito, não tinha nada... eu nunca levei coisa da minha vida particular para dentro da sala de aula não.

M1: Separa a pessoa do profissional.

Marta: Nunca.

M1: (inint) [00:23:11] pensando hoje, como que é ser professora de zona rural? Pegando todos os aspectos, como que é ser professora de zona rural? Pensando no lado bom, pensando no lado ruim, pensando em tudo que você viveu.

Marta: Assim, tinha o lado bom e também tinha o lado ruim, porque tem as dificuldades, mas não (inint) [00:23:40] para a gente superar.

M1: Mas você, assim, como (inint) [00:23:47] vamos colocar mapa, professor da zona rural, você se via diferente de outros professores da zona urbana, por exemplo?

Marta: Não.

M1: Você mesmo.

Marta: Eu não me achava diferente, muitas vezes eu achava que eu era melhor que esse povo, porque pelo trabalho que eu fazia e que eu via o deles, porque quando você vai para um encontro, uma reunião, não sei como chamam agora, que você vê um professor: "Eu faço isso, faço aquilo, faço isso, faço aquilo", você vai lá, aquilo não acontece não.

M1: Seria isso, muito fala e pouco...

Marta: E pouca prática.

M1: Entendi. E você pegando todos esses anos, você ficou quantos anos na sala de aula?

Marta: Tudo, (inint) [00:24:45].

M1: Foi, antes de iniciar em 79, trabalhou no (inint) [00:24:53].

Marta: Foi.

M1: Muitos anos no (inint) [00:24:56]?

Marta: Eu ensinei bem os quarto anos, eu ensinava no MOBRAL.

M1: Em 70 e pouco.

Marta: Faça as contas, de 77 até... (inint) [00:25:14], quando eu me aposentei...

M1: Em 2014, eu acho.

Marta: Foi, 2014.

M1: (inint) [00:25:24] 2015. Pensando toda essa história, 30 e alguns anos...

Marta: 37 quando foi o... tinha dois anos que eu trabalhei no Estado, eu era contratada da (inint) [00:25:41] saúde, mas pela educação, esses dois anos não foram (inint) [00:25:44] foram 37 anos.

M1: Você pensando nessa história toda, o que mais te marcou positivamente, que te marcou como professora do lado bom, você falou um pouco no começo, mas só retomar aqui, 37 anos não é pouco tempo.

Marta: Não é não. O lado bom de tudo mesmo era quando eu via assim, vinha um aluno aqui para São Miguel, e ele dizia que era melhor do que os que já tinham estudado lá, e nem se comparava, isso para mim era bom demais.

M1: E negativamente?

Marta: Negativamente, o ponto mais negativo de tudo mesmo era quando você se sentia rejeitado, humilhado, porque quando humilham a gente é horrível, você sabe quando você... você faz de tudo, e toda ser olhada por baixo, não tem coisa pior não.

M1: Essa era a visão que se tinha da zona rural.

Marta: É.

M1: Mas para você hoje (inint) [00:27:12] ser professor?

Marta: Hoje mesmo eu acho que eu não queria mais não, porque hoje não existe respeito, não existe nada, hoje mesmo se me dissessem assim: "Você vai ganhar um rio de dinheiro para ser professor", digo: "Não tenho mais (inint) [00:27:30] professor".

M1: Você acha que não vale. E pegando agora na zona rural principalmente.

Marta: Nem na zona rural eu não queria não, não queria mais ser professora não, hoje não vale mais a pena, o povo hoje está muito... ninguém tem respeito com ninguém, ninguém respeita ninguém, (inint) [00:27:51], olha o jeito que está (inint) [00:27:53].

M1: Se chegasse um jovem professor, passasse no concurso e tivesse que escolher a zona rural ou a zona urbana, você aconselhava ele a trabalhar na zona rural?

Marta: Aconselhava, mesmo com toda a dificuldade é melhor do que aqui.

M1: Por quê?

Marta: Porque eu acho que lá na zona rural ainda existe um pouquinho de respeito, não é muito, mas ainda existe, na zona rural ainda existe, um pouquinho existe, aqui e em muitos cantos ninguém é de ninguém.

M1: (inint) [00:28:34] pegar aqui agora, só para... um fato ou alguma coisa da vida que você gostaria que ninguém esquecesse da sua profissão, dos anos de profissão, dos anos de vida, (inint) [00:28:47] vida, enfim, que você gostaria que ninguém nunca esquecesse de Marta professora? Com 37 anos, alguma coisa que você gostaria que ninguém esquecesse, qualquer coisa, momentos.

Marta: Eu nem sei explicar.

M1: Se fosse para escrever um livro e fosse colocar a história de vida de Marta professora, uma coisa que você gostaria de (inint) [00:29:22] "Eu quero que coloque isso".

Marta: As dificuldades que eu superei.

M1: (inint) [00:29:31] dificuldades que você superou.

Marta: É, porque foram muitas.

M1: As dificuldades. Muito bem. Principalmente as questões políticas ou as questões com os colegas e tudo mais?

Marta: Política é (inint) [00:29:55] mesmo, a gente comenta isso aí porque foi uma coisa que aconteceu, mas assim, de colegas... é muito assim, você vê que foram 20... nós somos 28, por aí assim, que é de uma coisa só, mas passamos por um monte de dificuldade, (inint) [00:30:19] nunca assim... o sindicato, nós pagávamos o sindicato, nunca se manifestou-se para dar uma palavra por nós.

M1: Mesmo o sindicato.

Marta: Mesmo o sindicato, nunca se manifestaram, tanto que a gente comentava, que quando tinha uma dificuldade ali, que iam para a rua, conhecia um povo que tinham as dificuldades, (inint) [00:30:40] indo para São Miguel (inint) [00:30:43] lutava, e nunca deram uma palavra por nós, por isso eu deixei de pagar, não paga o sindicato, porque nunca me serviram.

M1: (inint) [00:30:54] representar.

Marta: Pois é.

M1: (inint) [00:30:57] revisão aqui, então teve (inint) [00:31:01] dos colegas da zona urbana, que não respeitavam, os próprios colegas da zona rural que tinham formação se achavam superiores porque tinham formação, o próprio sindicato que deveria representar não representava.

Marta: Não, nunca lutou a nosso favor.

M1: Aí você (inint) [00:31:17] tudo isso, você disse que ainda aconselhava o professor novato a ficar na zona rural.

Marta: Fica melhor lá do que aqui, porque se você pegar assim... hoje em dia porque também ninguém quer (inint) [00:31:29] para a zona rural, é difícil querer, mas é assim, eu acho que lá existe um pouco de respeito por parte de aluno, por parte de pai, essas coisas assim ainda tem um pouco de respeito, e você sabe muito bem que (inint) [00:31:49] não existe, não só aqui em São Miguel, em todo canto existe esse negócio.

M1: Eu estou vendo essa questão porque a pesquisa é relacionada a zona rural, (inint) [00:31:59] terminamos já essa parte, acabou, agora eu queria falar, só pra gente complementar aqui, eu queria que você falasse um pouco da escola mesmo, do grupo, como foi construído aquele grupo?

Marta: Eu não entendo assim....

M1: A história dele.

Marta: Ali foi o meu tio que deu, ele chamou ali e construiu.

M1: Foi o prefeito mesmo?

Marta: Eu não sei se foi Etevaldo, por aí assim, ou (inint) [00:32:33], acho que foi (inint) [00:32:35] votada para não sei o que, votava para ele, e construiu.

M1: Foi o primeiro daquela região ali toda?

Marta: Foi, um tempo depois que fizeram no Buraco d'Água, mas ali no Riacho Fundo ficou, e era comum... e aquele (inint) [00:32:57] todinho ali, depois foi construído no (inint) [00:33:00], essas coisas aí (inint) [00:33:02].

M1: Mas na zona rural.

Marta: É. E o bom... aí não precisa mais (inint) [00:33:13], ela era tão rígida, que ela fazia uns passeios, chamavam os passeios, lá por Buracão, ela sozinha, um monte de menino, não ia ninguém para ajudar, mas ninguém saía da fila, do Riacho Fundo (inint) [00:33:35] para o passeio lá, e todo mundo se comportava bem.

M1: Então tinham muitas práticas naquela época que os professores faziam que hoje em dia não faz mais, passeio...

Marta: Fazia, ainda mais, eu me lembro que a gente ia e ainda cantava no caminho, eu não vi mais (inint) [00:33:51], era assim: "O passeio é um bom proveito", e quando chegava lá fazia uma (inint) [00:33:59], recitava poesia, lá no Buracão, em umas (inint) [00:34:07], que eu não sei (inint) [00:34:08], ela ia, todo mundo (inint) [00:34:13], ainda tinha isso, e era bom, sabia?

M1: As aulas passeio.

Marta: A gente ia cantando, tudo atrás um do outro, ninguém saía da fila.

M1: Tinha professor homem que ensinava assim ou era uma professora mulher?

Marta: Nessa época só era Maria Brás, só tinha ela, porque o povo só estudava lá em casa.

M1: Mas depois, você trabalhou já mesmo, ou até depois quando trabalhou (inint) [00:34:37], tinha professor homem que trabalhava com os alunos dos anos iniciais assim ou era só mulher mesmo mais?

Marta: Só era mulher mais, não me lembro de homem, depois que começou a aparecer, depois dos concursos, mas antes não tinha não.

M1: Na sua época, quando você começou (inint) [00:34:53].

Marta: Não tinha não, era só mais... só...

M1: Mulher.

Marta: Mulher.

M1: Essas dificuldades que você colocou aqui, as outras professoras (inint) [00:35:04] mesma situação, que vocês conversavam assim?

Marta: Tinham algumas que passavam, tinham muitas que passavam (inint) [00:35:14] quando começou a dificuldade era uma só, era para tudo.

M1: Diferente da zona urbana.

Marta: É, tinha muita dificuldade, porque você...

M1: Porque eu vejo as pessoas me contando da história do Pinheirão, por exemplo, eles falam do pessoal do Pinheirão, falam do pessoal do (inint) [00:35:38], mas a gente não vê falando das histórias das escolas da zona rural, por isso que eu estou perguntando.

Marta: Não, não falam muito não, (inint) [00:35:48] dificuldade, o pessoal ensinava... muitos começaram a ensinar em casa, não tinha colégio assim, depois foi construindo, e muitas moravam no sítio e ensinavam bem longe.

M1: Onde tinha escola.

Marta: É, faziam escolinha, era muito complicado.

M1: E os alunos, como eram naquela época? Comportados ou eram...?

Marta: Não, eram comportados, ninguém conversava em sala de aula, por isso que dava rendimento.

M1: Mesmo com muito aluno.

Marta: Mesmo com muito aluno, porque não tinha barulho, muitas vezes ia gente visitar a escola e pensava que a porta era aberta... (inint) [00:36:44] as portas eram abertas desse lado, muitas vezes eu também fechava do lado da estrada, pensava que não tinha ninguém, porque todo mundo era... não tinha história de barulho, era bom, por isso que eu digo que era bom, porque o povo obedecia, tinha respeito pela pessoa, ia com aquela vontade, hoje em dia (inint) [00:37:05].

M1: Vontade de aprender.

Marta: Não tem.

M1: Entendi.

Marta: E com essa história de colocar no carro, trazer e soltar em São Miguel é porque eles não querem nada mais hoje.

M1: Então você defende mais fique no sítio, na zona rural.

Marta: É, no tempo que for necessário, não deu mais nada, aí... mas você pegar uma criança de escola de pré, essas coisas, colocar em um ônibus e vir aqui para São Miguel, o perigo que corre.

M1: (inint) [00:37:39] trabalhando quando começaram a fechar as escolas em São Miguel.

Marta: Foi.

M1: Os professores reclamaram muito, da zona rural, naquela época.

Marta: (inint) [00:37:49] de surpresa, porque nem avisaram, só disseram (inint) [00:37:59] pronto, chegou (inint) [00:38:00], ia fechar e ser transferido (inint) [00:38:02] para São Miguel, e não foi nem assim, fazer uma reunião com os pais, dizer assim: "Olha, a gente vai fechar por esse motivo, a gente vai dar um carro para levar até a escola tal", não, só disseram que pronto, ficou todo mundo solto.

M1: Que situação.

Marta: Foi muito difícil, doeu, eu tinha...

[00:38:32]

ANEXO 04 – ENTREVISTA COM A PROFESSORA MARIA ALVES

PARTICIPANTES

Vozes masculinas identificadas: M1

Maria Alves

TEMPO DE GRAVAÇÃO

42 minutos e 51 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... □ pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] □ palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] □ incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(INÍCIO)

[00:00:01]

M1: Vamos começar logo aqui, eu queria saber como foi que a senhora começou.

Maria: Em 77 eu comecei a trabalhar. Em 80 é que foi passado para o meu nome. Eu comecei como substituta, em 77.

M1: Onde a senhora começou?

Maria: Aqui, na Escola (inint) [00:00:20].

M1: Era escola mesmo normal, de primeira à quarta série?

Maria: Era de primeira à quarta série. Seriado, como chama. Então, a gente começou em 77, comecei como substituta, trabalhei seis meses, aí fui chamada para passar para meu nome, para Elza Barbosa, - nessa época, era Elza Barbosa. E foi passado para meu nome, quando foi em 80 foi assinada minha carteira no tempo de Raimundo Fernando.

M1: Entendi.

Maria: E daí, como se diz, foi muito cansativo, sim, porque a gente não tinha acesso a nada, era tudo, como se diz, estudar o livro do professor, porque sempre vinha o livro do professor, gramática, essas coisas. E sempre gostei muito de procurar livros para pesquisar. Pesquisar assim, lendo e a gente mesmo era quem tirava as perguntas e respostas através do texto que a gente lia. Então, não era fácil, mas para mim mesmo era muito bom, porque eu sempre gostei, fui muito criativa e sempre gostei do meu trabalho.

M1: Deixe perguntar uma coisa para a senhora, indo e voltando aqui, para a gente poder ver algumas coisas: a senhora tinha que escolaridade quando a senhora começou a dar aulas?

Maria: Só o quarto ano.

M1: Até quarto ano. Estudava aqui também?

Maria: É, chamava o quarto ano mesmo, que mudou para quarta série...

M1: Sempre morou aqui?

Maria: ...aí, como se diz, eu só estudei no sítio; meus pais não me deixaram estudar...

M1: Aqui mesmo, em (inint) [00:01:43]?

Maria: ...sair para estudar, estudava aqui mesmo, (inint) [00:01:45], só que era em uma casa, não era em grupo. Na época em que a gente estudou, não era em casa.

M1: Mas em que ano que a senhora foi estudar?

Maria: Assim, do início?

M1: Isso.

Maria: Primeiro, segundo, terceiro e quarto. Quando eu comecei o meu segundo ano, se eu disser a você, você não vai acreditar, eu já tinha mais de dez anos, quase 11 anos, foi que eu fiz o meu segundo ano. Aí, fui levando...

M1: Então isso foi na década de 50?

Maria: ...muito sofrido quando eu trabalhava...

M1: Foi na década de 50, ou não?

Maria: Não, eu sou de 56.

M1: Então foi em 76.

Maria: É.

M1: Então, a senhora começou a trabalhar bem cedo.

Maria: Comecei. Eu comecei a trabalhar em escola mesmo, eu tinha 15 anos completos. Mas aí, como eu não era registrada, - acho que não tem nada a ver eu dizer aqui.

M1: Não.

Maria: Como eu não era registrada, que os pais antigamente eram muito assim descuidados, também não tinha condições de nada, aí não ligavam para nada; foi no primeiro mandato de candidatura de doutor José, o pai do doutor Galeno e ele pediu para me registrar com 18 anos e meu pai aceitou.

M1: Foi em 80, então.

Maria: Não, em 77.

M1: Ah, que já tinha 18.

Maria: Em 77, eu fiquei com registro de 18 anos, que eu também tinha bom tamanho, eu não era tão pequenininha. Aí, graças a Deus, que já fiquei, já pedi a escola, quando eu fui passar para o meu nome, eu já estava com 18, já estava com registro em mão, deu tudo certo.

M1: Entendi, então a senhora tinha a quarta série quando a senhora começou.

Maria: É, mas depois, quando foi em 88, a gente ficou trabalhando, todo mundo trabalhando e antes era assim, não tinha zeladora nos grupos, quem zelava era a gente, quem fazia merenda era a gente mesmo. Fazia merenda, zelava e dava aula a essa turma de aluno todinha, tudo misturado.

M1: Tinha muito aluno?

Maria: Tinha. Nunca (relaxe) [00:03:34] 27, 40 alunos. Eu dividia com as outras, porque os pais não queriam colocar com as outras professoras. Aí, às vezes, eu pegava 48, até 50 alunos eu ainda peguei, aí era preciso a gente ir para a secretaria para dividir com as outras, mesmo sem os pais querer; era preciso sair nas casas, pedindo aos pais para aceitar, porque eu não tinha condições. Nem a escola cabia, que a sala era pequena, nem tinha lugar para todos sentar e nem eu tinha como dar aula a esses alunos tudinho, porque a gente copiava tudo a mão. Por exemplo, ia fazer uma prova, os alunos que não acompanhavam, era preciso copiar as provas tudinho à noite, copiava a mão. No outro dia, eu só entregava a prova.

M1: Esse grupo, essa escola (inint) [00:04:16] foi construída quando será, em década, assim mais ou menos?

Maria: Virgem, meu Deus, quem tem lembrança é (inint) [00:04:23], melhor perguntar para ele, porque ele sabe mais ou menos o ano.

M1: A senhora começou a trabalhar, já tinha o grupo?

Maria: Em 80, já tinha o grupo.

M1: Em 80, já tinha o grupo.

Maria: Eu acho que foi mais ou menos em 78 ou 79.

M1: Está certo.

Maria: Foi mais ou menos isso, eu penso; não sei se estou certa, não, porque também a memória da gente já vai ficando um pouco mais avançada.

M1: Mas me diga uma coisa, eu queria falar agora como foi a infância da senhora?

Maria: Minha infância foi boa, porque naquela época a gente era feliz e não sabia. Mas, para hoje, era péssima, viu. Sem nada, sem acesso a nada, não tinha condições para nada, os pais pobres. Era só de um (inint) [00:04:59] alugado. E, como se diz, a gente foi criado em uma pobreza que hoje, se fosse no tempo de hoje, eu acho que era as piores. Eu acho que, no tempo de hoje, se brincar, eu acompanharia os que são mais pobres de hoje. Porque eu comecei a trabalhar com dez anos, em farinhada, em roça, ajudando meus pais. E ganhando de manhã no serviço na casa de um senhor que hoje já faleceu, Jorge Guedes, aqui embaixo, perto do (inint) [00:05:32]. Muito sofrido, mas, graças a Deus, nunca tive dificuldade para trabalhar, porque eu trabalhava em roça. E, mesmo estudando, eu ia deixar o moço em lugar que tem para lá dali da onde a gente está avistando ali aquela torre, mais para cá um pouco, nessas roças lá, eu ia deixar ele. Quando eu chegava de lá, se desse tempo, eu chegar com hora, eu ia para a escola, se não desse, pronto, perdia a aula, porque não tinha como ir, que a gente ia a pé e vinha. E, além de tudo, muitas às vezes a gente nem sequer para a escola ia, porque a roupa que tinha de ir não dava para secar, se fosse no inverno. Era sofrido demais, a infância da gente foi dura demais.

M1: Quantos irmãos?

Maria: Eram cinco.

M1: E os pais de vocês incentivavam a estudar?

Maria: Não.

M1: Não.

Maria: Eu estudava porque, como se diz, meus pais eram muito bons, era um pai muito bom para mim, sempre trabalhou, nunca sofri fome. Não é dizer assim: "ah, nós passávamos fome", não, porque, graças a Deus, ele sempre trabalhou para a gente ter o grosseiro. Chamava-se o grosseiro, que é o básico.

M1: A gente fala (não é que vá junto com a precisão) [00:06:37].

Maria: É, mas antes a gente falava assim, então vou falar da maneira que era, porque já que você quer.

M1: (Padre Vitor) [00:06:42] falava assim.

Maria: É. E comecei a trabalhar em farinhada, nos meses de farinhada a gente já não podia ir para a escola, conversava com a professora para deixar; eu fazia aquela prova, estudava à noite. A gente estudava de madrugada para fazer as provas, porque ou sabia, ou decorava, ou não fazia. Porque, hoje, é tudo já pesquisado e antes a gente ia estudar e decorar, tinha que ser (decorativa) [00:07:07], porque se não fosse, já sabia. E eu fui muito, como se diz, muito ativa assim nesse ponto aí, quando eu não aprendia de verdade mesmo, se eu pudesse, quando eu ia e tinha prova, a cola ia. Sempre eu tinha minha colinha, quando era uma coisa mais difícil, que não dava para decorar, eu digo: "essa daqui vai [00:07:28]". E sempre eu marcava na sola do pé, ou de um lado. E sempre, mas graças a Deus, eu aprendia. Porque, devido a gente estudar muito, a gente se esforçava e aprendia. Algum que a gente esquecesse, quando a gente ia para lá, que estava com (cola assim) [00:07:43]; porque tem muita gente que diz assim: "quem cola, não aprende", e sempre eu dizia: "quem não cola, não sai da escola". E depois a gente pegou essa escola e só deu para a gente melhorar cada vez mais.

M1: Mas era na casa da professora, então, não é? Era na casa da professora?

Maria: Era na casa da professora. Hoje, essa casa é aqui pegada com o grupo, bem pertinho. É uma casona grande que tinha, que a sala era grande, uma salona bem grande, era tudo sentado lá, a professora ruim, que nem a peste. Tinha assim, sabe, ela tinha divisão de aluno. Se fosse os alunos que ela gostava, gostava dos pais, aqueles que tinham mais condições, filhos de papaiinhos, aqueles alunos tiravam notas boas e a coitada que me esforçava, respondia tudo e vinha a nota e me rebaixava. E sempre eu dizia a ela: "o que você faz comigo hoje, eu vou aprender e eu ainda vou ser uma professora, e eu não vou fazer isso com meus alunos. Meus alunos vão aprender, porque além de eu ensinar, se ele colar, eu não vou aceitar. Porque, é claro que o professor não vai aceitar o aluno estar colando na classe, mas se eu souber que ele colou, eu não baixava a nota dele. Sabe por quê? Porque se ele colou é porque ele estudou pouco ou não aprendeu, mas dali para a frente, ele vai tratar em aprender".

M1: Então tinha essa diferença?

Maria: O que ele decorou, ele não esquece. Porque o que eu sabia, o que eu aprendi no meu segundo ano, eu já não tenho dificuldade em pegar um, como se diz, um caderno e passar pergunta por pergunta. Porque hoje não existe mais isso: três, quatro perguntas é o suficiente de um dever de uma escola. E antes, meu Deus do céu, eram dez, 15 e mais.

M1: E essa professora, além de tratar uns diferente dos outros, assim tinha mais, o que mais que tinha?

Maria: Era diferente. Eu fui muito maltratada. Muito maltratada na escola. Lembro muito a primeira vez que eu fui para a escola, criei ódio de escola. Falei: "nunca mais vou para a escola". Era menina, menininha. Era lá em um terreno de Tarcísio Rego, dos pais de Tarcísio, depois Fátima Rego era professora. Fátima Rego, Deus abra as oíças dela, para ela ouvir, mas me machucou, machucava os alunos assim. Não tinha nada, você sabe que antigamente a merenda, quando vinha, era um leitinho. O doce, eles parece que comiam, não sei o que é que faziam, e era tão difícil que parece que davam fim, aí se quisesse, levava seu açuquinha de casa. Eu, como não tinha açúcar para levar, ia levar uma rapinha de rapadura que meu pai fazia, muito (inint) [00:10:07]. E a vergonha de eu ir adoçar meu leite lá com a rapadura? Só eu que era pobre. Só se eu adoçasse sem ninguém ver, sabe.

M1: Mesmo morando na zona rural?

Maria: Todo mundo morando na zona rural, mas você sabe que sempre existia, esse negócio de discriminação vem de muito longe, não foi de agora, não. Às vezes, as pessoas acham ruim que as pessoas são racistas, acham ruim porque as pessoas discriminam, mas não é de agora, não, já tinha. Na minha infância, já tinha isso. Até que um dia, na escola, a gente em uma reunião, mandaram para a gente escrever, ou falar, quem você foi, como foi e tal, sabe. Tipo assim, uma pesquisa. Aí, quando eu falei da professora, minha primeira professora, que não gostei. A primeira foi no Doutor Severiano, eu era pequenininha, tinha a história de um argumento de sexta-feira. Coitada, eu não aprendia, não sabia de nada, nunca pude ir à escola e um peste de um menino lá, que era acostumado, perguntava as coisas, eu não sabia, o menino vai e racha a minha mão com aquela palmatória; eu criei ódio de palmatória, não gosto, nunca gostei de palmatória, por conta desse bolo, como eles chamavam, racha a minha mão. Depois, vindo para cá, foi Fátima Rego. Aí, quando eu comecei a contar, Fátima mandou que eu me calasse. Na hora da reunião. Eu fui, disse: "não, vocês mandaram eu falar. Mandaram eu falar como foi a infância, como foi a primeira escola que participou". Aí, ela foi: "eu não lembro disso". Eu digo: "pois trate de lembrar, porque eu era bem mais nova do que você e ainda lembro e você sabe muito bem do que fazia, você sabe e sabia, como você sabe". Ela não gostou, ficou meio revoltada comigo. Mas, menino, nesse período de escola, criatura de Deus, eu sofri tanto. Na reunião, Fátima não deixava eu falar. Quando chegava para me apresentar, para falar: "diga que ela inventou uma coisa para começar". Quando foi um

dia, eu falei assim: "olhe," levantei e disse: "primeiro eu, porque quando a minha companheira aqui terminou, fui eu, então, porque quando eu vou falar, vocês não escutam? Porque vocês não têm moral. Então, se quando vocês vão falar, eu paro e vou ouvir, e agora eu vou falar e vocês não querem me escutar? Pois agora a vez é minha". Aí desci a lenha. O que eu queria falar, acabei tudo.

M1: Ela foi sua primeira professora e depois foi a sua (inint) [00:12:28]?

Maria: Terezinha de (inint) [00:12:29].

M1: E depois foi sua (inint) [00:12:30].

Maria: E depois foi (inint) [00:12:31].

M1: (inint) [00:12:32] ela foi sua supervisora, não é?

Maria: É, depois foi supervisora. Mas, futuramente, graças a Deus, ela mudou muito, sabe. Quando ela veio, esse período que ela adoeceu e que chegou (o período de ela falecer) [00:12:46], Fátima era outra pessoa comigo. (Deixe) [00:12:48] que eu não imaginava e não sabia o que era. Outras pessoas (por trás, fofocando) [00:12:52], sabe, levava alguma coisa e ficava assim, mas depois ela mudou demais, ela mudou. Era uma ótima pessoa.

M1: Então, sua primeira experiência na escola não foi muito boa, não.

Maria: Foi não, mas quando eu comecei a trabalhar... não, de dizer assim, de dentro de escola, para falar a verdade, de dentro de escola eu fazia assim, eu ia para a escola porque gostava, amava a escola - não, de jeito nenhum. Eu estudava porque tinha isso em mim, sabe. Eu sempre fui uma pessoa assim que nunca tive a estrutura dos meus pais, dizer assim: "trabalhe para você ser isso e isso, trabalhe para você adquirir alguma coisa". Não, eu é que ficava pensando: "meu Deus, eu sou tão pobre". Às vezes, eu ficava assim, meu Deus, eu sou tão pobre, será que algum dia eu ainda vou ser dona, ainda vou possuir alguma coisa? Eu pensava, sabe, eu não dizia. Eu nunca fui de desabafar. Eu fui uma criança assim que um outro menino brigasse comigo, eu escondia e não dizia à mãe, com medo de mãe brigar. Nunca fui assim menina arengueira, nunca fui, sabe, eu sempre fui uma menina assim calma, graças a Deus. Ainda hoje, se souber lidar comigo, eu sou, como se diz, não sou boa de tudo, não, porque ninguém é bom de tudo, todo mundo tem defeito, quem somos nós. Mas dentro de escola mesmo, eu era incentivada porque eu tinha vontade. Quando eu fiz meu quarto ano, tinha vontade de fazer o quinto. Porque, primeiro que se fizesse o quinto ano era o mesmo que ser formado hoje, mas meu pai não deixou. O pai de Edna, que era meu (vizinho) [00:14:24], ele lutou muito para meus pais deixar eu ir. Ele me dava de tudo para eu

estudar e ele não deixou, não confiava. Aí, pronto, eu fiquei, mas, graças a Deus, com meu esforço, minha...

M1: Mas você tinha que sair do sítio, não é?

Maria: Era em São Miguel. Com a minha força de vontade, graças a Deus, eu adquiri, depois que eu comecei a, como se diz, ensinar, depois que eu comecei na escola não tive mais dificuldade, porque eu sempre estudava e, graças a Deus, (para mim, clareou muito) [00:14:50].

M1: Mas diga uma coisa, veio passando por todo esse problema, essa dificuldade.

Maria: Dificuldade financeira e de tudo.

M1: De tudo. De onde veio essa vontade de trabalhar como professora, de ser professora?

Maria: Eu?

M1: É.

Maria: Porque eu tinha vontade de ganhar dinheiro e eu achava que o professor era quem ganhava melhor. No fim, me enganei, porque quando eu comecei, eu não ganhava nem 4 cruzeiros, que chamava. Foi aumentando, foi aumentando, foi aumentando, aí, no tempo de doutor Acácio, nós ganhávamos 15 reais, aí mudou para 18. Quando (doutor Narinho) [00:15:25] entrou, mudou para 22. (inint) [00:15:28]. Aí, graças a Deus, lá se vem 88, a Lei da Constituinte, quem não tivesse segundo grau, não ficaria em escola, em sala de aula. Eu fiquei assim, eu já cheia de filho, cheia de criança e grávida também de outro menino e eu imaginava: "não, eu não vou. Mas eu vou", aí disse: "não, você não vem". "Eu vou". Comecei, primeiro (inint) [00:15:49] que chamaram, depois foi o Renascer, que foi esse (que a gente quis) [00:15:52]. Comecei, eram 204 provas, eu já estava com 96, já estava bem avançada. Foi esse tempo que eu estava grávida, a maior dificuldade para ir, eu ganho muito pouco, sem poder ir, até de bicicleta eu ia, ele me levava de bicicleta; eu com sete meses de grávida, indo para oito e lá ia meu marido.

M1: No (Renascer) [00:16:15]?

Maria: Sim, (inint) [00:16:17], que foi o primeiro que começou. Quando eu vi a dificuldade, até emprestar bicicleta dos outros, a gente ia. A sorte que tem um amigo dele, um amigo nosso ali embaixo que sempre emprestou a bicicletinha dele para nós irmos. Mas o perigo também que a gente tinha de sair na bicicleta? Mas eu fui desistindo, aí eu fui e desisti. "Eu vou desistir", com criança que deixava nas casas, deixava na casa da mãe dele, não gostava; deixava na casa da minha irmã, a minha irmã não dizia nada, mas meu cunhado já não achava bom. Apesar de já ficar também dentro da escola, não era fácil também, não. Desisti. Quando foi depois é o Renascer. As outras

terminaram, cada uma recebeu sua bolsa de 5 mil. E a coitada, eu digo: "mas eu agora vou". Aí: "não, não adianta mais, não". Adianta, se não adiantar, também não atrasa. Comecei, graças a Deus, quando foi em 2002 terminei.

M1: (Primeiro quando fazia aula?) [00:17:06].

Maria: Dando aula. Mas quando foi para terminar o Renascer, eu tive que deixar a sala de aula, porque tinha que terminar, eram dois anos. Aí, eu fui para limpeza, fiquei dois anos na limpeza; um ano na limpeza, outro ano precisava de eu estagiar, que era para terminar, aí eu troquei com a zeladora daqui de cima, para ir lá para baixo e eu ficar na creche. Fiquei um ano todo na creche. Mas só que não mudou, em papelada não ficou como monitora, não, entendeu? Continuou do jeito que eu vinha, senão tinha atrapalhado na aposentadoria. Graças a Deus, a gente trocou, passei esses dois anos... Eliana. Eliana Leite, minha filha, minha pedra forte, minha joia de ouro, me ajudou muito. Incentivei muito ela quando a gente foi fazer as provas, eu botava ela copiar mais eu. Ela era bem inteligente. Sempre foi inteligente ela. Quando foi em 2002, ela foi quem fez toda a minha papelada do (inint) [00:18:11] nesse Renascer, sabe, tudo.

M1: E você continuou dando aula?

Maria: E eu dando aula. Aí, comecei a colocar ela para ir em meu lugar. Eu conversava com Tarcísio. Tarcísio aceitou ela ir quase um ano em meu lugar, mas sem ser transferência, sem ser licença, só ela estar no meu lugar. Foi, foi, quando foi transferência, (inint) [00:18:31]: "mãe, não precisa mais mãe ir. Pode conversar com eles lá, que nós ajeitamos (inint) [00:18:37] dar aula". Pronto, ficou dando aula em meu lugar. Uma facilidade, graças a Deus, sabe. Eu só tive a alcançar a vitória, graças a Deus.

M1: Então, você trabalhou quantos anos em sala de aula?

Maria: 35 anos em sala de aula e dois como zeladora. Quer dizer, não foi os dois como zeladora, porque um foi como monitora, mas eu consto que estou como zeladora, porque eles mandaram que eu mudasse, para eu terminar. Foram 37 anos de trabalho.

M1: Muito interessante.

Maria: Muito sofrido, mas gostava. Sempre gostei da minha profissão.

M1: Diga uma coisa, antes de ser aluna, aquela coisa, você falou que entrou por causa da oportunidade que teve. E qual foi a primeira vez que você entrou na sala de aula? Assim, a primeira vez: "agora é minha vez de ser professora" como foi?

Maria: A primeira vez que eu entrei foi no Mobral.

M1: No Mobral.

Maria: Quando eu peguei essa escola do município, eu já estava com três convênios do Mobral, que os convênios do Mobral eram sete meses. Era chamado convênio de sete meses. Quando encerrava os sete meses, tinha novamente outra reunião, a semana de planejamento e a gente voltava de novo, mais sete meses. Eu ensinei os três convênios, foram 21 meses. Quando nós casamos, que eu peguei essa outra escola, no ano em que eu peguei; espere aí, nós casamos em 80, eu já estava trabalhando na escola do município, só que era no nome da minha amiga, que estava em Brasília. Aí, eu fui e passei a do Mobral para ele e fiquei com a do município. Ainda ensinei um convênio junto com a do município. Eu ensinava os dois, à noite ensinava uma e de dia outra. E quando eu comecei a primeira vez, praticamente, tinha o livro didático, o livro do professor.

M1: Tinha livro, então.

Maria: É, tinha livro do professor. (inint) [00:20:29]. Só tinha uma coisa que eu sempre fui mais... eu sempre (imaginava) [00:20:32] mais, era matemática, porque matemática é mais você entender e eu era um pouco (nervosa) [00:20:37]. Mas, graças a Deus, comecei levando assim, a turma também era toda, como se diz, toda do nível baixo. Mas, não tive mais nenhuma dificuldade, não.

M1: (Completo) [00:20:50] com esses mesmos problemas.

Maria: Peguei não sei como assim. Foi Deus mesmo que me ajudou, porque eu tinha assim aquela força de vontade e aquele intuito em que ser professora era ser muito bom e, graças a Deus foi, porque os pais dos meus alunos, me dou com todos eles. Tenho aluno hoje formado, tenho aluno (médio) [00:21:08], tenho aluno de tudo quanto é jeito. Quando passam por mim, é aquela alegria toda, (abraço todo mundo.) [00:21:13]. Hoje, se a gente vai para uma novena, a gente foi para uma novena (no Guardado) [00:21:16]. O ex-prefeito lá do (Encanto) [00:21:19], nessa campanha passada, que foi (inint) [00:21:22], acho que você conhece (inint) [00:21:23].

M1: Conheço.

Maria: Virgem, lá todo mundo se admirou da (forma) [00:21:26] quando ele falou que foi na noite das escolas, dos funcionários e alunos, ele fez uma reflexão muito bem-feita, pois ele se baseou em cima de mim, por conta da bicicleta. Porque eu ia estudar, ia de bicicleta. E muito bom, graças a Deus.

M1: Tinha diferença, assim, quando tinha reunião (inint) [00:21:48], qualquer coisa, você sentia diferença entre os professores da zona urbana e rural?

Maria: Eu não achava muito, não, tinha algumas. Algumas, que você sabe que nunca tem todas iguais.

M1: Eu falo na forma de tratar os professores e tudo o mais.

Maria: Era muito boa, gosto muito.

M1: Então, você achava que não tinha diferença nenhuma?

Maria: Não. Assim, as que vinham de fora, porque sempre quando é a semana pedagógica, que a gente ia a semana todinha, Virgem, vinha professora de fora que mal olhava para a cara da gente. Mas a gente levava muito na brincadeira, porque eu sempre gostei muito de brincar, sabe. Eu, às vezes, e as meninas lá, nós fazíamos muitas brincadeiras na escola, na hora lá da reunião, e elas findavam, quando terminava, que a gente ia se despedir, a gente fazia alguma coisa para elas, (quem estava presente) [00:22:31], tudo se reunia e elas findavam na maior beleza. Da cidade mesmo tinha algumas que discriminavam, porque achavam que o professor da zona rural não sabia de nada, mas eu sempre (inint) [00:22:42], porque até meu Diário de Classe, eu fazia das três professoras daqui, vinha (inint) [00:22:46] para mandar eu fazer, ajudar a fazer. E, graças a Deus, nunca tive muita dificuldade de fazer, não. (inint) [00:22:52].

M1: Mas no sentido mesmo assim, os colegas da zona, os professores.

Maria: Os colegas assim, professor de lá e professor de cá, não é?

M1: Isso.

Maria: Não, não tinha muito, não. Eram alguns. Tinha alguns que ficavam assim, de discriminar. No início, quando era para a gente formar grupo, para trabalhar em grupo, eu não sei, que eu acho que hoje eles ainda trabalham, não? É mais difícil, mas de primeiro vinham aqueles grupos. E a gente pegava delas que não queriam ficar com a gente, mas aí depois elas pegaram a ver que a gente era assim um pouco criativas, viram que a gente não era (derrotada) [00:23:25] de tudo, apesar de todo o sofrimento, de fazer tudo. Mas aí elas findavam na boa com a gente.

M1: Então, nesses 30 e poucos anos, não teve assim, você não vê tanta diferença assim?

M1: Não, não vi muita diferença assim, de ficar marcando ninguém. Assim de achar: "eu não gosto de fulano, porque fulano fazia isso e isso", não. A única pessoa que tinha no início, até mais ou menos uns dez anos, era só Fátima mesmo. Mas eu acho que era por conta de um professor que veio para aqui, para nós e era no tempo que eu estava na limpeza. Eu fazia de tudo para deixar tudo limpinho, sem nenhuma mancha, quando ele chegava, ele e, às vezes, (inint) [00:24:10], ficava assim: "tem uma manchinha em tal canto". Eu digo: "Rapaz, nunca vai tirar. Porque eu não sei se

eu posso ter trabalho, eu limpei agora, vocês passaram, não ficou mancha nenhuma no chão?" Porque era cimento e não era com aquele horror de produto, como tem, hoje tem tudo quanto é tipo de produto, tem até um quando você quiser passar sem nem se mexer do canto para sair. Aí, eu acho que ele deve ter contado alguma coisa a Fátima e Fátima queria achar que por certo eu não limpava bem. Então, eu disse a ela: "Fátima, você está pensando que eu sou uma pessoa tão debochada com você. Passe lá na minha casa, para você ver se na minha casa (inint) [00:24:46] você entrar. Minha casa é uma casa pobre, mas graças a Deus que é limpa". Sempre dizia para ela, eu também não engolia muito, não. Mas aí, depois ela mudou, ela viu que não era o que estavam fazendo, o que estavam querendo era destruir.

M1: Então, de toda forma, teve conflito.

Maria: Teve, muitos anos. Conflito teve muitos. Teve um ano que a minha sogra, mãe de (Elair) [00:25:09], inventou um monte de coisa lá na prefeitura, que fizeram eu perder minha escola quatro meses. Eu precisei ir para São Paulo, porque nós ficamos sem nada, ficamos sem a escola, por conta de política, sabe. Foi no tempo de (Ivo Bastião) [00:25:21]. Depois, era Bastião ou Acácio. Aí, depois fomos chamados de novo. Aí, Raimundo Fernando foi quem mandou Elza pegar minha papelada e trazer, entregar na minha mão.

M1: Então, você foi perseguida politicamente?

Maria: Perseguida por demais e como fui. Ave-Maria, de quatro em quatro anos era um sofrimento para a gente. Você sabe que os políticos ficam em volta da gente. Um quer voto, outro não quer e você não pode abrir o bico, se você abrir o bico, já viu como é, é uma cachorrada da moléstia. Mas, graças a Deus que...

M1: Entendi. É porque eu já tinha (ficado de) [00:26:04] professor também, (ajudar os professores) [00:26:06].

Maria: Não, a gente passou por muita tribulação, passamos por muita. Mas a gente também não era de ficar sempre, toda a vida calada, a gente também falava, mas que foi sofrido, foi. Para a gente chegar nesses 37 anos, não é brincadeira, não. E o ganho que a gente tinha, que era aquela... Ave-Maria.

M1: Vocês já se valorizada, naquela época? Você se sentia valorizada, naquela época?

Maria: Que conversa. Conversa, nós tínhamos valor para nada, pelo amor de Deus. Ganhava aquele pouquinho e era perseguido que nem a peste. Ave-Maria. O ganho era péssimo e a gente só fazia muito era trabalhar e não era bem visto. Só que assim, eu não fui nunca assim de deixar...

M1: Bem visto por quem?

Maria: Por, como se diz, eles lá, o pessoal de prefeitura, secretaria e tudo. E sempre ficava assim. Quando eu completei meus 25 anos de trabalho, dizia que se juntasse os de agricultora, eu aposentava. Eu fui ver, não tinha jeito. Aí, quando fiquei com os 30, eu queria me aposentar para eu sair. Eu digo: "Eu vou sair, porque é muito sofrimento, Ave Maria, eu acho que já sofri demais, é muita coisa" e as coisas iam ficando cada dia mais, como se diz, mais puxadas, porque a gente com pouco saber, só tinha o segundo grau. Mas aí eu fui para me aposentar, aí o homem do INSS disse: "Maria, eu sendo você, eu esperava mais cinco anos. Com 35 anos, você entra com os seus direitos". Quando eu dizia isso, Fátima dizia: "vocês estão boas de cuidar em se aposentar". Eu digo: "vá você se aposentar, você está mais velha do que nós e é mais velha de trabalho", que ela aposentou-se por uma escola, ainda pegou outra. Ela era aposentada e professora, depois diretora. Aí: "vocês podem trabalhar 40 anos, que vocês só vão ganhar o que vocês ganham". Eu digo: "você está muito enganada ou mal informada", porque eu sempre gostei de procurar informação. Já tinha procurado o advogado lá em (inint) [00:28:07], ele disse: "não, se vocês deixar para se aposentar com 35 anos, vocês entram (em conjunto) [00:28:13], (inint) [00:28:14]. Ela só vivia dizendo que não. Quando Francina estava prestes... entrevistou Francina?

M1: Foi, ela se aposentou em 2005.

Maria: Com 25 anos, ainda não tinha nem os 30, de tanta (inint) [00:28:25] que a coitada era. Ela disse que tinha muita dificuldade, sabe, de fazer, como se diz, as tarefas escolares, não estava mais aguentando, não. Aí, ela se aposentou. Quando ela aposentou, eu fui lá na junta trabalhista e procurei saber se ela tinha direito a ficar na justiça, para receber os direitos dela, aí ele foi e disse que sim. Eu vim e disse a ela, ela caiu na besteira de dizer a Fátima. Fátima disse: "É besteira você botar, porque questão de pobre com rico vão só perder. Vocês não têm direito a nada". Eu disse: "mas, Francina, não vai em onda de ninguém, não. Eu mando (inint) [00:29:01], - (inint) [00:29:02] é o marido, - eu mando (inint) [00:29:03] com você em Pau dos Ferros, lá na junta trabalhista. Você vai, quando chegar lá, ela já pesquisou, porque eu tinha levado a cartinha dela, de quando ela recebeu. Pois ela não foi. Foi em ondas de Fátima, não foi de jeito nenhum. Aí, Fátima foi e perguntou a (inint) [00:29:16]. (inint) [00:29:17] que é o sobrinho dela que é advogado. Ele foi e disse: "não, tia Fátima, ela tem o direito. Se ela botar, ela tira". Pois Francina foi na onda dela, deixou. Eu não sei se ela falou para você, talvez não. Quando foi com uns cinco anos, ela descobriu que tinha direito, foi, quando chegou lá, perdeu por tempo limitado.

M1: Ela falou que (fez cinco anos, ela perdeu) [00:29:37] tempo limitado.

Maria: Perdeu por tempo limitado, 39 mil, o menino lá da junta mostrou a tela a ela: "está aqui, a senhora perdeu esse dinheiro aqui todinho". Perdeu tudo isso, porque foi em onda dos outros.

M1: Será que ela foi perseguida politicamente também?

Maria: É perseguição, acho que é assim, por achar que tinha muito, achava que nós não adiantava a gente ir com questão de pobre com rico. Eu fui para Pau dos Ferros e procurei um advogado, para colocar minha perda salarial na justiça porque a carteira antigamente era fichada com 60% do salário-mínimo e nós não recebíamos isso. Botei, quando foi com dez anos, - e tudo se desfazendo de mim, que não dava. Até o meu marido me dizia que se eu recebesse, não ia poder usar. Aí, era aquela brincadeira toda. Convidei as outras professoras. Ninguém quis ir: "que conversa, Maria, besteira professor entrar em justiça, pobre com rico só vai perder e quebrar a cara". Eu digo: "tá bom". Quando eu recebi, recebi quase 14 mil. Aí, endoidou tudo. "Vamos para lá, vamos para lá." Quando chegou lá, diz que perdeu, porque não colocaram, perderam, não tinha mais direito.

M1: Então, você sempre foi muito assim, mesmo com a tribulação, você sempre foi em busca do direito?

Maria: Sempre gostei de buscar. A gente perdia aqui (inint) [00:30:50], eu ia atrás, mexia até vir. Quando vinha, vinha o das outras e o meu não entrava. Não tinha nada, não, mas o meu ainda entra. E eu ficava lá: "Tarcísio, eu quero o meu. Você botou o das outras, tirou o meu". Aí, botava. Salário-família, nós perdíamos, eu corria atrás, ia atrás do advogado, ele dizia: "faça isso e isso". Nunca perdi. E hoje estou aí, com os meus direitos na justiça e estou vendo a hora se eu preciso tirar (inint) [00:31:17]. Porque se pega brincar, porque as outras receberam, quase todas receberam. Nós somos aí umas oito a dez que ainda não receberam e o advogado está com uma moleza, com uma história que vamos ver, vamos pedir a Deus. Sim, vamos pedir a Deus, sim, mas vamos pedir a ele, que foi quem botou na justiça, Deus é que vai ajudar. Não tem essa historinha, não. Gritar por Deus e não fazer nada, não é?

M1: Mas me diga uma coisa, você trabalhou em quantas escolas em zona rural? Ou foi só aqui no (inint) [00:31:44].

Maria: Trabalhei no (inint) [00:31:45], (Domingos) [00:31:46] Ferreira, lá no grupo de Abigail, aqui no comum e no (inint) [00:31:53] do acampamento.

M1: Quatro colégios. Entendi.

Maria: E só mudei dessa daqui, - trabalhei 25 anos aqui, - só mudei dessa daqui para o (Domingos) [00:32:03] Ferreira porque (quis dar o deslocamento para) [00:32:05] a Eliana. Retirar ela do Doutor Severiano, para ela vir morar para aqui.

M1: Entendi. E como era assim a vida inteira trabalhando em zona rural, como era ser professora da zona rural, para a senhora, comparada a que se via na zona urbana?

Maria: Eu achava que era por ser na zona rural, a gente não tinha condições de trabalhar na cidade, só podia ser aqui. Mas no fim não era, porque a gente podia trabalhar em qualquer lugar, mas a gente era tão assim discriminada. Acho que o saber da gente, também a gente não tinha condições de estudar muito. Eu mesma me conformava, que eu sabia que eu não tinha estudo, meu estudo era pouco.

M1: Mas tinha o lado bom ser professora de zona rural?

Maria: Tinha, eu achava. Só tinha uma dificuldade maior que eu achava, quando era lá em cima, que é longe daqui. É quase como daqui lá na entrada do Bonito. A gente vinha a pé, com o caldeirão de merenda quente nas mãos, porque não tinha o que fazer na escola, não dava.

M1: Vocês faziam em casa?

Maria: A gente fazia em casa.

M1: E o que de bom tinha trabalhar na zona rural?

Maria: Eu lembro que o que tinha de bom era minha força de vontade e o ganhosinho, que a gente não tinha outro, o jeito que tinha era achar bom.

M1: Entendi.

Maria: E assim lidar com os alunos. Os alunos sempre foram uns meninos muito bons comigo, os pais dos alunos tinham aquele carinho pela gente e os alunos também. Ave-Maria, onde eles me viam, ainda hoje, onde eles me veem é um carinho. Eu mesma tenho o maior carinho por eles.

M1: Então, a gente falou bastante sobre isso, mas nesses 37 anos que a senhora trabalhou em sala de aula, o que mais marcou assim de bom, nesse tempo. Você teria como falar alguma coisa desses 37 anos?

Maria: Marcou muita coisa boa. Tinha muitos pontos negativos, mas tinha até muitos pontos bons. É porque a gente falar de si mesmo, quando a gente vai falar, a gente sente assim dificuldade. Mas eu mesma me sentia muito bem, apesar de que a gente ficava naquela luta em casa, quando a

gente saía com as outras professoras, no dia de pagamento era tão gostoso a gente ir todo mundo junto, em dia de reunião, aquela alegria, todo mundo junto, sabe. E na escola mesmo, eu sempre gostei de ficar (inint) [00:34:33]. Vou dizer: "não, porque a gente ganhava pouco, ganhava uma miséria". Não, não é isso. Eu jamais vou chegar a esse ponto de estragar demais. Assim, porque se era uma coisa, eu acho assim, não é do professor, qualquer área de serviço que a gente for trabalhar, que a pessoa vê que não tem cabimento, que é maltratado, que é A ou B, deixe, porque tem tantas que querem. Eu sempre digo isso, eu sempre falo isso. Tem professor, a gente tem que colocar (a vírgula) [00:35:08], que a gente sabe que tem alguns, ou algumas, que não tratam bem o aluno, que não dão chance nenhuma para o aluno. Porque os alunos de hoje também são muito trabalhosos. Muito, eu tiro pelo daqui de casa, que não quer estudar de jeito nenhum. Cabrão, com 15 anos sem a formatura de um homem mesmo, mas não liga. E eu, graças a Deus, meus alunos, eu só peguei, posso lhe dizer de fé e verdade, eu só peguei dois alunos ruins. Sabe, assim, má conduta. Meus alunos eram muito bons, se eu reclamasse, eles atendiam. Tinha aquele carinho pela gente, sabe aquele medo da gente conversar com os pais, que hoje ninguém tem mais. (Hoje o conselho já veio na minha casa duas vezes) [00:35:48], (inint) [00:35:50]. E, como se diz, muitas e muitas coisas que a gente sabe que dentro da sala de aula não pode ter e os alunos têm. E o professor tem que ser pai e mãe, palhaço, tudo quanto não presta. Querem botar para cima da gente dentro da escola. Se o aluno disser uma mentira de você, se for para a diretoria, é acreditado, ele, por mais que ele seja danado. Peguei um aluno que trouxe um revólver para a escola, o que ele queria fazer com ele, eu não sei, se era para mim ou se era para os amigos. Mas eu cheguei a chamar ele e tomei das mãos dele. Queria deixar na casa do pai, e ele pediu por tudo, que nunca mais trazia. E eu confiei, entreguei. Pegava aluno de eu mandar fazer um dever, ele ficar me desaforando e eu pegar ele assim, pegar e sentar ele em uma cadeira lá e deixar. A mãe vir na escola tirar e eu dizer: "você não entra para vir tirar, porque eu estou com o seu filho; se não quiser que ele estude, que tire. Agora, se sair com ele hoje, não entra mais". E, graças a Deus, ela reconheceu, viu que não era como ela estava pensando. Teve os pontos negativos, sim, mas também teve os positivos, que ajudou com que eu ficasse até esse tempo todo.

M1: Vale a pena ser professora?

Maria: Vale. Eu acho, do meu ponto de vista, que sim. Porque, além de você estar adquirindo mais coisas boas para si próprio; porque se a pessoa, por exemplo, você vai dar uma aula, muitas vezes, você está imaginando: "o que é que eu vou fazer? Eu estou no mundo da lua",

quando pensa que não, você bate assim, você pega todos os conteúdos e dá tudo certo. Porque seria para quem? Para seu aluno? Sim e para si também. Porque tudo o que a gente faz de bom para os outros é para si que está fazendo. Eu aprendi muito com os meus alunos, aprendi muito com a minha escola, aprendi mais do que no tempo em que eu estudava. Eu aprendi mais ensinando do que no tempo que eu estudei. Porque o tempo que eu estudei, eu fui mais discriminada do que estudava. Para começar, nem os livros eu não tinha condições, era tudo livro emprestado. Tudo livro emprestado, nunca estudei com livro meu, foram todos emprestados. Sei até hoje quem me emprestava tudinho. E hoje você tem tudo, você pode comprar um livro. Se você quiser avançar, qualquer pessoa, você pode comprar. O ganho também não está aquela coisa toda, mas também não está rebaixado como era no nosso tempo. Porque falar a verdade, professor hoje, eu sei que ele não é tão valorizado como ele merece ser, mas também ele não está rebaixado demais. Não é isso? Eu acho que não estou desvalorizando, nem estou só, como se diz, elogiando de achar, por exemplo, que os maiores, que são quem nos manda, que a gente seja só uma, como se diz, o mais baixo, não.

M1: E vale a pena ser professor na zona rural hoje?

Maria: Eu acho, para mim mesma, eu acho que sim. Sabe por que eu acho que não está mais valendo muito? Porque não tem mais (inint) [00:38:43], os alunos estão indo para São Miguel, mas no tempo da gente, tinha que ser, era que ou ficava, ou não tinha para onde ir.

M1: E o que a senhora acha deles que estão saindo para (inint) [00:38:55]?

Maria: Em muitos pontos, eu acho que vale a pena, mas a maioria eu acho que está sendo uma destruição. Eu acho, porque tem uma parte de lucro, enquanto está estudando, sim, na zona rural, ele ainda tem um pouquinho, quando ele passa para lá, ele pega (inint) [00:39:12], ele não está mais nem aí para nada. Quer mais não, assentar um pouquinho? Eu acho isso. Não sei se eu estou errada em dizer isso, mas no meu ponto de vista, a maioria dos alunos que estão indo para a rua é só para irem para a rua mesmo, não é nem para a escola, não. Porque quem quer estudar, estuda onde tem um professor bom. O meu menino aqui, eu quero botar ele lá no Bonito do acampamento. Lá tem professor bom, tem professora boa, por que é que ele não quer ir? Porque indo para São Miguel, lá ele não está perto de mim, lá tem a Eliana para ver ele, e sabe que vai reclamar, não vai deixar ele fazer o que quer. E lá em São Miguel, quem é que vai dizer nada? Ele vai casar e batizar, bater e virar e deitar e rolar e pronto e fica aí. Pois é, meu filho, eu acho que vale a pena, é aquela questão, não é tanto, mas...

M1: E o que a senhora acha desse fechamento aqui de escola da zona rural?

Maria: Olhe, eu acho, eu vou dizer o que eu penso, a minha pessoa, que não era para ser assim, não. Era para, se não tem professor na zona rural, mandasse, porque a facilidade hoje está grande. Mandasse um professor bom, um professor que, como se diz, que determinasse uma sala de aula, que não deixasse o aluno fazer o que queria, que conversasse com os pais e dissesse: "olhe, pai ou mãe, é assim, assim e assim e tem que ser assim". Porque, meu filho, eu vou dizer, a destruição de aluno hoje está grande, com esse troca-troca, com esse vaivém. Fecha a escola, pronto, lá se vai, sai aquele menino lá para onde, às vezes, os pais nem condições de estar deixando têm. Não ajuda a fazer nada, não quer trabalhar e só estão aí é fazendo tudo quanto é coisa de errado.

M1: Para a gente terminar, se a senhora fosse escrever um livro, ou se alguém fosse escrever um livro, o que a senhora queria deixar marcado para ninguém nunca esquecer dessa carreira da senhora de 37 anos?

Maria: O que eu gostaria de fazer?

M1: É, que a senhora não queria que ninguém esquecesse.

Maria: Não sei o que vale a pena responder agora. Eu acho assim, eu sou uma pessoa de muita lembrança, graças a Deus. Coisas da minha infância, eu sei mais do que de hoje. Assim, sabe, eu não tenho perda de memória das coisas que passam. Mas eu acho que se eu fosse escrever um livro, da minha história de infância, adolescência, juventude e professora, eu acho que daria um livro bem marcante.

M1: O que seria mais marcante assim nessa vida de professora, que você acha que tinha que ir para (inint) [00:41:53]?

Maria: O ponto negativo da nossa época era o ganho, que era relaxado, que ninguém ganhava nada. Não era visto como nada. A gente era visto assim como, não sei nem lhe dizer como era, como nada. Mas com o objetivo de tratamento assim de como trabalhou, me marcava muita coisa boa, sim. Só em eu ter aquela força de vontade, eu ter aquele desejo, aquela vitória que eu tive de assumir o meu compromisso, graças a Deus, me considero até hoje; não me considero mais como professora, porque no tempo de hoje, acho que eu não aguentava ser professora, não. Só se eu tivesse uma ajuda muito grande assim, não é, porque só com o saber da gente, eu acho que não tinha mais muito objetivo, não, mas no tempo antes, sim. Muitas coisas boas me marcaram.

[00:42:51]